



- Amor, etc.*
Bel Kaufman
- Taboez*
Lillian Hellman
- Ser Feliz É Complicado Demais*
Sandra Hochman
- Herland, A Terra das Mulheres*
Charlotte Perkins Gilman
- A Caça às Bruxas*
Lillian Hellman
- O Amor É um Olá e um Adeus*
Sandra Hochman
- Memórias de uma Revolucionária*
Yuan-tsung Chen
- Ingrid Bergman — História de uma Vida*
Ingrid Bergman e Alan Burgess
- Uma Mulher Inacabada*
Lillian Hellman
- Uma Mulher Escandalosa*
Edna O'Brien
- Aspectos do Presente*
Margaret Mead e Rhoda Metraux
- Os Lobos*
Ann Arensberg
- Confidências de Três Mulheres*
Nan Bishop, Sarah Hamilton & Clare Bowman
- Oona O Grande Amor de Chaplin*
Frederick Sands

HERCULINE BARBIN O Diário de um Hernafrodita

Prefácio
MICHEL FOUCAULT

Novela
OSCAR PANIZZA

Tradução
IRLEY FRANCO


Francisco
ALVES

\$ 7,00

T

© 1978, by Éditions Gallimard

Título original: *Herculine Barbin dite Alexina B*

Revisão tipográfica:

Airton Rodrigues de Oliveira e Salvador Pittaro

A tradutora agradece a preciosa colaboração do Prof. Roberto Machado.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F86h
Foucault, Michel.
Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita / Michel Foucault; tradução de Irley Franco. — Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
(Coleção Presença)
Tradução de: Herculine Barbin dite Alexina B.
1. Barbin, Herculine 2. Hermafroditismo I. Título II. Título: O Diário de um hermafrodita III. Série.

CDD — 925.7421667
CDU — 92:577.83

82-0871

1983

Todos os direitos desta tradução reservados à:
LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.
Rua Sete de Setembro, 177 — Centro
20050 — Rio de Janeiro — RJ

Não é permitida a venda em Portugal.

S U M Á R I O

- O Verdadeiro Sexo, 1
Minhas Memórias, 11
Dossiê, 105
Nomes, datas e lugares, 109
Relatórios, 111
Imprensa, 131
Documentos, 133
Um Escândalo no Convento, 138

O VERDADEIRO SEXO

Michel Foucault

PRECISAMOS *verdadeiramente* de um *verdadeiro* sexo? Com uma constância que chega às raias da teimosia, as sociedades do ocidente moderno responderam afirmativamente a essa pergunta. Situavam obstinadamente essa questão do “verdadeiro sexo” numa ordem de coisas onde se podia imaginar que só contam a realidade dos corpos e a intensidade dos prazeres.

Contudo, por muito tempo, tais exigências não existiram. Prova disso é a história do estatuto que a medicina e a justiça concederam aos hermafroditas. Muitos séculos se passaram até que se postulasse que um hermafrodita deveria ter um único e verdadeiro sexo. Durante séculos, admitiu-se simplesmente que ele tivesse os dois. Monstruosidade que suscitava espanto e acarretava suplícios? Na realidade, as coisas foram bem mais complicadas. Temos, é verdade, diversos testemunhos de condenações à morte, tanto na antigüidade quanto na Idade Média. Mas temos também uma abundante jurisprudência de tipo totalmen- te diverso. Na Idade Média, as regras do direito — canô- nico e civil — eram bastante claras a esse respeito: eram chamados de hermafroditas aqueles em quem se justapu- nham, segundo proporções que podiam ser variáveis, os dois sexos. Nesse caso era papel do pai ou do padrinho (os que “nomeavam” a criança) fixar, no momento do batis- mo, o sexo que deveria ser mantido. Se fosse o caso, acon-

selhava-se escolher dentre os dois sexos o que parecesse dominar, o que tivesse "maior vigor" ou "maior calor". Mais tarde, entretanto, no início da idade adulta, quando chegasse o momento de se casar, o hermafrodita era livre para decidir se desejava ser sempre do sexo que se lhe havia atribuído, ou se preferia o outro. O único imperativo era que, uma vez escolhido seu sexo, ele não mais o poderia trocar, e o que havia então declarado deveria ser mantido até o fim de sua vida, sob pena de ser considerado sodomita. Eram essas mudanças de opção e não a mistura anatómica dos sexos que engendravam a maior parte das condenações dos hermafroditas de que se tem notícias na França, na Idade Média e no Renascimento.

As teorias biológicas da sexualidade, as concepções jurídicas do indivíduo, as formas de controle administrativo nos Estados Modernos, acarretaram pouco a pouco a recusa da idéia de mistura dos dois sexos em um só corpo e conseqüentemente à restrição da livre escolha dos indivíduos incertos. A partir de então, um só sexo para cada um. A cada um sua identidade sexual primeira, profunda, determinada e determinante; quanto aos elementos do outro sexo que possam eventualmente aparecer, eles são apenas accidentais, superficiais, ou mesmo simplesmente ilusórios. Do ponto de vista médico, isto quer dizer que não se trata mais de reconhecer no hermafrodita a presença dos dois sexos justapostos ou misturados, nem de saber qual dos dois prevalece; trata-se, antes, de decifrar qual o verdadeiro sexo que se esconde sob aparências confusas; o médico terá que de certo modo despir as anatomias enganadoras, e reencontrar por detrás dos órgãos que podem ter encoberto as formas do sexo oposto, o único sexo verdadeiro. Para os que sabem olhar e examinar, as misturas de sexo são apenas disfarces da natureza: os hermafroditas são sempre "pseudo-hermafroditas". Ao menos, foi essa a tese que se impôs no século XVIII, através de um certo número de acontecimentos importantes e apaixonadamente discutidos.

Do ponto de vista do direito, isso implica evidentemente o desaparecimento da livre escolha. Não cabe mais ao indivíduo decidir o sexo a que deseja pertencer jurídica ou socialmente; cabe ao perito dizer que sexo a natureza escolheu, e que conseqüentemente a sociedade exigirá que ele mantenha. A justiça, se for necessário apelar a ela (quando por exemplo suspeita-se que alguém não esteja vivendo sob o seu verdadeiro sexo e tenha se casado abusivamente), terá que estabelecer ou restabelecer a legitimidade de uma natureza que não tenha sido suficientemente reconhecido. Mas se a natureza, por suas fantasias ou acidentales, pode "enganar" o observador e esconder durante algum tempo o verdadeiro sexo, pode-se também suspeitar que os indivíduos dissimulam a consciência profunda de seu verdadeiro sexo e se aproveitam de certas estranhezas anatómicas a fim de servir-se de seu próprio corpo como se ele fosse de um outro sexo. Em suma, as fantasmagorias da natureza podem servir aos abusos da libertinagem. Daí o interesse *moral* do diagnóstico *médico* do verdadeiro sexo.

Sei muito bem que a medicina do século XIX e XX corrigiu muitas coisas com relação a esse simplismo redutor. Atualmente, ninguém diria mais que todos os hermafroditas são "pseudo-hermafroditas", mesmo se restringíssemos consideravelmente um domínio no qual se fazia entrar antigamente, de modo desordenado, anomalias anatómicas diversas. Admite-se também, aliás com muita dificuldade, a possibilidade de um indivíduo adotar um sexo que não é biologicamente o seu.

Não obstante, a idéia de que se deve ter um verdadeiro sexo está longe de ser dissipada. Seja qual for a opinião dos biólogos a esse respeito, encontramos, pelo menos em estado difuso, não apenas na psiquiatria, psicanálise e psicologia, mas também na opinião pública, a idéia de que entre sexo e verdade existem relações complexas, obscuras e essenciais. Somos, é verdade, mais tolerantes em relação às práticas que transgridem as leis. Mas continuamos a

pensar que algumas dentre elas insultam "a verdade": um homem "passivo", uma mulher "viril", pessoas do mesmo sexo que se amam... Nos dispomos talvez a admitir que talvez essas práticas não sejam uma grave ameaça à ordem estabelecida; mas estamos sempre prontos a acreditar que há nelas algum "erro". Um "erro" entendido no sentido mais tradicionalmente filosófico: um modo de fazer que não se adequa à realidade; a irregularidade sexual é percebida mais ou menos como pertencendo ao mundo das quimeras. Eis por que nos desfazemos tão facilmente da idéia de que são crimes; mas dificilmente da suspeita de que são ficções involuntárias ou complacentes, mas de qualquer forma inúteis e que seria melhor dissipá-las. Acordai jovens, de vossos prazeres ilusórios; despojai-vos de vossos disfarces e lembrai-vos que tendes um verdadeiro sexo!

Além disso, admitimos também que é no sexo que devemos procurar as verdades mais secretas e profundas do indivíduo; que é nele que se pode melhor descobrir o que ele é e aquilo que o determina; e se durante séculos acreditamos que fosse necessário esconder as coisas do sexo porque eram vergonhosas, sabemos agora que é o próprio sexo que esconde as partes mais secretas do indivíduo: a estrutura de seus fantasmas, as raízes de seu eu, as formas de sua relação com o real. No fundo do sexo, está a verdade.

No cruzamento dessas duas idéias — a de que não devemos nos enganar a respeito de nosso sexo, e a de que nosso sexo esconde o que há de mais verdadeiro em nós mesmos — a psicanálise consolidou seu vigor cultural. Ela nos promete ao mesmo tempo, nosso verdadeiro sexo e a verdade de nós mesmos que vela secretamente nele.

* * *

O livro *Herculine Barbin* é um documento dessa estranha história do verdadeiro sexo. Ele não é o único, mas é bastante raro. É o diário, ou melhor, são as memórias dei-

xadas por um desses indivíduos a quem a medicina e a justiça do século XIX perguntavam obstinadamente qual era a verdadeira identidade sexual.

Criada como uma moça pobre e digna de mérito, num meio quase que exclusivamente feminino e profundamente religioso, Herculine Barbin, cognominada Alexina pelos que lhe eram próximos, foi finalmente reconhecida como sendo um "verdadeiro" rapaz; obrigado a trocar legalmente de sexo, após um processo judiciário e uma modificação de seu estado civil, foi incapaz de adaptar-se a uma nova identidade e terminou por se suicidar. Sou inclinado a dizer que a história seria banal, se não fossem duas ou três coisas que lhe dão particular intencionalidade.

Primeiramente a data. É exatamente por volta dos anos 1860-70 que a procura de identidade na ordem sexual é praticada com maior intensidade: não só o verdadeiro sexo dos hermafroditas, mas também a identificação das diferentes perversões, sua classificação, caracterização, etc.; em suma, o problema do indivíduo e da espécie na ordem das anomalias sexuais. É sob o título de *Questão de identidade* que se publica em 1860 numa revista médica a primeira observação de Alexina B.; é um livro sobre *A Questão Médico-Legal da Identidade* que Tardieu publica a única parte das memórias que foi encontrada. Herculine-Adélaïde Barbin, ou ainda Alexina Barbin, ou ainda Abel Barbin, designada em seu próprio texto ora pelo nome de Alexina ora pelo de Camille, foi um desses heróis infelizes da caça à identidade.

Com um estilo gracioso, afetado, alusivo, um pouco pomposo e em desuso, que era para os internatos daquela época não só um modo de escrever mas também uma maneira de viver, a narrativa escapa a todas as capturas possíveis da identificação. Parece que no meio feminino em que vivia ninguém quis jogar o duro jogo da verdade que os médicos impuseram mais tarde à anatomia incerta de Alexina, até a descoberta que todos retardavam o mais

possível, e que dois homens, um padre e um médico, finalmente precipitaram. Esse corpo um tanto desengonçado, pouco gracioso e cada vez mais aberrante, que crescia entre moças, parece que ninguém olhando percebia; mas como exercia sobre todos, ou melhor sobre todas, um certo poder feiticeiro que enevoava os olhos e calava na boca toda e qualquer pergunta a seu respeito. O calor que aquela presença estranha dava aos contatos, às carícias e aos beijos que circulavam através dos jogos daquelas adolescentes, era acolhido com tanta ternura que não dava lugar à curiosidade. Tanto as jovens falsamente ingênuas quanto as velhas professoras, que se acreditavam experientes, eram cegas, tão cegas quanto se pode ser numa fábula grega, quando viam sem ver aquele Aquiles magricela escondido no internato. Temos a impressão — pelo menos se acreditamos no relato de Alexina — que tudo se passava num mundo de impulsos, prazeres, tristezas, tepidez, doçuras, amarguras, onde a identidade dos parceiros e sobretudo o enigmático personagem em torno do qual tudo se desenrola, não tinha nenhuma importância. Tratava-se de um mundo onde pairavam no ar sorrisos sem gato.

As memórias de sua vida, Alexina escreveu quando já havia sido descoberta e estabelecida sua nova identidade. Sua “verdadeira” e “definitiva” identidade. Mas é óbvio que não é do ponto de vista desse sexo enfim encontrado ou reencontrado que ela as escreve. Não é o homem que fala, tentando relembrar as sensações e a vida de quando não era ainda “ele-mesmo”. Quando Alexina redige suas memórias, não está longe do seu suicídio; ela tem sempre para ela mesma um sexo incerto; mas é privada das delícias que experimentava em não ter esse sexo, ou em não ter totalmente o mesmo sexo que tinham aquelas com as quais vivia, amava e desejava tanto. E o que ela evoca do seu passado é o limbo feliz de uma não-identidade, que protegia paradoxalmente a vida dentro daquelas sociedades fechadas, estreitas e calorosas, onde se tem a estranha felicidade, ao

mesmo tempo obrigatória e interdita, de conhecer apenas um único sexo.¹

Quase sempre, os que relatam sua mudança de sexo pertencem a um mundo bissexual; e o mal-estar de sua identidade traduz-se no desejo de passar para o outro lado — para o lado do sexo que desejam ter ou a que gostariam de pertencer. Aqui, a intensa monossexualidade da vida religiosa e escolar serve de revelador aos doces prazeres que descobre e provoca a não-identidade sexual quando ela se perde no meio de todos aqueles corpos semelhantes.

* * *

Nem o caso de Alexina, nem suas memórias parecem ter despertado muito interesse na época. Em sua imensa recensão de casos de hermafroditismo Neugebauer² faz um resumo e uma longa citação do caso de Alexina. A. Dubarry³, um autor polígrafo de histórias de aventura e romances médico-pornográficos, gêneros muito apreciados na época, utilizou manifestamente diversos elementos da história de Herculine Barbin em seu livro *Hermaphrodite*. Mas é na Alexina que a vida de Alexina encontra um eco remarkável. Trata-se de uma novela de Panizza, intitulada *Um Escândalo no Convento*. Nada há de extraordinário no fato de que Panizza possa ter tomado conhecimento do texto de Alexina através da obra de Tardieu: ele era psiquiatra e fez em 1881 uma viagem à França. Na França, interessou-se

1 Na tradução inglesa do texto, é difícil manter o jogo de epítetos masculinos e femininos aplicados a Alexina por ela mesma. Femininos antes de haver possuído Sara, masculinos em seguida. Entretanto, essa sistematização sublinhada pelo uso do grifo não parece descrever uma consciência de ser mulher tornando-se uma consciência de ser homem; porém, mais do que a relação irônica de categorias gramaticais, médicas e jurídicas, mais o conteúdo do texto desmente.

2 F. L. von Neugebauer, *Hermaphroditismus beim Menschen* (Leipzig, 1908, 748 p.). Notar o erro cometido pelo impressor no nome de Alexina B. sob um retrato que não é absolutamente o seu.

3 A. Dubarry também escreveu uma longa série de ensaios — *Les Déséquilibrés de l'amour. Le coupeur de nattes, Les Femmes eunuques, Les invertis, Le plaisir sanglant, l'Hermaphrodite*.

mais pela literatura do que pela medicina, mas deve ter lido o livro sobre *A Questão Médico-Legal da Identidade*; se é que não o encontrou numa biblioteca alemã em 1882, quando retornou à Alemanha e exerceu durante algum tempo sua profissão de psiquiatra. O encontro imaginário entre a pequena provinciana francesa de sexo incerto e a psiquiatra frenética que morreria no asilo de Bayreuth causou surpresa. Por um lado, os prazeres furtivos e sem nome que crescem na tepidez das instituições católicas e internas de moças; por outro, a raiva anticlerical de um homem em quem entrelaçavam-se estranhamente um positivismo agressivo e um delírio de perseguição no centro do qual reinava Guilherme II. Por um lado, os estranhos amores secretos que uma decisão de médicos e juizes tornou impossível; por outro, um médico que foi condenado a um ano de prisão por ter escrito *Concile d'Amour*, um dos textos mais escandalosamente "anti-religiosos" numa época em que esses textos abundaram, e que foi expulso da Suíça, onde procurou refúgio depois de "atentado" contra uma menor.

O resultado é excelente, Panizza conservou alguns importantes elementos do caso: o nome de Alexina B., e a cena do exame médico. Por alguma razão que não consegui compreender, ele modificou os relatórios médicos (talvez porque utilizando apenas sua própria memória, sem ter o livro de Tardieu nas mãos, tenha se servido de um outro relatório que tinha à sua disposição e que dizia respeito a um caso semelhante). Mas acima de tudo transformou toda a narrativa. Ele a situou numa outra época; modificou muitos elementos materiais e toda a atmosfera e converteu o modo subjetivo de narrar em uma narração objetiva. Deu ao conjunto um certo ar de século "XVIII", bem próximo de Diderot e *A Religiosa*. Um rico convento para jovens da aristocracia; uma superiora sensual que tinha pela jovem sobrinha uma afeição equívoca; intrigas e rivalidades entre as religiosas; um abade erudito e céptico; um pároco crédulo e camponeses que empunham seus forcados para caçar o diabo: há nisso toda uma libertinagem à flor da pele e todo um jogo mais ou menos ingênuo de crenças não totalmente

inocente, e que estão também distantes da seriedade provinciana de Alexina e da violência barroca de *Concile d'Amour*.

Mas ao inventar toda essa paisagem de galanterias perversas, Panizza deixa voluntariamente no meio de sua narração uma vasta plaga de sombras: ali se encontra Alexina. Irmã, professora, colegial inquietante, que rubim perdido, amante, fauno correndo na floresta, incubo que entra sorrateiramente pelos dormitórios mornos, sátiro de pernas peludas, demônio que se exorciza: Panizza apresenta dela apenas os perfis fugitivos sob os quais os outros a vêem. Ela, o menino-menina, o eterno masculino-feminino, é apenas o que se manifesta, à noite, nos sonhos. Nos desejos e nos medos de cada um. Panizza fez dela apenas uma figura de sombra sem identidade e sem nome, que se esvai no final da narrativa sem deixar vestígios. Não quis sequer marcá-la por um suicídio onde ela se tornaria como Abel Barbin um cadáver a que os médicos curiosos acabariam por atribuir a realidade de um sexo mesquinho.

Se aproximei esses dois textos e achei que mereciam ser publicados juntos, foi porque primeiramente pertencem ao final do século XIX, época tão intensamente dominada pelo tema do hermafrodita — da mesma forma que o século XVIII foi dominado pelo tema do travesti. É também porque permitem que se veja o rastro que essa pequena crônica provinciana, que sequer chegou a provocar um escândalo, conseguiu deixar na memória infeliz de seu protagonista, no saber dos médicos que tiveram que intervir, e na imaginação de um psiquiatra que caminhava a seu modo para a própria loucura.

MINHAS MEMÓRIAS

Tenho vinte e cinco anos, e, embora seja ainda jovem, começo a não duvidar do termo fatal de minha existência.

Sofri muito, e sofri só! Só. Abandonado por todos! Não havia lugar para mim nesse mundo que me evitava e considerava maldito. Não havia um só ser humano que compartilhasse dessa imensa dor que se apoderou de mim no final da infância, idade em que tudo é belo porque toda perspectiva é nova e brilhante.

Esta idade não existiu para mim. Eu tinha, desde então, um distanciamento instintivo do mundo, como se houvesse já compreendido que viveria nele como um estrangeiro.

Alheio e sonhador, meu rosto parecia curvar-se sob o peso de obscuras melancolias. Eu era *fria*, tímida, e, de certa forma, insensível a todas aquelas alegrias barulhentas e ingênuas que fazem desabrochar um rosto de criança.

Amava a solidão, companhia da infelicidade, e, quando sorriam amavelmente para mim, ficava feliz, como se estivesse recebendo uma graça inesperada.

Como minha infância, grande parte de minha juventude, passei na deliciosa calma das casas religiosas.

Casas verdadeiramente respeitadas, onde corações retos e puros presidiram a minha educação. Vi de perto estes santuários abençoados por onde passaram tantas vidas brilhantes e invejáveis.

As modestas virtudes que vi brilhar não contribuíram em nada para me fazer compreender e amar a religião verdadeira, aquela da devoção e da abnegação.

Mais tarde, em meio às tormentas e faltas da minha vida, estas lembranças me apareceram como miragens celestiais cuja visão foi para mim um bálsamo recuperador.

Minhas únicas distrações nessa época eram os dias que eu passava a cada ano na casa de uma família nobre, onde minha mãe era tratada mais como amiga do que como governanta. O chefe dessa família era um desses homens amadurecidos pela infelicidade de uma época sinistra e desastrosa.

A cidadezinha de L..., onde *nasci*, possuía e possui até hoje um hospício civil e militar. Uma parte deste grande estabelecimento era destinada especialmente ao tratamento de doentes de ambos os sexos, número sempre considerável ao qual, como já disse, vinha se juntar aquele não menor dos que formavam a guarnição de soldados da cidade.

A outra parte da casa pertencia inteiramente à juventude órfã e abandonada cujo nascimento, quase sempre fruto do crime ou da infelicidade, havia deixado sem apoio neste mundo. Pobres seres, furtados desde o berço dos carinhos de uma mãe!

Foi neste asilo do sofrimento e da infelicidade que passei alguns anos da minha infância.

Mal conheci meu pobre pai. Uma morte fulminante arrebatou-o muito cedo da doce afeição de minha mãe, cuja alma valente e corajosa tentou lutar contra as terríveis invasões da pobreza que nos ameaçava.

Sua situação havia despertado o interesse de alguns corações nobres; compadeceram-se dela, e ofertas generosas logo lhe foram feitas pela digna superiora da casa de L...

Graças à influência de um administrador, membro distinto da ordem dos advogados da cidade, fui *admitida* no santo estabelecimento, onde me tornei objeto de atenções especiais, enquanto crescia entre os órfãos criados neste comumente asilo.

Eu tinha então sete anos, e tenho ainda presente na alma a cena dilacerante que precedeu a minha entrada.

Na manhã desse dia ignorava absolutamente o que iria se passar algumas horas mais tarde; minha mãe me ia en-

do sair, como se fosse para um passeio, levou-me em silêncio para a casa de L..., onde me esperava a digna superiora; esta me encheu de afetuosos carinhos, sem dúvida para esconder de mim as lágrimas que derramava em silêncio minha pobre mãe, que depois de me *abraçar* por muito tempo afastou-se tristemente, sentindo que a coragem se lhe havia esvaído.

Sua partida cortou-me o coração e fez-me compreender que a partir desse dia eu pertenceria a mãos estranhas.

Mas nessa idade as impressões duram pouco, e minha tristeza dissipou-se diante das novas distrações que me foram oferecidas com esse objetivo. Tudo me espantava no início; a visão daqueles grandes pátios cheios de crianças ou de doentes, o silêncio religioso daqueles longos corredores, cortado apenas pelos lamentos de dor ou pelos gritos de agonia dos que sofriam. Tudo aquilo me comovia, sem no entanto me apavorar.

As mãres que me cercavam, oferecendo aos meus olhos de criança seus sorrisos de anjo, pareciam me amar tanto!

Eu não tinha medo ao lado delas e ficava muito feliz quando, colocando-me sobre os joelhos, uma delas me dava o rosto para beijar!

Logo conheci minhas jovens companheiras e rapidamente gostei delas. Elas também gostaram de mim. Eu me sentia objeto de uma predileção quase respeitosa, talvez porque as pobres crianças compreendessem o quanto a sorte era diferente da minha. Eu tinha uma família, uma mãe, e isso, mais de uma vez, foi motivo de inveja entre nós. Essa inveja, compreendi melhor mais tarde. Houve uma briga de criança entre nós, não me lembro mais por que razão, em que uma delas, a que eu mais gostava, censurou-me por estar compartilhando de um pão que não havia sido feito para mim. Passo rapidamente por minhas recordações de infância, pois nenhum incidente veio entristecê-las.

Um dia, como era de costume, saí para visitar alguns doentes pobres da cidade. A boa madre M..., quem eu acompanhava nessas visitas e de quem, devo dizer, eu era

a criança mimada, avisou-me que em breve eu seria confiada aos cuidados de outrem. Graças a sua influência por todos reconhecida, conseguiu que eu fosse aceita no convento das Ursulinas, onde eu faria minha primeira comunhão e receberia ao mesmo tempo uma educação mais cuidada. Minha primeira reação, confesso, foi de felicidade. A boa religiosa o notou, pois sua nobre fisionomia exprimiu uma espécie de tristeza ciumenta que eu atribuí, não sem razão, à vivacidade de sua afeição por mim.

Me disse ela: "Lá você participará da vida de meninas ricas e nobres. Suas companheiras de estudo e diversão não serão mais as crianças sem nome com as quais você viveu até hoje, e você logo esquecerá aquelas que substituíram sua mãe ausente." Creio já ter dito que gostava especialmente da madre M. . . , e portanto, não podia ouvi-la acusar-me assim, sem que ficasse profundamente magoada.

Peguei uma de suas mãos e a apertei na minha, e não podendo me explicar de outra forma, pois estava violentamente emocionada, elevei-a até meus lábios.

Esse protesto mudo tranqüilizou-a a respeito dos meus sentimentos, sem entretanto fazê-la esquecer que outros, a partir de agora, teriam direito a minha afeição e ao meu respeito.

Alguns dias depois, entrei no convento de S. . . , na qualidade de aluna interna. A boa madre M. . . fez questão de me acompanhar e entregar-me pessoalmente à superiora daquela casa.

Jamais esquecerei a impressão que tive ao ver essa mulher. Nunca vi tanta grandeza e majestade, nem tanta beleza sob o hábito religioso. A madre Eleonora, como a chamavam e eu só vim a saber depois, pertencia à alta nobreza da Escócia.

Sua atitude era ativa e inspirava respeito. Ao mesmo tempo, não havia fisionomia mais simpática e atraente. Vê-la era amá-la. Ela reunia elevados conhecimentos a uma rara habilidade, a qual provara possuir na direção dos negócios daquele estabelecimento. Gozava de uma

consideração sem limites nas altas rodas, o que fazia dela uma autoridade na cidade.

Outros, além de mim, o poderiam afirmar, ela a merecia sob todos os aspectos. Hoje, quando escrevo estas linhas, ela deixou de existir, e eu sinto que lamentarei para sempre sua falta. Sua lembrança é ainda uma das mais doces que me restou. Em meio às inacreditáveis agitações da minha vida, eu gostava de lembrar a suavidade daquele sorriso de anjo, e me sentia mais feliz.

Rápida e facilmente, naquele santo lugar, fiquei sob a égide de uma afeição que instintivamente me orgulhava e fazia feliz.

O internato era numeroso e, como já disse, se computava especialmente de meninas que deveriam ocupar mais tarde um certo lugar na sociedade, fosse pelo berço ou por sua posição de fortuna.

Havia, portanto, entre mim e elas, uma separação natural que o futuro por si só poderia romper.

Apesar disso, essa diferença que as crianças às vezes compreendem com rapidez e da qual, a exemplo das crianças mais velhas, abusam cruelmente, nunca me fez sofrer.

Todas me amavam, e devo dizer que não experimentei por parte delas hostilidade alguma, pois acreditava desde então que minha afeição não tinha o menor preço a seus olhos.

Os estudos eram sérios e confiados a mãos realmente inteligentes.

Dotada, como eu era, de uma verdadeira aptidão para os estudos sérios, logo tirei proveitos e vantagens disso.

Meus progressos foram rápidos, e mais de uma vez causaram espanto em minhas excelentes professoras.

O mesmo não se dava em relação aos trabalhos manuais a que eu demonstrava a mais profunda aversão, além de uma grande incapacidade.

O tempo empregado por minhas companheiras na confecção dessas pequenas obras-primas que se destinavam a ornar um salão ou a enfeitar um jovem padre, eu pas-

sava lendo. História antiga ou moderna era o meu assunto predileto.

Na leitura encontrava um alimento para aquela necessidade de conhecer que invadia todas as minhas aptidões. Essa ocupação que me era tão querida tinha também o poder de me distrair das tristezas confusas que então me dominavam por completo.

Quantas vezes pedi para ser dispensada de passeios a fim de, com o livro nas mãos, passear *sozinha* pelas magníficas alamedas do nosso jardim! Alamedas que terminavam num pequeno bosque de castanheiras densas e sombras!

A vista era extensa e grandiosa, e regozijava-se da vegetação luxuriante dos países meridionais.

Quantas e quantas vezes a madre Eleonora me surpreendeu naquele devaneio inexplicável! E como o seu olhar me fazia esquecer de tudo! Eu corria radiante ao seu encontro, e raras eram as vezes que não recebia dela um beijo que eu restituía com um abraço apertado, cuja emoção eu não saberia hoje comparar a nada.

De vez em quando eu tinha necessidade de um afeto forte e sincero, e o que é estranho, ousava manifestá-lo.

Dentre minhas brilhantes companheiras, fiz amizade com a filha de um conselheiro da Corte Real de...

Eu a amei à primeira vista, e embora fisicamente ela não fosse deslumbrante, a graça e a simplicidade que todo o seu corpo vertia, tornavam-na irresistivelmente atraente; seus traços não eram bonitos, mas eram encantadoramente harmoniosos, e traziam os dolorosos estigmas de um mal que parece escolher suas vítimas entre os mais jovens e mais dotados. A pobre Lea era uma delas. Com apenas dezessete anos de idade já curvava o rosto onde se liam sofrimentos secretos que não tardariam a amentar.

Eu decifrava nela um ser sofredor, fadado a uma morte prematura.

A situação física foi responsável por nossa aproximação que, de outra forma, não teria se realizado, pois eu não tinha ainda doze anos de idade quando a conheci, e isso aliás eu não consigo explicar. Mas determinadas simpatias não se explicam. Elas nascem sem que as provoquemos.

Nessa mesma época eu estava muito fraca e minha saúde debilitada.

Meu estado era motivo de sérias inquietudes, o que explica o excesso de atenções das boas religiosas que me cercavam. Eu era, como Lea, objeto de cuidados constantes, e a enfermaria nos reuniu mais de uma vez.

Eu a envolvia num culto ideal e apaixonado ao mesmo tempo.

Eu era sua escrava, seu cão fiel e agradecido. Eu a amava com aquele ardor que eu colocava em todas as coisas.

Quase chorava de felicidade quando a via abaixar sobre mim seus longos e desenhados cílios, cuja expressão era doce como um carinho.

Como eu me sentia *orgulhosa* quando ela desejava encostar-se em mim no jardim.

De braços dados nós percorríamos assim as longas alamedas cercadas de espessos roseirais.

Ela falava com aquele espírito elevado e incisivo que a caracterizava.

Sua bela cabeça loura inclinava-se sobre mim, e eu agradecia o beijo caloroso.

"Lea", eu dizia, "Lea, eu te amo"! Mas logo a sineta da escola vinha nos separar, porque a senhorita de R. sentava-se no banco das primeiras. Aplicada como era, sua prolongada estadia no convento não tinha outro motivo senão o da cultura das artes, onde ela era tão brilhante que envaidecia os próprios professores.

Quando a noite vinha, nós nos separávamos até o dia seguinte na hora da missa. Passávamos a noite em dormitórios diferentes. O que ela ocupava, comunicava-se com

o único vestuário do internato. Eu tinha, portanto, de vez em quando um pretexto para revê-la antes de dormir. A essa altura Senhora Marie de Gonzague já havia diversas vezes me chamado a atenção com respeito a minhas obrigações diárias, ameaçando não mais tolerar minhas ausências no dormitório.

Lembro-me que uma noite do mês de maio, consegui escapar a sua vigilância. A oração da noite já havia sido feita; ela tinha acabado de descer as escadas para encontrar a madre Eleonora.

Não a escutando mais na escada, atravessei cuidadosamente o dormitório e uma grande sala que era usada pelos alunos de música. Cheguei ao vestuário pegando ao acaso o primeiro objeto que me surgiu, e de lá alcancei em silêncio o quarto de Lea. Inclinei-me sem ruídos sobre o seu leito e, abraçando-a diversas vezes, coloquei em seu pescoço uma pequena cruz de marfim, um belo trabalho em marfim que ela parecia desejar. "Tome, minha amiga", disse-lhe eu, "aceite esse presente e use-o por mim". Sai apressadamente retomando o caminho por onde eu havia vindo. Mas não tinha chegado ainda à metade, quando passos conhecidos me fizeram estremecer. Minha professora estava atrás de mim e tinha me visto.

Fui pega, e tentei em vão diminuir a gravidade do ocorrido. Não conseguindo, entretanto, esperei corajosamente o castigo.

"*Senhorita*", me disse secamente a boa religiosa, "não vou lhe infligir nenhuma pena; a madre Eleonora se encarregará disso amanhã".

Essa ameaça era para mim a pena mais terrível, porque eu tinha pela madre Eleonora uma espécie de adoração, mais afetuosa e submissa do que propriamente temerosa. A idéia de estar causando o seu descontentamento me era insuportável.

Dormi mal àqueila noite e custei a acordar. Na missa não ousei virar a cabeça, com medo de encontrar seu olhar.

Durante o recreio que se seguia ao café da manhã, uma madre veio me dizer que comparecesse ao gabinete

da superiora. Entrei no gabinete tremendo como um réu diante de seu juiz.

Vejo ainda aquela fisionomia serena e imponente. A nobre mulher estava sentada numa modesta poltrona, enquanto seus pés repousavam num genuflexório, apoiado na parede. Sobre ele estendia-se uma grande cruz de ébano.

"*Minha filha*", disse ela tristemente, "soube que você infringiu o regulamento, e, se não fosse em consideração à boa superiora que a confiou aos meus cuidados, eu não hesitaria em privá-la da primeira comunhão esse ano. Conheço o carinho que ela lhe dedicou, e em todas as circunstâncias tento substituí-la".

Depois, mudou de tom e me fez um sinal que eu compreendi: sentei-me aos seus pés num banquinho.

Chorei silenciosamente com a cabeça apoiada num de seus braços, e ela não o retirou.

Em seguida começou uma dessas exortações piedosas que revelavam toda a grandeza daquela alma verdadeiramente pura e generosa. Na época eu talvez não tivesse compreendido toda a elevação que continham suas palavras, mas hoje que sou capaz de julgar os homens e as coisas, a entonação daquela voz amada ecoa deliciosamente em meus ouvidos e me faz bater o coração; lembra um tempo feliz da minha vida, onde eu não suspeitava ainda da injustiça e da baixeza que mais tarde viria a conhecer sob todos os ângulos neste mundo.

Quando deixei a madre Eleonora, meu coração estava repleto de alegria e gratidão.

Aproximava-se o dia da Primeira Comunhão, e com ele o momento em que eu deveria dizer adeus às castas emoções de minha adolescência, pois teria que deixar a comunidade para ficar em Saintes com minha mãe.

A data fixada era 16 de julho. O dia amanheceu radioso; a natureza parecia associar-se feliz àquela festa de inocência e candura.

Vinte e duas meninas iam se aproximar *comigo* da mesa augusta.

Esse ato solene, creio poder dizer que realizei dentro dos melhores preparativos.

Após o santo sacrifício, que foi celebrado com toda a pompa das instituições religiosas, abriu-se o parlatório à impaciência de todas as mães que vinham apertar em seus braços as jovens heroínas da festa.

Minha mãe me esperava, e não pôde me olhar sem verter aquelas ternas lágrimas que são as eloqüentes manifestações do amor maternal.

Nosso encontro foi muito rápido, pois as portas logo se fecharam. Nenhuma criança deveria sair nesse dia do recinto sagrado.

As distrações do mundo não deveriam perturbar a seriedade dessas jovens almas recentemente santificadas.

Jamais esqueci o deplorável incidente que veio encerrar aquele dia.

A emocionante cerimônia da noite, seguiu-se uma procissão no jardim.

O lugar foi admiravelmente bem escolhido. Nada podia ser mais imponente do que a longa fila de crianças vestidas de branco atravessando as magníficas aléias daquele modesto Éden.

Os cantos religiosos, repetidos por vozes frescas e puras, tinham qualquer coisa de verdadeiramente poético que comovia o coração.

A temperatura até então morna e perfumada tornou-se repentinamente insuportável. Grandes nuvens negras percorreram o horizonte pressagiando uma dessas impetuosas tempestades que são comuns aos climas quentes. Largas gotas de chuva vieram logo confirmar o anunciado, e assim que o cortejo entrou novamente na capela, sinistros clarões riscaram todo o horizonte.

Contra a minha vontade meu coração se fechou. Seria um presságio do futuro sombrio e ameaçador que me esperava? Será que o veria surgir tão logo entrasse nesse frágil barquinho que se chama mundo?

Ai de mim! Conheci a realidade cedo demais!... Aquela violenta tempestade foi apenas o prelúdio do que viria a me atormentar depois!

Não consegui comer àquela noite. Um mal estranho se apoderou de mim. Antes de dormir eu tinha apertado Lea em meus braços e o beijo que lhe dei foi triste como um último adeus!

Também ela, sem dúvida, eu perderia para sempre, pois nossos destinos não podiam se encontrar.

Dois anos depois de me separar de Lea, soube que minha pobre amiga havia sucumbido a uma tuberculose pulmonar das mais características. Sua morte foi uma imensurável tristeza para sua nobre família, pois que Lea era para ela um ídolo. E assim se foi o primeiro amor da minha vida!

Entrei numa fase da minha existência que nada tinha a ver com os dias calmos e tranqüilos, que passei naquele lugar.

Eu estava em B... Minha mãe morava lá há cinco anos. Trata-se de uma antiga cidade que escolheu o grande rei para fazer uma importante praça de guerra, e cujo nome se encontra misturado aos grandes acontecimentos políticos.

Sinto-me um pouco hesitante agora que começo a relatar a parte mais penosa da tarefa a que me propus.

O que tenho a dizer são coisas que para muitos não passarão de inacreditáveis absurdos, pois ultrapassam, de fato, os limites do possível.

Para estes, será difícil, sem dúvida, saber exatamente quais foram as sensações que tive, com as excepcionais estranhezas da minha vida.

Só posso pedir-lhes uma coisa: que estejam antes de mais nada convencidos da minha sinceridade.

Eu tinha quinze anos, e é preciso lembrar que desde os sete anos de idade eu estava absolutamente *separada* da minha mãe.

Não a via a não ser esporadicamente. Minha chegada a B..., na casa onde ela morava, era sempre festejada como se eu fosse um membro da família. Dessa vez eu ficaria lá definitivamente. Cinco pessoas compunham essa família.

O chefe da casa, um respeitável senhor de cabelos brancos, era a personificação viva da honra e da lealdade. Como ele, era também a filha caçula. Todos os instantos generosos daquele pai adorado se reproduziam nessa alma elevada que não conseguiu vencer as pungentes tristezas de uma união infeliz.

A senhora de R... tinha três filhos, aos quais ela dedicava o inesgotável carinho que continha o seu coração. Dedicara a minha mãe uma dessas afeições profundas que quando compreendidas e apreciadas não se prendem às distâncias sociais. Apesar da posição subalterna que ocupava, minha mãe era a seus olhos uma amiga, uma confidente.

Logo, a senhora de R... teria apenas um desejo: o de me manter na casa ao lado de sua filha, que tinha na época 18 anos de idade. Com o orgulho que me era natural, eu teria certamente recusado tal proposta vinda de uma estranha.

Mas nesse caso a situação era diferente. Eu estava perto de minha mãe, numa família a que pouco a pouco me habituara a considerar minha. Aceitei, portanto, o convite, para a grande satisfação de todos.

A senhorita Clotilde de R... reunia a sua grande beleza uma certa altivez que só esquecia quando estava comigo. Ela via em mim apenas uma criança a quem podia tratar, sem se comprometer, no mesmo pé de igualdade.

E eis que me tornei sua *camareira*.

Apesar de não possuir todas as qualidades de minha função, caía sempre em suas boas graças.

Meu quarto de dormir era separado do dela apenas por uma saleta de estar.

Assistia pela manhã a seu despertar, sempre matinal, tanto no verão quanto no inverno. Ajudava-a a vestir-se em seguida, e enquanto isso acontecia, nós discorriamos, cada uma mais do que a outra, sobre todos os assuntos possíveis. Quando o silêncio se impunha, eu a observava ingenuamente. Nada se comparava à brancura de sua pele.

Era impossível admirar a graciosidade de suas formas sem que se ficasse deslumbrado.

E isso era exatamente o que me acontecia. Muitas vezes não consegui deixar de dirigir-lhe um elogio, o qual, aliás, ela recebia com a maior naturalidade do mundo, sem ficar surpresa ou cheia de si.

Ela se preocupava com minha saúde que não havia melhorado quase nada, apesar dos cuidados profusos e minuciosos que me eram dispensados. Reclamasse eu de uma indisposição qualquer, e já tinha que seguir esta ou aquela dieta. Todos os conselhos eram como ordens que deveriam ser seguidos à risca. Qualquer desvio das regras era considerado desobediência.

Em geral, por muito pouco, recorria-se imediatamente ao médico.

Este vinha quase que assiduamente à casa, por causa do habitual estado de sofrimento em que se encontrava meu nobre benfeitor, senhor de Saint-M... As dores agudas que o afligiam mantinham-no quase sempre deitado em seu leito ou sentado numa enorme poltrona. Somente minha mãe tinha o privilégio de acalmá-lo quando das crises atroztes que o agitavam.

Eu tinha em relação a ele grandes e pequenos privilégios. Eu era sua *leitora*, sua secretária. Quando a saúde permitia, e essa era a sua distração preferida, ele me fazia ler e compulсар minuciosamente pilhas de documentos de família. "Aproxime-se de mim, Camille", dizia ele, "e veja se encontra esta ou aquela carta referente àquele assunto que você sabe". Eu lia lentamente olhando-o às escondidas para ver se o satisfazia.

Terminada a leitura eu procurava também, e encontrava, fragmentos de correspondências íntimas. Na sua maior parte, eram cartas de uma irmã ou de seu irmão primogênito, bravo general do império, gloriosamente ferido em nossos campos de batalha. Eu ficava sempre feliz quando encontrava um fragmento desse tipo, porque dava a ele motivos para uma série de relatos aos quais eu escutava com uma avidez sem par.

Embora eu fosse ainda muito jovem, ele me dedicava uma confiança ilimitada.

Como já disse, li muito, e minha capacidade de julgar, portanto, era bastante desenvolvida. Já na adolescência eu era *séria e reflexiva*. Nenhum dos principais fatos da nossa história, tão rica em acontecimentos, me era desconhecido.

Em horas previamente fixadas, minha jovem senhora vinha sentar-se perto do avô, de quem ela era a favorita; mas sua presença não interrompia o trabalho começado. Quando a noite vinha, eu lia o jornal.

Durante a leitura, acontecia sempre dele fechar os olhos e cochilar nas almofadas. No início, vendo-o dormir, interrompia a leitura.

Mas ele logo percebia.

“Está cansada?”, perguntava, e como minha resposta fosse negativa, ele me mandava prosseguir. Tudo, a exceção do folhetim, deveria ser lido.

Nem por isso deixava de ler o folhetim. Só que lia *sozinha*.

Devorava também uma numerosa coleção de obras antigas e modernas, amontoadas nas prateleiras de uma biblioteca que se ligava ao meu quarto.

Mais de uma vez me surpreendi lendo em horas avançadas da noite. Era o meu divertimento, o meu lazer. Com isso, devo dizer, adquiri uma série de ensinamentos úteis.

Confesso que fiquei particularmente *transbordada* com a leitura das metamorfoses de Ovídio. Quem as conhece pode ter uma idéia do que significam. Esse achado tinha para mim uma singularidade que a continuação de minha história provará.

Os anos se passaram. Eu ia fazer dezessete anos. Apesar da ausência de inquietudes, meu estado de saúde não era ainda normal.

O médico consultado reconhecia a cada dia a ineficácia dos remédios mais significativos e acabou por não mais se preocupar com isso. Esperava. Quanto a mim, eu não estava de modo algum *assustada*.

A senhorita Clotilde de R... tinha nessa época vinte anos de idade, e sua mão já estava há muito tempo prometida a um de seus primos, herdeiro por parte de mãe de uma grande fortuna, e portador de um dos nomes mais célebres dos altos escalões da Marinha francesa.

Ansiosamente esperado pela bela noiva que lhe havia sido prometida, à sua volta seguiram-se imediatamente as preliminares essenciais do casamento.

Raoul de K... não era exatamente um homem bonito, mas agradava à primeira vista.

A fisionomia sincera, marca de um caráter de distinção natural, fazia dele um homem sedutor e atraente, ou um belo cavalheiro a quem qualquer mulher se orgulharia de pertencer.

O que posso afirmar é que ele era amado tão ardentemente quanto permitia a natureza angelical da pura senhorita que seria sua esposa.

As grandes festas de família esperavam os jovens noivos no castelo de C..., residência habitual da senhora de K...

Lá os noivos permaneceriam oito dias após a celebração do casamento, ao qual, aliás, não pôde assistir o senhor de Saint-M, devido ao estado de saúde que o condenava à clausura rigorosa.

Após receber a bênção do venerado avô, a adorável senhorita abraçou-me carinhosamente, prometendo jamais me esquecer, fossem quais fossem as circunstâncias da minha vida.

Ela partiu antes que eu pudesse responder.

Essa cena me deixou *aniquilada*.

Não pude rever sem chorar o lindo quarto que era ocupado por minha senhora. Uma sensação indefinível me torturava quando me vinha à cabeça a idéia de que ela não estaria mais lá todas as manhãs para me dar seu primeiro sorriso, ou sua última palavra antes de adormecer.

Uma mudança se realizaria em minha vida. Eu precisava agora de uma nova ocupação.

O excelente pároco da cidade, amigo da família, e meu guia espiritual, sugeriu que eu me dedicasse ao ensino. Com minha autorização ele participou a idéia à minha mãe e a meu benfeitor. Ambos ficaram felizes, o que de certa forma eu já esperava.

A mim, particularmente, a idéia desagradava. Tinha por essa profissão uma antipatia irracional e profunda.

A perspectiva de me tornar *professora* não me lisonjeava. Eu acreditava merecer coisa melhor do que aquilo.

Uma noite, após terminada a leitura cotidiana do senhor de Saint-M..., enquanto minha mãe, sentada a meu lado, preparava-lhe o chá, vi seus olhares se cruzarem, como a se perguntar quemalaria primeiro.

Ele então começou. "Camille", dizia, "você teve um bom começo nos estudos. Você é inteligente; depende só de você entrar ou não na escola normal de... Com a facilidade que você tem, sairá de lá em dois anos com um diploma. Essa é a carreira que melhor conviria a seus princípios e idéias".

Aquelas palavras me emocionaram. Convenci-me logo da justeza de seu raciocínio. A confiança que dedicava a ele era inabalável. E minha resolução, portanto, foi tão rápida quanto a minha resposta. Agradei efusivamente prometendo fazer jus à boa opinião que ele tinha de mim.

Minha mãe não ficou menos feliz com a resposta; ela esperava com uma compreensível impaciência, acreditando que esse sonho satisfaria de vez seu orgulho e suas inquietudes maternais com relação ao meu futuro.

Seu sonho acabara de ser realizado. Minha sorte estava marcada. Aquela noite havia decidido o resto da minha vida! Mas Deus! Como foi diferente daquilo que se esperava!!

Eu enfrentava agora sem terror a nova carreira que aceitei, pois não podia sonhar com outra. Dizer que eu estava feliz, entretanto, seria mentir. Estava indiferente.

Mesmo assim, me empenhei na tarefa a que me propus, compelida pela ambição de vencer. Quem não expe-

rimentou ainda aquele ardor febril, às vésperas de apresentar-se a uma banca de examinadores?

A escola normal de... recebia todos os anos doze moças bolsistas. Cada uma delas, antes de entrar, se submetia a um exame preparatório que era, em geral, feito pelo inspetor da academia. O abade N. me havia dado todas as instruções necessárias a esse respeito.

Enquanto minha mãe preparava o meu enxoval, eu estudava arduamente. E assim, em poucos meses estava suficientemente apta para a primeira batalha. Aproximava-se o mês de agosto, época em que se dão os exames. Há muito já havia entregado à inspeção da academia minha certidão de nascimento e um atestado de moral, visado pela sede do conselho municipal.

Estávamos aos dezoito de agosto. A escola normal de... tinha naquele ano uma centena de aspirantes a seu diploma. Dentre elas encontrava-se uma irmã de minha mãe, mais velha do que eu alguns anos apenas, o que me fazia vê-la como uma irmã.

Por causa dela tornei-me *conhecida* por suas amigas e pela boa superiora que as acompanhava.

Conseqüentemente, esta última me olhava já como sua futura aluna.

Isso se devia à tocante predileção que tinha por minha tia, uma de suas mais caras alunas, e de quem ela não queria se separar.

Não obstante, dizer que eu estava feliz com a perspectiva que me oferecia essa carreira, seria absolutamente falso. Eu a abracei sem desgosto, mas também sem atracões. Não suspeitava, entretanto, das inumeráveis dificuldades da mais servil das profissões que era a de professora.

Certamente, todos sabem hoje da dependência vergonhosa em que são colocados os professores e professoras de internato. Além de serem alvo da calúnia e da maledicência de uma população que devem regenerar, têm também que se submeter à influência fatal e despótica de um padre orgulhoso de seu poder, que se não consegue fazer

deles seus escravos os esmaga, sob o peso do ódio que espalhará em seus caminhos. O que eu vi me permitirá citar a esse respeito vários exemplos. O momento, entretanto, não chegou ainda.

Mas corro um risco inevitável com tais afirmações: o de ocasionar risos de incredulidade contra mim. Seja como for, creio estar cumprindo um dever, e afirmo que, à parte honrosas exceções, os funcionários que ousou atacar aqui são mais numerosos do que se imagina.

Depois do padre, o mais terrível inimigo da educadora é o inspetor primário. Ele é seu chefe imediato; é o homem que tem nas mãos o seu futuro. Uma palavra dele à academia, um relatório ao prefeito, e ela pode ser banida definitivamente do corpo docente.

Suponhamos, então, que um homem chegasse, como eu vi chegar, ao cargo de inspetor primário através de manobras mais ou menos jesuíticas. Incapaz de apreciar o talento ou o mérito de uma professora primária poderia ser convidado a sentar-se, não na cadeira de honra, mas no banco de seus alunos mais torpes: eis o inspetor primário.

Ele não é capaz de entabular um assunto sério; fracassaria se o fizesse. Liga-se às mais ridículas futilidades: assusta as crianças de modo a impedir-lhes a expressão. Censura a professora em tom de ameaça, obrigando-a a baixar a cabeça para não ser derrotada pela estrondosa superioridade do Senhor delegado da academia.

Imaginemos ainda, o que quase sempre acontece, que a professora seja bonita e que o senhor inspetor se sinta atraído por sua beleza, pois tais senhores podem ser dotados de uma certa perspicácia. Podemos perfeitamente conceder-lhes essa qualidade. Diante de tal desgraça, a pobre moça, ameaçada de perder o ganha-pão que sustenta ela e o velho pai, se fará mais sensível e pequena diante da arrogância de seu superior. Encantado por ter feito tremer uma criança, ele se apazigua um pouco, e termina com um cumprimento que na boca de outro poderia passar por um insulto. Mas é possível responder mal ao

senhor inspetor? Não. E ele sabe disso. Mas não é também possível ficar indiferente às promessas de ascensão que ele faz.

Chega-se à sala. O senhor inspetor quer conferir uma colação de grau. Não se trata mais de uma questão de ensino; ele conversa informalmente, e isso lhe é bem mais familiar. Suas palavras melosas e hipócritas vão ficando cada vez mais claras. Ameaça, e em seguida promete. Depois exige, e aí sua linguagem se torna mais significativa.

Com medo de provocar-lhe o ódio, é perfeitamente plausível que a moça por sua vez seja generosa!

Pode acontecer também dela pedir educadamente ao senhor inspetor que se retire o mais rápido possível e que não torne a atravessar aquela porta.

E nesse caso sempre acontece da professora ser arruinada. Como poderia ela lutar contra um homem cuja moralidade é proverbial? Ela repugna imediatamente essa idéia, porque isso seria comprometer-se sem arruiná-lo também. Ela se cala, portanto. Daí os vexames de todo tipo, as observações que se seguem à prefeitura e as conseqüentes repreensões assustadoras e excessivas.

Se, além disso, o padre da comunidade é contra ela, está tudo acabado, pois ele a fará abandonar o terreno. Não podendo caçar-lhe o diploma, usará de todos os meios para convencer as famílias a colocarem seus filhos com as boas mãres que se teve a atenção de chamar para a localidade.

Eu vi com meus próprios olhos cenas verdadeiramente inacreditáveis, de baixaza indigna, de abuso de poder, cenas por demais revoltantes para que eu possa contar aqui.

Longe de mim querer insultar a honra dessa classe laboriosa e tão digna de interesse, dedicada à penosa tarefa de ensinar as populações do campo.

Ninguém mais do que eu apreciava a sua boa vontade, seus esforços incessantes em relação a tudo o que diz

respeito à moral da civilização. O único objetivo de meu relato foi o de delatar uma questão de moralidade pública.

Fui *admitida* na escola normal de... Apenas algumas léguas nos separavam. Não obstante, a viagem representava um grande acontecimento para mim. Era preciso atravessar o oceano, e portanto, eu supunha que encontraria novidades por lá.

Cheguei a D...; o capitão do navio me conduziu ao convento. Seu aspecto era simples e modesto, como a vida dos que o habitavam.

Não sei que dificuldade inexprimível se apoderou de mim quando transpus sozinha a solidão daquela casa. Era uma sensação de dor e de vergonha a que senti. Mas o que experimentei nenhuma palavra humana poderia exprimir.

Tudo parecia inacreditável, sem dúvida, pois afinal eu não era mais uma *menina*. Tinha dezessete anos e ia me encontrar com jovens que mal tinham dezesseis. A acolhida afetuosa da boa superiora me deixou insensível e, o que é mais estranho, quando conduzida por ela à sala das alunas normalistas, a visão daqueles rostos bonitos e jovens que me sorriam entristeceu meu coração.

Em todas aquelas faces eu via alegria e contentamento, mas ficava triste, e *apavorada*! Algo de instintivo se revelava em mim, parecendo me impedir de entrar naquele santuário de virgindade. O sentimento que me doía minava, o amor aos estudos, veio modificar a estranha perplexidade que havia se apoderado de todo o meu ser.

As aspirantes ao diploma da escola normal perfaziam o total de vinte ou vinte e cinco àquele ano. Não obstante, à parte minha turma, o estabelecimento tinha no mínimo cem alunas, entre internas e externas, formando duas turmas diferentes. Um imenso dormitório composto de cinquenta leitos quase nos reunia a todas.

Nas duas extremidades dessa peça haviam dois leitos enfeitados com cortinas brancas que eram ocupados por duas religiosas. *Habituada* há muito a ter um quarto só para mim, sofri enormemente nessa espécie de comuni-

dade. A hora de levantar, sobretudo, era um suplicio para mim. Não queria que minhas amigas me vissem e tentava esconder-me. Não que desejasse afastá-las de mim, pois as amava demais para isso, mas é que ficava instintivamente envergonhada da enorme distância que fisicamente nos separava.

Justamente na idade em que se desenvolvem todas as graças femininas, meu andar e minhas formas não eram harmoniosas. Minha pele, doentiamente pálida, denotava um estado de sofrimento habitual. Meus traços visivelmente duros não passavam despercebidos. Uma leve penugem que aumentava a cada dia cobria o meu lábio superior e uma parte das bochechas. Compreende-se que essa particularidade suscitasse gracejos, os quais eu tentava evitar usando freqüentemente a tesoura ao modo de uma navalha. Não fui bem-sucedida, entretanto, e tudo o que consegui com essa prática foi torná-la mais espessa e visível ainda.

Também meu corpo era literalmente coberto de pêlos, o que me obrigava, mesmo durante o verão, a manter os braços escondidos. Quanto ao meu talhe, era ridiculamente magro. Tudo em mim chamava a atenção, e eu me apercebia disso todos os dias. Apesar disso era *amada* por minhas professoras e companheiras e a esse amor eu correspondia, mas de um modo meio tímido e temeroso. Nasci para amar. Todas as faculdades de minha alma estavam voltadas para o amor; um coração ardente escondia-se sob minha aparência fria e quase indiferente.

Essa situação infeliz não tardou a provocar reprovações e a me tornar objeto de uma vigilância que eu afrontava abertamente.

Tornei-me logo a amiga íntima de uma encantadora moça, chamada Thécia. Um ano mais velha do que eu, saudável e graciosa, Thécia era fisicamente o meu oposto.

Chamavam-nos de "as inseparáveis", de fato não nos perdíamos de vista um só instante.

No verão estudava-se no jardim, e lá estávamos nós, uma ao lado da outra, tendo com as mãos entrelaçadas.

Veza em quando me inclinava em direção a ela para beijá-la, e o olhar da nossa professora fixava-se em mim. Beijava-a ora no rosto ora nos lábios, e isso se dava no mínimo vinte vezes a cada uma hora. Fui então condenada a ficar na extremidade do jardim, o que nem sempre eu fazia de boa vontade. Durante o passeio as mesmas cenas se repetiam. Por uma estranha fatalidade, eu dormia no leito número dois e ela no doze. Mas isso não me embaraçava. Como não pudesse dormir enquanto não a beijasse, manobrava de modo a estar ainda de pé quando todas já estavam deitadas. Pé ante pé, chegava até ela. Terminados os beijos de boa-noite, muitas vezes fui surpreendida por minha professora que ficava dois leitos depois de mim. Os pretextos que arranjava para escapar foram inicialmente aceitos, mas com o tempo deixaram de funcionar. A boníssima mulher realmente me amava, eu o sabia, mas tais modos de agir a afligiam e, vindos de mim, a espantavam. Por outro lado, como não éramos mais crianças, ao invés de castigos, ela tentava tocar nossos corações.

No dia seguinte, portanto, ela arranjava um jeito de me chamar a sós no jardim, e lá, colocando suas mãos nas minhas, fazia as mais tocantes exortações lembrando o sentimento de reserva que comandava o moral e o respeito daquela instituição religiosa. Jamais a ouvia sem chorar, tal a inspiração de seu tom de voz que nada tinha de humano.

Vivi o suficiente para afirmar que é impossível encontrar no mundo algo que se compare àquela natureza distinta. Desafio o mais cético dos homens a viver perto de uma criatura tão nobre, tão pura e tão verdadeiramente cristã, sem se sentir levado a amar com ternura uma religião capaz de criar semelhantes caracteres. Certamente alguns me responderiam que tais caracteres são raros; e isso infelizmente é verdade, eu sei; mas é o que nos torna ainda mais admiráveis. E se ninguém é capaz de atingir tal perfeição, quem pode então ousar exigí-la?

Santa e nobre mulher! Tua lembrança acalentou as horas mais difíceis da minha vida!! Como uma visão ce-

leste, surgiu em meus descaminhos, dando-me força e consolação!!

A irmã Maria dos Anjos era tão humilde e modesta que descartava com delicadeza todas as conversas que pudessem confirmar o que já se sabia a respeito de suas altas origens. Filha de um general cuja carreira foi das mais brilhantes, dado ao importante cargo que ocupava no corpo diplomático, renunciou muito cedo ao futuro que lhe prometia seu nome e fortuna, para dedicar-se unicamente aos pobres e doentes. Como possuísse conhecimentos vastos, e raros para uma mulher, seus superiores a designaram diretora da escola normal de D... Dizer que era amada por suas alunas seria pouco. Todas a adoravam. Além disso, raramente ela nos censurava; seus desejos eram ordens que nós executávamos antes mesmo de serem formulados.

Os inspetores a conheciam bem e por esse motivo suas visitas eram raras e geralmente curtas.

O horário das normalistas era rigorosamente determinado da seguinte maneira: pela manhã, tanto no verão quanto no inverno, acordava-se às cinco horas. As seis horas ia-se à missa, fosse na capela ou na paróquia que ficava a menos de cinco minutos da comunidade.

Das sete às oito horas estudava-se. Às oito, tomava-se o café da manhã. Às nove horas começavam as aulas. As manhãs eram consagradas aos exercícios de francês e geografia.

As onze horas almoçava-se, e após o almoço as novas internas e externas tinham uma espécie de recreio, cujo tempo não era suficiente sequer para fazer os deveres da manhã. Das treze às quatorze e trinta estudávamos matemática e literatura. Alguns dias eram reservados para música vocal e desenho. A partir das dezessete horas estávamos livres, mas não sem trabalho, e devo dizer que tudo isso não nos sobrecarregava. Nem um só minuto era perdido. Todo tempo ocioso era aproveitado, ora aprendendo a costurar, ora resolvendo uma questão nova e difícil. Assim progredíamos rapidamente. Minha aversão pelos tra-

balhos manuais, entretanto, era cada vez maior. De vez em quando eu me perguntava o que aconteceria o dia em que fosse obrigada a reconhecer esse tipo de incapacidade diante de meus alunos. Enquanto minhas colegas se aperfeiçoavam nesse gênero de trabalho eu me entregava ao meu passatempo favorito, a leitura.

No verão, depois do jantar, quando o tempo permitia, dávamos um passeio pela borda do mar. As religiosas nos acompanhavam, mas de modo algum se juntavam a nós. Uma praia imensa, quase sempre deserta se estendia ao longo dos muros da comunidade. Somente a muralha a separava de nós. A vista era maravilhosa, sobretudo quando uma tempestade, o que é muito frequente nessa parte selvagem do litoral, vinha perturbar a natureza violenta que nos cercava. Nas costas áridas, as tempestades são inimaginavelmente assustadoras.

Assisti uma vez a uma dessas cenas terríveis cuja lembrança não mais nos abandona. Até então nunca havia visto algo semelhante.

Estávamos em meados de julho.

O dia estava fechado. Nem uma só brisa vinha refrescar o ar que na noite anterior tinha estado quente e sufocante. Como de costume, após o jantar, passeávamos sobre a muralha. Súbito, fez-se uma mudança na atmosfera. Violentas rajadas se ergueram do mar e nuvens sombrias surgiram no horizonte.

Evidentemente uma borrasca ia estourar.

Tive vontade de entrar, pois desde que cheguei a D... as tempestades me causavam uma espécie de pavor desconhecido. Thécla se apoiava em meu braço, que tremia, apesar dos esforços que eu fazia para dissimular.

Só nos dispomos a entrar quando um relâmpago horrível deixou-me totalmente imobilizada. O céu estava entreato e um raio caiu a alguns metros do lugar onde nos encontrávamos, sem deixar qualquer vestígio de sua queda.

Fiquei *aterrorizada*. A tempestade, entretanto, não tinha atingido ainda a sua força máxima.

Por volta de meia-noite, ela redobrou sua intensidade. Os relâmpagos se sucediam com uma rapidez sempre crescente tornando desnecessária a lamparina que iluminava o dormitório.

Ninguém conseguia dormir. As duas religiosas tendo aberto suas cortinas faziam em voz alta orações, às quais algumas de minhas colegas respondiam.

Nada era mais triste do que o som monótono daquelas vozes misturadas aos crescentes clarões dos trovões.

Com a cabeça enfiada nas cobertas, eu mal respirava. Não podendo mais suportar aquela posição, saí para ver o que se passava a minha volta.

Bem menos apavorada, a aluna que dormia na cama ao lado levantou-se e aproximando-se do meu leito tentou me tranqüilizar. Alcançava uma de suas mãos quando uma luz medonha iluminou todo o compartimento.

O ruído que se seguiu imediatamente foi horrível. Nunca havia escutado nada igual.

Ao mesmo tempo, a janela que ficava acima da minha cama se abriu com um estrondo. *Desnortada*, soltei um grito de aflição, que somado ao que já havia acontecido antes, parecia anunciar uma desgraça.

Antes que alguém pudesse se dar conta do que de fato ocorria, cheguei, não sei como, ao leito que me separava de minha professora.

Emudecida, caí aterrorizada nos braços da irmã Maria dos Anjos que não pôde escapar desse aperto inesperado.

Passou os dois braços em volta do meu pescoço, enquanto eu apertava a cabeça contra o seu peito, coberto apenas por uma roupa de dormir.

Apaziguado o primeiro momento de pavor, a irmã Maria dos Anjos me fez observar docemente o estado de nudez em que me encontrava. Certamente, eu não imaginava, mas compreendi imediatamente.

Uma *sensação estranha* dominou-me inteiramente e me encheu de vergonha.

Minha situação era inexprimível.

Algumas alunas me cercaram para ver a cena, atribuindo o tremor nervoso que me sacudia a um sentimento

de pavor... Mesmo assim, não ousei levantar, nem enfrentar os olhares fixados em mim. Meu rosto estava decomposto e pálido. Minhas pernas estavam bambas.

Comovida de pena, a irmã Maria dos Anjos tentou carinhosamente me encorajar. Eu estava agora de joelhos, a cabeça apoiada sobre o leito, e ela tentava com uma das mãos levantá-la enquanto segurava com a outra minha testa. Senti suas mãos me queimarem.

Afastei-as bruscamente e levei-as aos meus lábios com um sentimento de bondade que me era desconhecido. Em qualquer outra ocasião ela teria me censurado por este movimento íntimo que não toleraria jamais. Mas contentou-se em retirá-las vagarosamente enquanto me conduzia a meu leito.

Sob o efeito de uma emoção difícil de descrever, não ouvi mais a tempestade que aumentava ainda ensurdecedoramente. Parti sem ousar olhar para ela. Uma desordem total reinava em minhas idéias. Minha imaginação ficava cada vez mais confusa com a lembrança das *sensações* despertadas em mim, e comecei a me reprovar como se fosse um crime o que senti... Mas isso é compreensível, pois naquela época eu nada sabia sobre a vida. Sequer suspeitava das paixões que agitam os seres humanos.

O ambiente em que nasci, o modo como fui *educada*, me haviam impedido de conhecer o que, sem dúvida alguma, me levou aos maiores escândalos e às desgraças mais deploráveis. O que aconteceu não foi para mim uma revelação, mas um tormento a mais na minha vida.

Após noites perturbadas por *estranhas alucinações* passei a evitar com frequência qualquer aproximação do comungatório. Poderia ser de outro modo? Desde esse dia, a timidez natural que tinha em relação às minhas colegas se intensificou. Citei como exemplo um fato que não pode comprometer ninguém.

Durante o verão, as alunas que gostavam de tomar banho de mar entregavam-se, sob os cuidados de uma religiosa, a esse exercício salutar. Eu recusava constantemente qualquer convite desse tipo.

Estava há muito tempo prometida uma excursão a T... que era a parte mais interessante da ilha, dado a sua situação geográfica. Esse dia chegou enfim. Tínhamos que caminhar no mínimo cinco quilômetros de ida e cinco de volta. Somente as normalistas poderiam fazer essa viagem pois as outras internas eram ainda muito jovens. Como havia em T... uma escola da mesma ordem religiosa passaríamos a noite lá, o que tornava ainda mais atraente o passeio.

Estávamos em agosto. Para evitar o calor excessivo, pegamos a estrada às cinco horas da manhã. A superlora e duas religiosas nos acompanhavam. Tínhamos que atravessar uma região de pântanos onde a vegetação não era absolutamente abundante. Havia areia por toda a parte, o que dava àquela região o aspecto triste dos desertos africanos.

Obviamente até chegarmos às dunas de areia ninguém havia pensado em cansaço. Mas a terra ficava cada vez menos firme e movediça, nos impossibilitando de andar.

A cada passo o pé afundava na altura do tornozelo. Tínhamos que fazer força mesmo estando descalças. Uma brincadeira divertida animava minhas companheiras. A brincadeira era em voz alta e, portanto, eu não tive como não participar dela.

Aqueles risos sinceros e felizes me faziam bem. Apesar disso, tive inveja.

De vez em quando eu abaixava a cabeça sob o peso de uma tristeza que não podia controlar. Uma preocupação constante se apoderou de meu espírito. Estava sendo *devorada* pelo terrível mal do desconhecido.

Uma amável hospitalidade nos esperava em T... As boas mães, prevenidas de nossa chegada, em sua solidão nos receberam de braços abertos.

O lugarejo inteiro colaborou e nos acolheu com simpatia.

Leite fresco, ovos e doces foram servidos em nossa honra no café da manhã.

Depois do café, visitamos o jardim.

No primeiro e único pavimento da casa havia um enorme salão, o qual transformamos numa espécie de dormitório campestre. As camas compunham-se exclusivamente de colchões e cobertores, o que àquela altura do verão, era mais do que suficiente. O calor era excessivo. Tentei, como a maior parte de minhas colegas, recuperar as forças, e dormi algumas horas.

Não pude dormir profundamente; bocejos e risadas interrompiam meu sono. Lembrou-me da cena como se fosse hoje.

Os corpos seminus, estendidos lado a lado sobre colchonetes improvisados eram tão belos que poderiam atrair a imaginação de um pintor. Não falo de mim (é óbvio).

Sob as delicadas roupas-de-baixo, distinguiram-se aqui e ali formas admiráveis que movimentos repentinos vinham de vez em quando revelar.

Quando me reporto ao passado tenho a impressão de que tudo foi um sonho!! Quantas e quantas lembranças como essa vêm povoar minha imaginação!

Se pudesse escrever um romance, seria mais dramático e comovente do que um A. Dumas ou um Paul Féval! Mas não posso me comparar aos gênios do drama. E além disso, escrevo apenas a história de minha vida, isto é, uma série de aventuras das quais participam nomes por demais honrosos para que eu ouse revelar o papel involuntário que exerceram.

Que destino o meu! Oh Deus! Que julgamento farão de mim os que conhecerem a trajetória da minha vida, essa que nenhum outro ser vivo, antes de mim, percorreu? Mas, por mais rigoroso que seja o castigo a que me condenarão no futuro, quero continuar esta penosa tarefa. Durante a tarde desse mesmo dia visitamos as redondezas de T....

O pequeno vilarejo fica literalmente imerso num oceano de verde perpétuo, cujas raízes profundas se multiplicam há séculos nas montanhas de areia chamadas *dunas*.

Uma imensa floresta de pinheiros se estende por toda a costa, formando uma espécie de dique que protege a

cidade contra as invasões do mar e das areias que se elevam a alturas gigantescas, oferecendo aos olhos uma paisagem imponente.

Do ponto culminante da floresta, chamado "*Observatoire*", podemos distinguir-las iluminadas pelos raios de sol como se fossem colossos prateados. Quatro quilômetros no mínimo nos separavam dessa soberba praia chamada "*Tête Sauvage*". Para nós, era a terra prometida. Íamos conhecê-la na manhã seguinte.

A noite passou lentamente, contra a nossa verdade. A casa religiosa de T... não podendo hospedar todas as moças, enviou algumas à vizinhança que ficou encantada em receber-nos. Eu estava incluída nesse grupo. Camas limpíssimas foram colocadas à nossa disposição. No quarto em que fiquei tinham três. Éramos ao todo nove. Felizmente as camas eram grandes. Dormimos confortavelmente, embora só pudéssemos ocupar um terço do espaço.

Não direi o que foi aquela noite para mim!!!

Amanheceu. Tinhamos que partir o quanto antes.

Aprontamo-nos apressadamente, e comemos alguns bocados com leite fresco.

As boas religiosas prepararam as provisões que foram carregadas por alguns burros que haviam sido requisitados para nossa grande viagem.

Na entrada da floresta, sobre um monte que parecia sobrepujar o oceano, havia uma grande cruz de pedra. Diante dela, sem dúvida, muitas gerações de marinheiros se ajoelharam. Sobre os seus degraus muitas mães verteram lágrimas por seus filhos ausentes.

E lá, junto ao céu, fizemos nossa oração matinal. A irmã Maria dos Anjos, com seu tom penetrante recitou as orações. Eu estava *ajoeilhada* diante dela, e não sei que emoção se apoderou de mim ao ver aquele rosto angélico, doce e suave, refletindo a serenidade de uma alma virginal. Só o barulho do mar perturbava o silêncio religioso.

Foi um espetáculo grandioso, verdadeiramente poético!

Chorei, enquanto minhas colegas respondiam às palavras sagradas!

Fiquei tão pálida que minha professora assustada, temendo sobretudo que eu não conseguisse fazer o trajeto sem me cansar excessivamente, perguntou-me sobre o meu estado de saúde. Tranquillizei-a o quanto pude, tentando evitar qualquer observação mais particular e todas as perguntas a que eu não podia responder.

Partimos. Como na véspera, seria preciso caminhar com alguma segurança, e por isso tiramos os sapatos e as meias assim que a areia se tornou espessa e movediça. As vezes afundávamos até o tornozelo e alguns tombos grotescos faziam-nos esquecer o cansaço dessa caminhada retrógrada. O calor já estava excessivo. Apressamos o passo, a fim de encontrar mais rapidamente o repouso de que algumas precisavam.

Estávamos perto. A areia queimava os pés. A sede avertava à medida em que nos aproximávamos das ondas prateadas do mar.

Para descrever o magnífico espetáculo que se oferecia aos nossos olhos seria necessário uma pena mais sábia do que a minha.

Era tarde. Tínhamos repousado sobre a areia e sonhá-vamos satisfazer o apetite que o ar marítimo vinha estimular ainda mais.

As provisões foram colocadas na areia e nos servimos Sem dúvida, havíamos pensado em tudo, mas nos esquecemos da água. Como encontrá-la naquele deserto de fogo? Decidi procurar. Duas amigas me acompanharam, e saímos atrás de uma fonte.

Transcorreu-se mais de uma hora antes que a encontramos. A sua visão, entretanto, deixou-nos loucas de alegria.

Afastei algumas plantas que a escondiam, e me atirei no chão a fim de matar a sede que me devorava. Minhas amigas fizeram o mesmo. Só retornamos quando essa imperiosa necessidade foi satisfeita. Nossa volta era ansiosamente esperada, e fomos saudadas com gritos de triunfo.

Mãos impacientes arrancavam os preciosos vasos de nossas mãos, sem sequer nos agradecer.

Uma aluna entrou na praia e mergulhou as pernas na água.

Foi uma súbita inspiração!

Rapidamente todas tiraram a maior parte das roupas que vestiam e enrolando as anáguas em volta do corpo precipitaram-se nas ondas mergulhando até a altura das pernas.

As professoras por sua vez, fizeram o mesmo.

O mar subia rapidamente. As ondas eram enormes e chegavam a uma *altura* tão grande que era preciso fugir para evitar a submersão. Uma louca alegria instaurou-se! Somente eu assistia a esse banho como espectadora. O que me impedia de participar dele? Eu não sabia responder naquela época. Só sei que, contra a minha vontade, um sentimento de pudor me obrigava a não participar, como se eu tivesse medo de me envolver naquele divertimento e ferir o olhar daquelas que me chamavam de amiga ou de irmã!

É óbvio que elas nem sequer suspeitaram dos sentimentos que me perturbavam diante daquela brincadeira negligente e ao mesmo tempo natural entre jovens da minha idade! Entre nós, as mais velhas tinham vinte e quatro anos. Eu tinha dezenove, e a maioria não chegava a ter isso. A maior parte das alunas era bonita, embora nenhuma delas chegasse a ser esplêndida.

Por volta das quatro horas, nossa pequena caravana voltou a T... O jantar nos esperava. O cansaço era grande, e meu grupo tinha ainda uma longa caminhada antes de chegar a nossa linda casa de campo.

Chegamos rapidamente, graças ao desejo que tínhamos de recuperar as forças com uma boa noite de sono. Eu, principalmente, precisava de um descanso, e as *emoções* que me torturavam não eram do tipo que aumentava as forças.

Embora ninguém dissesse nada, eu percebia que meu estado causava inquietações. A ciência não sabia explicar

uma *certa ausência* e atribuía a ela, muito naturalmente, uma espécie de enfraquecimento que me consumia.

A ciência, além disso, não tem o dom dos milagres, muito menos o da profecia... Já havia algum tempo que eu me submetia a um regime especial. A pobre irmã encarregada da farmácia, apesar da boa vontade, também não teve sucesso.

Chegara a época das férias e dos exames. Dessa vez eu teria que me submeter a eles. Já estava há dois anos em D... Para as jovens normalistas, em geral, a época dos exames é a mais temida de todas. Não tive medo. Embora todo o meu futuro estivesse ali em jogo, fiquei indiferente quando vi minhas companheiras chegarem para a prova.

Partimos para B...; a superiora nos acompanhou. Fomos conduzidas ao inspetor da academia, que nos fez um discurso moral à altura da situação. O exame se realizaria nas salas da prefeitura. No dia seguinte, às oito horas da manhã, elas estavam repletas de alunas, e as provas escritas começaram.

Somente ao meio-dia subemos o resultado.

Tirei o primeiro lugar. E mantive essa colocação até o final das provas. Devo dizer em meu louvor que ninguém ficou com inveja pois isso já era esperado.

Minha mãe ficou extasiada. Mas sem dúvida alguma, ninguém ficou mais feliz do que o meu benfeitor, o senhor de Saint-M... Meu sucesso o sensibilizou da mesma forma que o sensibilizaria o sucesso de um de seus filhos.

Não foi sem tristeza no coração que me separei de minhas companheiras.

Deixei a pequena casa de D... com uma aflição me-donha.

Era como se eu tivesse um presentimento vago, in-definido, do que me esperava no futuro.

Não estaria eu deixando atrás desses muros a paz, aquela calma inalterável que faz uma consciência tran-quila?

Não teria eu que lutar no mundo contra inimigos de todos os gêneros? E como sairia dessa luta?

Em B..., instalei-me novamente em meu modesto quarto e retomei minhas antigas funções ao lado do senhor de Saint-M..., esperando que ele pedisse ao senhor inspetor que me indicasse um emprego. Eu mantinha com ele excelentes relações.

Nunca sua benevolência me havia falhado. Era um homem raro e verdadeiramente digno das delicadas funções que exercia na instrução pública.

Já haviam se passado alguns meses quando me che-gou da prefeitura um convite para comparecer aos escri-tórios da academia. "Minha filha", me disse o inspetor ale-gremente "creio que você ficará feliz. Vou lhe oferecer emprego num internato que conheço, e onde, não tenho dúvidas, você ficará maravilhada. A senhora A... é uma pessoa de raro talento, e de honra incontestável. Se as condições enunciadas por ela na carta lhe parecerem acei-táveis, responda-lhe imediatamente. De minha parte, eu a recomendaréi".

Aquela proposta desde o início me encantara. Con-sultei minha mãe e o senhor de Saint-M... e ambos ins-tantemente a aprovaram; viam nela todas as garantias desejáveis e suficientes de felicidade.

Escrevi à senhora A... que me respondeu dizendo estar me esperando de braços abertos. Eu tinha dezenove anos, e até completar vinte e um só poderia exercer o car-go de professora adjunta. Eram esses os termos da lei.

Quando as férias terminaram segui para L..., capital do lugar que se situava no limite extremo do meu depar-tamento. Cheguei lá tarde da noite.

Quando saltei da carruagem a mãe da senhora A... estava me esperando, e me abraçou efusivamente, como era próprio de sua natureza expansiva e franca.

É indispensável falar dela aqui.

Viúva há muitos anos, a senhora A... tinha quatro filhas. A mais velha dedicava-se à religião e estava no Sa-cre-Coeur; a segunda, a senhora A... dedicava-se ao en-sino e dirigia o internato de L... com sua irmã mais nova, a senhorita Sara.

Minha presença era necessária devido ao casamento da senhora A... que havia desposado não fazia muito tempo, um velho professor, que também dirigia um internato na localidade. Não podendo mais, a não ser raramente, abandonar a casa de seu marido, a jovem senhora teve que ser substituída por alguém que ficasse ao lado de sua irmã Sara. Sara, por sua vez, não era ainda formada e, portanto, não podia ficar só na chefia de nenhuma instituição. O estabelecimento contava com aproximadamente setenta alunas, dentre as quais trinta eram internas. Como sempre, os detalhes internos eram confiados à senhora P... que desempenhava o serviço com a habilidade de uma dona-de-casa completa. Eu e Sara devíamos nos preocupar apenas com as aulas.

Habituada há muito à direção de sua irmã que lhe dava uma autoridade absoluta, a senhora P... via a minha chegada com certa apreensão. Também o modo como me acolheu, apesar do exemplo de sua mãe, foi um pouco frio e embaraçado. Senti que ela me observava atentamente. Tudo, até os meus menores gestos, era objeto de seu exame. No final do jantar, entretanto, a confiança estava totalmente estabelecida entre nós três.

Ficaram impressionadas com minha palidez doentia. Perguntaram-me amigavelmente sobre minha saúde, e a senhora P... entrando em detalhes absolutamente íntimos, fez com que a considerasse desde aquele dia uma segunda mãe. Seu mais caro desejo, como ela mesma dizia, era que eu e Sara nos amássemos como duas irmãs.

Eu estava *muito cansada*, e Sara me levou a um quarto que ficava ao lado do seu. Chegando lá, ficou tão animada que me deu um beijo, o que acabou por consolidar nossa amizade.

Uma vez *sozinha*, me parabenizei com sinceridade pela felicidade que me foi casualmente concedida. Tudo me fazia pressagiar que seria feliz com aquela maravilhosa família, que já me tratava como um de seus membros.

Faltavam oito dias para o início das aulas. Sara tinha uma outra irmã, de quem ainda não falei, e que só tive a

oportunidade de conhecer no dia seguinte da minha chegada. Casada com um comerciante, morava na mesma rua que a mãe, e aparecia freqüentemente em sua casa.

Comparando-a a minha nova amiga, observei que fisicamente falando, ela era infinitamente superior. Os cabelos negro-ébano emolduravam o rosto, um tanto pálido, mas levemente rosado. As sobrancelhas perfeitamente arqueadas dominavam a testa larga e circundavam os olhos admiráveis e brilhantes, cuja expressão era singularmente bela. A boca pequena e bem torneada, ornada de pérolas resplandecentes, faziam dela senão uma pessoa perfeita, ao menos muito atraente. Junte-se a isso um corpo dos mais opulentos e um ar onde se lia a força, a saúde e a felicidade de uma união ainda em todo o seu frescor, e ainda assim se terá uma idéia imperfeita do poder que devia exercer sobre os que a cercavam. Nunca mais pude esquecer a visão daquela jovem mulher, tal a impressão que me causou.

A fisionomia de Sara não tinha nem aquela distinção nem aquela grandeza. Não havia nada nela que pudesse atrair o olhar. Algo de irônico pairava insistentemente em seus lábios e dava a seus traços uma certa dureza que era, às vezes, temperada pela prodigiosa doçura de um olhar onde se lia a ingenuidade do anjo que se ignora. Sua altura era abaixo da média e seu corpo, para o olhar de certos observadores, talvez fosse um pouco forte demais.

Com um pouco de habilidade, adivinhava-se uma natureza impetuosa e ardente, que o ciúme poderia levar a grandes excessos.

Criada por uma mãe que levava seus princípios religiosos à mais austera rigidez, Sara era verdadeiramente devota, mas sua devoção era esclarecida e isenta daquele rigor excessivo que ela própria não se impedia de deplorar nos outros.

Tinha dezoito anos. Nem a sombra de um pensamento maldoso vinha perturbar a serenidade de sua alma cândida. Nessa época começou nossa ligação, que não tardou a se transformar numa verdadeira afeição.

Naturalmente bondosa, Sara me cercava de amabilidades que eram próprias de um coração generoso. Fui sua confidente e sua primeira *amiga*.

Fomos juntas visitar a senhora A... Ela era, sem dúvida, uma mulher de grande mérito.

A julgar por sua aparência, devia sofrer muito. Embora não tivesse mais do que trinta anos, aparentava quarenta. O corpo se curvava levemente, como se um mal contínuo a ameaçasse interiormente. O rosto cavado tinha, às vezes, uma palidez cadavérica que contrastava com a calma resignada que se espalhava sobre os traços cansados. Sua doçura jamais se esvanecia, fossem quais fossem as circunstâncias. O tempo todo seu humor era o mesmo. O ar de grande dignidade que possuía, aliado a uma atraente afabilidade, a transformara em ídolo das alunas.

A senhora P... tinha por ela uma visível predileção. Aquela filha era a imagem viva do pai, e ela o havia amado com paixão. Inteligente e culta, a senhora A... destacava-se das irmãs. Compreende-se, portanto, que sua mãe se sentisse orgulhosa dela, e que ela, por sua vez, não tomasse nenhuma decisão sem antes consultá-la.

De pleno acordo comigo, a senhora A... não traçou nenhum plano de conduta para a direção dos estudos de minhas alunas. Quanto a isso, eu tinha total liberdade de ação.

Francamente, todos em L... me eram simpáticos, exceto o pároco. Minha posição em Jonzac me obrigava a ir saudá-lo antes de iniciar minhas funções.

Fui lá com a senhora P... Durante esse encontro que durou alguns minutos, adivinhei nesse homem um inimigo perigoso para o futuro. Não me enganava. Era um velhote pequeno, de aparência raquítica, magro, ossudo, com os olhos profundamente enterrados em suas órbitas, de onde desprendia-se um fogo sombrio que inspirava terror e repulsa. Sua palavra breve, afiada e de certa forma escarpedora, não era feita para inspirar a convicção. Seu sorriso era falso e mau. E o mais estranho é que todas as

mulheres do local o cultuavam, o que sem dúvida alguma, se devia a terrível influência que sabia exercer sobre aquelas naturezas tímidas, curvadas sob o jugo de sua moral impiedosa, desesperadora, diametralmente oposta à do Mestre Divino.

Por outro lado, era cordialmente detestado por todos os homens do local, e ele sabia muito bem disso.

Felizmente tais padres são raros, para a glória da religião cristã, religião de amor e perdão.

De volta à casa, contei a Sara minhas impressões, mas ela não pareceu muito surpresa.

“Camille”, disse ela, “não fale desse assunto na frente de mamãe, porque você a desagradará muito. A seus olhos o abade H... é um santo. Há muito tempo minhas irmãs abandonaram sua direção, para a grande satisfação de seus maridos. Elas têm como guia espiritual o pároco de uma pequena comunidade vizinha a nossa. Se eu não temesse as reprovações de mamãe, não hesitaria em fazer o mesmo. Mas a esse respeito ela é intratável”.

Nos dias que se seguiram visitei os arredores. A senhora P... tinha lá uma grande propriedade em excelentes condições. Trabalhadora infatigável, tomava conta de tudo sozinha, sem a ajuda dos genros.

Raras vezes o dia a surpreendia dormindo.

A jardinagem, os cuidados do numeroso galinheiro e de seus animais, a absorviam. Ela não esperava por sua criada, ainda que tivesse que cuidar de coisas extremamente penosas. Aquela era a sua vida. Sem cansaços, ela não teria vivido.

Se o tempo estivesse bom e ela precisasse de legumes, chamava a mim e a Sara: “Vamos crianças, vamos dar uma volta no Guéret, vocês me trairão tal e tal coisa.” E nós, de braços dados, partíamos felizes. O Guéret pertencia a ela e ficava a quinze minutos da casa; era um imenso pomar em cuja entrada havia um lindo caramanchão. Era nosso passeio favorito. E que horas deliciosas passávamos lá!

A vida do campo tinha para mim um charme incomparável! Eu me sentia reviver no meio daquela vegetação

luxuriante, daquele ar puro e vivificante que eu respirava profundamente.

Tempos felizes que se foram para sempre!

Estávamos a 1º de novembro de 185... época fixada para o reinício anual das aulas do internato.

No dia seguinte eu e Sara levamos todas as nossas alunas à missa do Espírito-Santo.

A igreja de L... tinha um púlpito que se dividia em duas partes: a central, reservada para os homens e a lateral direita para as mulheres. Entre elas havia uma cons-trução em pranchas de madeiras suficientemente altas para impedir toda e qualquer comunicação.

Comecei a trabalhar. Fiquei *encarregada* especialmente das alunas mais adiantadas. Sara ficou com as mais novas. A senhora A... me ajudava um pouco nas minhas ocupações. Vinha todos os dias regularmente ao internato, uma hora pela manhã, outra pela tarde. Na verdade, eu estava na direção do estabelecimento, ao menos no que concernia à parte de ensino, porque do resto eu me ocupava muito pouco. Sara e sua mãe recebiam os pais e estabeleciam com eles todas as condições. Essa era uma corveia da qual eu estava feliz de não participar.

Nossas internas ocupavam dois dormitórios contíguos e eu era responsável pela fiscalização das alunas maiores. Isto é, das alunas entre treze e quatorze anos.

Minha cama era ligeiramente separada da de Sara. Na direção de nossos pés ficava a porta de comunicação com os dormitórios, e essa porta jamais era fechada.

A mesma lamparina clareava, portanto, os dois dormitórios.

Após as orações, quando as alunas já estavam dormindo, eu e Sara costumávamos conversar durante horas. Eu ia para a sua cama e minha felicidade era dar a ela os pequenos cuidados que uma mãe dá a seu filho. Pouco a pouco adquiri o hábito de despi-la Tirasse ela um alfinete sem mim e eu morria de ciúmes! Tais detalhes podem parecer fúteis mas são, sem dúvida, necessários.

Depois de colocá-la na cama, me ajoelhava perto dela e roçava minha testa na sua. Seus olhos logo se fechavam com meus beijos. Ela dormia. Eu a olhava com amor e não conseguia sair de lá. Eu a acordava. "Camille", dizia ela então, "eu te imploro, vá dormir, você vai ficar com frio, já é tarde".

Vencida enfim por seus pedidos, eu saía docemente, mas antes a apertava muitas vezes em meu peito. O que eu sentia por Sara não era amizade, era uma verdadeira paixão!

Eu não a amava, eu a adorava!

Essas cenas se repetiam todos os dias.

Acordava freqüentemente no meio da noite. Então deslizava furtivamente para perto de Sara, prometendo a mim mesma não perturbar o seu sono de anjo. Mas eu não conseguia contemplar a doçura daquele rosto sem aproximarme os lábios.

Como resultado dessas noites agitadas, dificilmente no dia seguinte eu estava de pé quando o despertador tocava. Todos os dias pela manhã, Sara vinha pronta à minha cama dar um beijo de adeus!

Ela apressava as alunas atrasadas, fazia a oração da manhã e se ocupava em seguida do café. Eu a ajudava nesse trabalho, mas infelizmente não tinha seu jeito, seus cuidados delicados, e as alunas evitavam, o mais possível, ficar perto de mim.

Uma vez cumprida essa tarefa, todas iam se lavar e fazer a toalete. Enquanto isso, eu e Sara iamos dizer bom-dia à senhora P... A boa senhora via com grande alegria a intimidade que reinava entre nós, e nos recompensava com mil carinhos e atenções. Tudo o que pudesse nos agradar ela nos reservava como surpresa: ora a primeira fruta colhida em seu pomar, ora uma guloseima que ela fazia tão bem.

Um pouco antes das oito horas, Sara subia ao dormitório para trocar o roupão. Eu não sofria quando ela o fazia sem mim, pois estávamos sós quando isso acontecia. Com uma felicidade indescritível, eu a abraçava e acarri-

ciava os cachos de seus cabelos naturalmente ondulados, apoiando meus lábios ora em seu pescoço, ora em seu belo peito nu!

Pobre e querida criança! Quantas vezes fiz seu rosto ficar rubro de vergonha e espanto! Enquanto sua mão afastava a minha, seus olhos claros e límpidos fixavam-se nos meus, como que tentando descobrir a causa daquela conduta que lhe parecia absolutamente errada (e devia ser mesmo).

Por alguns momentos ela ficava paralisada de estupor! Era realmente difícil ser de outro modo.

Já havia algum tempo que eu estava em L... Tíh-nos planejado para um esplêndido dia de inverno visitar um pequeno lugarejo situado mais ou menos a dois quilômetros de distância. Com esse objetivo, resolvemos aproveitar um feriado, e partimos depois do café. Sara me deu o braço, e à nossa frente as alunas se entregavam ao deleite. Chegamos a um pequeno bosque de carvalhos, onde um riacho abundante, avolumado por chuvas recentes, corria por sobre um leito de pedrinhas.

Minha jovem amiga, sentada num pequeno monte de terra vigiava todo o seu ágil rebanho. *Sentada* ao seu lado, com um livro nas mãos, meu olhar errava ao acaso sobre linhas já percorridas, para dirigir-se em seguida a ela. Sara estava ressentida comigo. Apesar de todos os seus esforços, consegui arrancar-lhe um sorriso, a que respondi cobrindo-a de beijos. Esse movimento despenteou seus cabelos que desenrolando-se inundaram-me o rosto e os ombros. Beijei-os.

Fiquei terrivelmente emocionada. Sara percebeu. "Pelo amor de Deus, Camille, o que há com você? E então, não tem mais confiança na sua amiga? Não sabe que é a você que eu mais amo no mundo?"

"Sara", respondi eu, "do fundo de minha alma, eu te amo como nunca amei ninguém na vida. Mas não sei o que está acontecendo comigo. E sinto que essa afeição não pode mais me satisfazer. Para isso preciso de toda a tua vida! Invejo, às vezes, a sorte daquele que será teu marido".

Surpreendida pela estranheza de minhas palavras, Sara ficou com medo: a extrema palidez de seu rosto o demonstrava.

Mas não podendo atribuí-las senão aos ciúmes exagerados, que testemunhava o meu amor, não procurou dar a elas um sentido impossível. E me fez notar, além disso, que eu poderia despertar a atenção de nossas alunas, o que eu rapidamente compreendi. Seu aperto de mão me fez entender que eu estava *perdoada*. Contudo, a calma dessa existência até então pura acabara de receber um choque terrível!

Voltamos para casa em silêncio.

Eu estava triste e confusa. Um sorriso consolador vindo de vez em quando de Sara me fazia esquecer as monstruosas aflições da minha alma!...

Horríveis sofrimentos físicos vieram, a partir de então, se somar a meus males interiores. Esses sofrimentos eram tais que mais de uma vez pensei ter chegado ao fim de minha existência.

Eram dores intoleráveis, inomináveis, as que eu sentia. Soube mais tarde que essas dores constituíam um perigo iminente para a minha vida. Escapei por um estranho milagre! Conteí tudo isso a Sara que imediatamente ameaçou contar a sua mãe, caso eu não recorresse a um médico, o que eu recusava obstinadamente.

Essas dores se manifestavam principalmente à noite e eram tão fortes que me impediam até de gritar. Que se julgue o meu pavor! Poderia ter morrido assim sem ter articulado um gemido!!

Feliz com esse pretexto que não deixava de ser verdadeiro, imploréi a minha amiga que viesse dividir comigo o leito. Ela aceitou com prazer. Não sei como definir a felicidade que senti com a sua presença ao meu lado! Fiquei *louca* de alegria. Conversamos longamente antes de dormir; eu com os braços em volta de seu corpo, e ela com o rosto apoiado bem perto do meu! Meu Deus! Fui eu a culpada, e devo, portanto, me acusar agora de ter cometido um crime? Não, não!... Esse erro não foi meu, mas de

uma fatalidade a que não pude resistir!! Sara *me pertenc*ia agora!... *Ela era minha*!!!... O que na ordem natural das coisas deveria ter nos separado, acabou por nos unir!!! Imagine-se agora, se for possível, a situação em que ambas estávamos!

Destinadas a viver na perpétua intimidade de duas irmãs, seria preciso agora esconder de todos o segredo fulminante que nos *unia*!!! A felicidade da qual íamos gozar não poderia em nenhuma circunstância imprevisista ser demonstrada, ou estaríamos nos expondo à reprovação pública! Pobre Sara! Quantas agonias lhe causei!

No dia seguinte, encontrei Sara arrasada!!! Os olhos vérmelhos de tanto chorar, traziam a marca de uma insônia cruelmente atormentada.

Não ousando desafiar o olhar clarividente de uma mãe, Sara só viu a senhora P... na hora do almoço. Sem dúvida, eu estava bem menos perturbada do que ela, mas ainda assim não tive coragem de encarar a senhora P... Pobre mulher! Via em mim apenas uma *amiga* de sua filha quando na verdade eu era seu amante!...

Passamos um ano assim!...

Obviamente eu percebia que o futuro era sombrio! Seria preciso mais cedo ou mais tarde romper com um género de vida que não era mais o meu. Ah, mas aí de mim! Como sair daquela terrível complicação? Onde encontrar forças para dizer ao mundo que eu usurpara um lugar e um título interditados pelas Leis Divinas e humanas? Mesmo uma inteligência mais sólida do que a minha teria ficado perturbada. A partir desse dia, não deixei Sara um só instante sozinha!... Acalentamos o doce sonho de pertencermos uma à outra para sempre, diante do céu, isto é, pelo casamento.

Mas como estava distante o projeto de sua execução!

Foi então que todo tipo de plano, cada um mais estranho do que o outro, surgiu na nossa imaginação delirante. Mais de uma vez achei que fugir seria o único meio de obter algum resultado. Sara concordava, mas logo ficava com medo e desistia. As cartas que eu escrevia a minha

mãe deixavam transparecer uma preocupação constante. Sem lhe fazer confissões, eu a preparava aos poucos para uma catástrofe inevitável. Minhas palavras eram para ela uma série de enigmas insolúveis. Chegou a pensar que eu estivesse louca e suplicou que eu desse um fim às suas cruéis incertezas. Tentei então acalmá-la e causei-lhe novas perplexidades. A ignorância em que se encontrava podia levá-la a pedir esclarecimentos à senhora P... E era principalmente isso o que eu temia, pois tudo estaria perdido.

Compreensivelmente, diante das alunas, minhas relações com Sara eram cheias de perigos incessantes.

Para que não desconfiassem, precisávamos manter uma certa reserva, tentando não passar dos limites (sobretudo eu)!!!

Freqüentemente, no meio da aula, um sorriso de Sara me eletrizava. Queria apertá-la em meus braços, mas precisávamos nos conter!

Eu não passava por ela sem lhe dar um beijo ou um expressivo aperto de mão.

Todas as tardes de verão dávamos um passeio pelas cercanias com as alunas.

Braços dados, eu e minha *amiga* chegávamos a um campo. Sentado na grama, a seus pés, não a perdia de vista, dizendo-lhe as palavras mais doces e fazendo-lhe os carinhos mais apaixonados.

Sem dúvida, se uma testemunha invisível pudesse assistir a essa cena, ficaria estupefata com minhas palavras e mais ainda com meus gestos!

A alguns metros de onde estávamos, nossas alunas brincavam alegremente. Situadas de modo a vigiar todos os seus movimentos, estávamos ao mesmo tempo escondidas de seus olhares! Voltávamos sempre pelo mesmo caminho. As vezes acontecia de encontrarmos o prefeito ou o médico. Este último, amigo íntimo da família, viu Sara nascer, e tinha por ela uma verdadeira afeição. Os cumprimentos que nos endereçavam eram, portanto, gentilíssimos o que nos alegrava muito.

Dado a excentricidade de minha situação, pode-se fazer uma idéia do que era minha relação com o pároco. Era de fato uma situação terrível!!

Ocupava junto à família mais honrada do local um cargo de confiança extremamente delicado, pois além de me conceder autoridade absoluta no que fazia, dedicava a mim uma afeição sincera, da qual eu recebia diariamente novas provas!! E era a essa família que eu enganava. Aquela doce menina que se tornara minha companheira e irmã, eu transformei em *amante*!!!...

Pois bem, submeto-me aqui ao julgamento da posteridade que me lerá! Submeto-me ao sentimento que existe no coração de todos os filhos de Adão. Terei eu sido culpado e criminoso porque um erro grosseiro me deu um lugar no mundo que não deveria ser o meu?

Amei com ardor e sinceridade uma criança que me amava com todo o ímpeto de seu coração! Objetar-se-á: "Mas se havia um equívoco por que razão não o revelou ao invés de abusar dele assim?" Aos que assim pensam, peço que reflitam sobre a dificuldade da situação.

Uma confissão por menos comprometedora que fosse não teria me salvado de um escândalo cujas consequências seriam necessariamente fatais a todos os que me cercavam. Consegui manter as aparências por um tempo mais ou menos longo, mas não podia esconder a verdade daquele que tem na terra o lugar de Deus, isto é, o confessor; e ele por sua vez deveria escutar todas aquelas barbaridades sem romper o silêncio que lhe é imposto pelo caráter sagrado. E eu tinha justamente como confessor o homem mais intolérante do mundo! Só de pensar em me defrontar com suas cóleras, ficava gelada de pavor. Que se julgue a violência e o sarcasmo desse homem, a partir de uma confissão que lhe fiz de minhas fraquezas!!

Não foi pena o que inspirei nele, mas horror, um horror vingativo.

Ao invés de palavras de paz, suas palavras foram de injúria e desprezo. Secura, era tudo o que havia em seu coração! O perdão saía de má vontade dos seus lábios, que

deveriam ao contrário propagar os benefícios inesgotáveis da caridade cristã, aquela caridade que só nasce na alma de quem mostra o Evangelho, isentando a imundície da mulher pecadora e arrependida!

Cheguei lá profundamente humilhada, e saí com o coração ainda mais ferido. Decidi então deixar aquele guia cuja moral inqualificável só servia para distanciar do bem as naturezas mais fracas ou ignorantes.

Infelizmente o que estou dizendo é verdade. Mas sou capaz de afirmar também, para a glória do clero católico, que ele é talvez uma exceção única entre seus membros.

A situação falsa e excepcional em que me encontrava me fez sentir ainda mais aquela rigidez feroz, porque exigia ao contrário uma grande indulgência de sua parte.

E de fato, para grande surpresa da senhora P..., abandonei subitamente o abade H...; mas sua surpresa transformou-se em descontentamento quando viu que Sara ia fazer o mesmo. Não obstante, por minha causa, ela aceitou melhor o fato.

Inicialmente a intimidade que havia entre mim e Sara era muito admirada, mas com o tempo passou a ser criticada pela maioria das pessoas que a considerava um pouco exagerada e por que não dizer suspeita. Mas estavam ainda muito longe da verdade.

Por falta de conhecimento, fazia-se comentários de todo tipo, até que afinal, como sempre, algumas mães caridosas decidiram prevenir a senhora P..., em nome da moral ultrajada por nossa conduta cotidiana diante das alunas. Principalmente eu, sofri graves acusações. Transformaram em crime o fato de eu beijar com muita frequência a senhorita Sara.

Começamos a observar que, de fato, éramos objeto de sérios exames por parte das alunas mais velhas.

Quando me viam abaixar e apertar Sara em meus braços, desviavam a cabeça com embaraço, como se tivessem medo de nos ver ruborescer. As internas principalmente, que nos viam dormir e acordar, manifestaram mais de uma vez seu espanto em relação a determinados detalhes que,

sem dúvida, as assustavam. Evidentemente faziam comentários a esse respeito. Daí os rumores que se espalhavam pela cidade. A senhora P... que era extremamente cuidadosa em relação ao bom nome de sua casa, ficou seriamente afetada com isso.

Não ousando falar sobre esse assunto comigo, chamou sua filha. "Sara", disse ela, "por favor, daqui por diante seja mais discreta em suas relações com a senhorita Camille. Sei que vocês se gostam muito, e de minha parte fico feliz; mas há conveniências que mesmo entre moças devem ser observadas". Esse primeiro ataque nos fez tremer pelo futuro. O que seria de nós quando descobrissem a verdade?

Faremos de dormir na mesma cama!!! Isso não fazia parte das recomendações da senhora P..., que aliás ignorava esse fato. Além disso, ela não suspeitava de nós. A boa senhora era por demais virtuosa e tinha confiança em mim, e Sara era por demais cega para que ela tivesse tais idéias. Mais clarividentes do que ela, suas duas filhas mais velhas não eram tão indulgentes em relação a nós. Já mais, entretanto, uma palavra delas veio me acusar; eram sempre afetuosas e delicadas comigo. Contudo, sei que despertávamos sua curiosidade.

De vez em quando a senhora P... dava uma reunião em sua casa, e eu era impreterivelmente convidada. "Minhas filhas", dizia ela, "as internas jantarão hoje um pouco mais cedo, e quanto a vocês, comerão lá em casa".

Se eu recusasse o convite, Sara também recusava: e isso era sabido por todos. Essas reuniões se compunham exclusivamente das irmãs de minha amiga e de seus maridos. Estes últimos adoravam Sara, mas comigo não pareciam ficar muito à vontade. Como explicar esse fato?... Esse mal-estar era quase imperceptível; somente eu podia perceber. Educadamente faziam sempre alusões ao casamento de sua jovem e bela irmãzinha. Sara aceitava tudo com uma aparente felicidade da qual somente eu sabia o segredo!...

Sempre ao meu lado, furtivamente lançava um olhar indiferente a todos, exceto a mim!!! E eu arranjava sempre

um jeito de responder! Em suma, essas dificuldades nos pesavam horrivelmente e estragavam nossa felicidade!

O papel que eu era obrigada a representar acabava sempre por me encher de remorsos. Remorsos que eu calava para proteger minha pobre Sara, esmagada pelo peso da vergonha! Querida e pura criança, será que tua conduta precisa ser desculpada? Como poderia ter recusado à amante aquela doçura de sentimentos que devotara à *amiga* e à *irmã*, e se tão ingênuo amor se transformara em paixão quem, além do destino, poderia ser o culpado?

Em nossos deliciosos encontros ela se comprazia em me dar qualificações masculinas, o que coincidiria mais tarde com meu estado civil. "Meu querido Camille, eu te amo tanto!!! Por que fui conhecer você, se esse amor vai fazer a infelicidade de toda a minha vida?"

O ano letivo chegara ao fim.

Com as férias nos separaríamos! Dois meses longe de Sara, era muito tempo!!! Por outro lado era conveniente que eu estivesse de volta quinze dias antes de começarem as aulas. A própria senhora P... me fez prometer que eu voltaria dentro desse prazo. Pobre mãe!!!

Ela também lamentava a minha partida! Eu era sua segunda filha! "Bem, senhorita Camille, Sara vai ficar muito só sem você! Passe essas férias conosco. Nessa época do ano os dias campestres são tão atraentes! O tempo da vindima vai chegar e vocês terão uma distração a mais." Minha recusa não a magoou pois compreendeu que eu tinha deveres para com a minha mãe. Ela não sabia até que ponto suas ofertas eram sedutoras, tampouco o sacrifício que eu fazia para rejeitá-las!!!

No dia 20 de agosto houve a distribuição de notas. No dia seguinte o internato estava vazio. Deixamos, portanto, o dormitório para nos instalarmos num pequeno quarto reservado para Sara na mesma parte da casa em que ficava sua mãe; a senhora P... morava no térreo.

Foi uma grande festa porque pudemos gozar livremente os últimos instantes de felicidade que precediam a nossa separação.

Ah, mas como aqueles dias passaram depressa!

Nosso quarto, embora pequeno, aos nossos olhos parecia um palácio que não teríamos trocado por nenhum tesouro do mundo! O sino que nos despertava todas as manhãs não mais perturbam nosso doce sonho da noite!!! Podíamos acordar tarde!

De manhã quando acordava, Sara estava dormindo com a cabeça apoiada em meu braço! Seus belos cabelos ondulavam graciosamente por sobre seus ombros descobertos! Eu a olhava prendendo a respiração, mergulhada numa contemplação plena de felicidade!!!

Meu Deus, me deste tanta felicidade! Como posso queixar-me, se no meio da noite profunda que me envolve, os clarões daquele passado luminoso vêm sozinhos aliviar meu longo infortúnio?! Minha partida estava marcada para aquele dia. Nos levantamos cedo. A senhora P... veio nos acordar.

Ao descer, encontrei um despejum feito por ela, mas não consegui comer.

Sara andava de um lado para o outro enxugando às pressas uma lágrima furtiva, tentando me encorajar com um sorriso pálido. A senhora P... preparava contra a minha vontade uma quantidade enorme de provisões para a viagem.

Deixei que ela fizesse!

Na saída senti um aperto horrível no coração; era a primeira vez que me separava daquela casa hospitaleira.

Convém resumir a cena que me dilacerava. Me aproximei da senhora P..., "Vamos minha querida filha", disse ela, "pense em nós e volte logo". Beijei-as, mas não consegui dizer uma só palavra.

Eu tinha que fazer ainda um longo percurso através do campo até chegar na estrada onde pegaria uma carruagem para B... Sara me acompanhava; nossa dor era grande.

Apertei com força um de seus braços em meu peito e coloquei por cima dele o meu!!! Era a vigésima vez, que prometíamos nos escrever semanalmente e com regularidade.

A carruagem chegou: parti, deixando longe a pequena estação que me furtava a visão de minha amiga!!! Tive a impressão de estar deixando para sempre a terra natal!!! Cheguei em B... já era noite. Pela primeira vez na vida fiquei triste ao rever aquela casa onde me esperavam minha mãe e meu nobre benfeitor, dois corações que me amavam tanto! Como sempre, beijei o senhor de Saint-M..., que ficou assustado com a mudança ocorrida na minha fisionomia. Uma melhora sensível estampava-se em todo o meu ser. Eu já o havia constatado antes dele, e sabia a razão...

Distrações não me faltavam em B...

Tinha uma série de pessoas a visitar.

Mas tudo aquilo me parecia insípido agora.

Eu era *perseguida* por uma idéia constante.

Surgia o novo horizonte de um futuro que não podia mais ser adiado!!!

Antes de deixar L..., tinha recebido uma carta da irmã Maria dos Anjos. Minha antiga mestra me convidava a participar em D... de um retiro anual para as antigas alunas da escola normal. Prometi a mim mesma não faltar. Tinha um sério motivo para isso. Nenhuma palavra poderia expressar com fidelidade as impressões que tive ao entrar sozinha naquele santuário de benignidade onde vivi tanto tempo! Não havia ainda completado dezoito meses desde que saí de lá! Mas quantas coisas aconteceram nesse curto espaço de tempo!... Coisas que pareciam me impedir de entrar naquela casa onde habitavam a inocência e a castidade!

A primeira pessoa que vi foi minha boa professora. Nada em sua fisionomia havia mudado. A mesma serenidade, a mesma expressão de dignidade casta e resignada. Ouvi pronunciarem meu nome. Ela veio depressa, com aquele sorriso divino que testemunhava a sua felicidade. Estendeu as mãos espontaneamente para mim, e eu as aproximei de meus lábios!!!

A nobre mulher me agradeceu em termos simples e afetuosos por ter aceitado o convite.

Mais de quarenta professoras, todas ex-alunas da madre Maria dos Anjos, tinham vindo dos diversos pontos do país para recuperar suas forças durante aqueles dias de solidão religiosa. Como era época de férias, a casa inteira estava à nossa disposição. Muitas das ex-alunas presentes eu não conhecia; outras, ao contrário, eram da minha época e tinham sido minhas colegas.

Quando as revi, fiquei infinitamente feliz.

Um missionário fez a pregação do retiro na capela do convento, asilo sagrado, que sem dúvida, eu revia pela última vez!!!...

Eu tinha necessidade daquela calma religiosa, por causa das complicações cada vez maiores da minha vida!

Era o momentô, talvez, de colocar uma barreira intransponível entre o passado e o futuro, e eu precisava me recolher diante de Deus!!!

Decidi me abrir com toda franqueza àquele confessor desconhecido, e esperar seu julgamento! Já é de se supor o espanto, a estupefação que lhe causou minha estranha confissão!!!

Terminei a confissão! Ele ficou em silêncio, absorto em seus pensamentos. Meus pecados, minhas misérias, não lhe incitaram mais do que uma doce comiseração.

Coloquei, por assim dizer, meu destino em suas mãos, e fiz dele meu juiz! "Minha filha", disse ele, "a situação é das mais graves e exige sérias reflexões. Não posso agora, nesse momento, traçar para você uma linha de conduta. Volte amanhã, e daqui a dois dias eu lhe darei meu conselho".

Minha ansiedade era grande. Senti minha vida suspensa por aquelas palavras! Não dormi, ou dormi mal. O prazo fixado se esgotara. Eis o conselho que me deu o abade: "Não direi — disse ele — o que você sabe tanto quanto eu, isto é, que você pode, se quiser, receber o título de homem a que tem direito. É claro que você poderia, mas como vai obtê-lo? Ao preço dos maiores escândalos, talvez. Por outro lado, você não pode continuar nessa situação, pois que também é perigosa. Então, o con-

selho que lhe dou é o seguinte: retire-se do mundo e torne-se uma religiosa, mas não revele nunca a ninguém a confissão que me fez, pois um convento de mulheres não a admitiria. Essa é a única saída que eu vejo, e creia-me. aceite-a."

Me retirei sem nada prometer, pois não estava preparada para tal resultado.

Propunham-me evitar um escândalo para me criar uma situação mais perigosa ainda, que culminaria num escândalo inevitável. Além disso, eu não tinha nenhuma vocação para a vida religiosa. Um sentimento mais forte me puxava; eu estava disposta a tudo, mas não queria sufocá-lo. Dado às circunstâncias, decidi então esperar os acontecimentos.

No dia seguinte deixei D... Quando me despedi de minha querida professora estava convencida de que não a veria mais, ao menos nas mesmas condições! Tudo, entre mim e ela, estava, portanto, terminado! Um abismo nos separaria! E esse pensamento me entristeceu muitíssimo.

Vejo-lhe ainda o olhar angélico fixado em mim, enquanto minhas mãos apertavam as suas!!!

Meu Deus, se ela pudesse ter lido em minha alma! Levei o rosto àqueles lábios tão puros, mas foram os meus que se colaram em suas faces!!! Estava acabado! Eu romperia para sempre os doces laços do meu passado!!!

Quando cheguei a B..., evitei com extremo cuidado toda e qualquer possibilidade de uma conversa particular, fosse com minha mãe ou com o senhor de Saint-M..., cuja tocante solicitude não me abandonava.

Após o café, eu lia o jornal e colocava em ordem seus papéis de negócio.

Conversávamos familiarmente, com aquela negligência amável que nasce da confiança e da estima recíprocas.

Em seguida, eu escrevia meus pensamentos íntimos e cotidianos, minhas impressões, e meus lamentos; tudo era destinado a Sara, que por sua vez, me enviava toda semana uma longa carta que eu devorava no silêncio das

minhas noites. Todas essas cartas pediam que eu abreviasse o tempo passado longe dela! Estávamos no mês de outubro. Eu tinha prometido a senhora P... que estaria de volta mais ou menos nessa época, e eu tinha que cumprir minha promessa. Quanto tempo ainda eu teria que morar em sua casa? Eu ignorava a resposta. Uma explosão podia acontecer a qualquer momento. Me resignei a levar tudo adiante. Quanto mais a crise se aproximava, mais eu sentia aumentar minhas forças! Mas, e Sara?

O serviço de carruagem tinha sido modificado. Dessa vez eu só chegaria a L... no meio da noite. A essa hora ninguém estava mais me esperando. A senhora P... estava na cama. Abraçou-me cordialmente e quis se levantar para preparar uma refeição, o que eu educadamente recusei.

“Então”, me disse ela, “vá rápido descansar. Sara deve estar dormindo. E vai ter sem dúvida uma surpresa agradável”. Não precisou falar duas vezes. Sara já tinha escutado minha voz.

E me esperava de braços abertos!!!

Não dormimos quase nada àquela noite!!....

Durante muitas horas, a felicidade ocupou o lugar do sono! Tínhamos tantas coisas a nos dizer! Em consequência disso, a altas horas da madrugada não tínhamos ido dormir ainda.

A senhora P... entreabriu nossas cortinas e representou amigavelmente nossa indolência.

Eu quis responder-lhe no mesmo tom, mas estava realmente confusa. Depois que a senhora P... saiu, Sara me fez uma confidência aterradora! — As lágrimas a sufocavam! Se seus medos eram fundados, estávamos ambas perdidas! Uma verdadeira espada de Damocles estava suspensa sobre nossas cabeças.

Sara respeitava e temia sua mãe ao mesmo tempo. A idéia de ter que se sentir envergonhada diante dela, lhe era insuportável. Eu imaginava a cólera, o furor, e a indignação daquela mãe se soubesse a vergonha de sua filha! E

isso em circunstâncias difíceis de se prever! Confesso que, embora temesse tais acontecimentos, meus votos eram de que acontecessem. Assim, ninguém poderia se opor ao meu casamento com Sara! Mas por outro lado, que reprovações amargas eu teria que suportar...

Nada de especial aconteceu nos primeiros meses desse ano. A monotonia da nossa vida em L... não foi rompida a não ser pelos mistérios dolorosos de um amor escondido que escapava a toda e qualquer previsão humana.

Eu não tinha mais nenhuma espécie de ligação com o pároco. Aquela homem me era odioso!

Embora fizesse visitas freqüentes a senhora P..., não se aproximava das salas de aula.

Não tinha dúvidas do porquê. Minha presença, e unicamente ela, o impediam de fazê-lo. Ele evitava em qualquer circunstâncias me dirigir a palavra.

E eu me cumprimentava por isso, pois não teria tido forças para conter minha antipatia.

Eu o havia abandonado; por conseguinte Sara também. Conhecía sua profunda maldade.

A qualquer momento ele poderia se tornar um inimigo terrível e se vingar do meu desprezo. Por enquanto ele era apenas um espião, e eu o sabia.

Para compensar o silêncio que fazíamos ao vê-lo, inventou a mais imoral das espionagens. A maior parte de nossas alunas se confessava com ele. Não contente de fazer-lhes uma série de perguntas íntimas, mais ou menos disfarçadas, pois se tratava de crianças, com muito jeito conseguiu arrancar-lhes um relato detalhado de nossas ações. Incapazes de escapar a essa inquisição, as pobres crianças confessaram tudo, e nos preveniram em seguida. Abstenho-me aqui de qualificar tal atitude!!....

O fato que vou assinalar agora, diz respeito à casa em que morávamos. Certa manhã, um rumor veio agitar a população de L... Acabávamos de saber da gravidez e do parto de uma menina que não tinha completado ainda quatorze anos de idade. Essa menina tinha sido nossa aluna. Mas não conhecíamos nada a respeito de suas relações que pudesse levar ao nome do autor.

A casa em que morava com seus pais, ficava quase ao lado da nossa, e portanto, nós a víamos constantemente. Quando soube da notícia a senhora P... começou a gritar. Sua reação ao episódio era de uma suscetibilidade rude, e até ridícula.

Os desvios da paixão não tinham desculpas naquela alma dessecada pela moral estreita do abade.

É claro que aquele incidente me fez refletir com seriedade nas prováveis conseqüências de minha ligação com Sara. O comportamento da menina aumentou ainda mais o efeito produzido por esse fato. Ela se recusava a nomear o culpado; e sua obstinação não pôde ser vencida. O médico que acompanhava o caso, a viu nascer, e insistia em vão que ela lhe dissesse a verdade. Tudo foi inútil!!!

O pai de seu filho, dizia ela ao doutor, era um caixeiro-viajante. Dava informações muito vagas, e a família teve que se contentar com isso. Pouco tempo depois, ela deixou a cidade com seu pai e sua mãe.

Uma mudança ia ocorrer na família de minha amiga. Sua irmã, a senhora A... ia partir com o marido que havia sido chamado para exercer novas funções num departamento vizinho. Para a senhora P..., de quem ele era o ídolo, isso foi motivo de grande tristeza. Sua saída, além disso, causaria uma séria dificuldade para o internato, pois embora eu o dirigisse, a senhora A... era a responsável frente à academia.

Eu não era ainda maior de idade e, portanto, não poderia, sem uma autorização especial, estar na direção real da instituição. A senhora P... conversou longamente comigo a esse respeito. Sonhava em ceder um dia seu estabelecimento a mim. Não me contrapuz à sua vontade. Mas via aproximar-se o dia em que todos os seus planos cairiam por terra!!!...

Naquele momento, entretanto, eu deveria aceitar suas propostas.

Tratava-se de pedir ao inspetor da academia uma autorização para suceder a senhora A... na diretoria do internato, até a época em que eu pudesse legalmente re-

ceber esse título. O inspetor mostrou-se imediatamente favorável a meu pedido, e portanto, uma recusa de sua parte não era provável. Por outro lado, eu teria o apoio do prefeito através do senhor de Saint-M... e disso eu estava certa. De fato, o obtive: meu pedido foi aceito, o que causou grande felicidade à senhora P...

A senhora A... partiu com o marido em meados do inverno, deixando a todos a saudade.

Algum tempo depois de sua partida, as dores que eu costumava sentir começaram a ficar mais freqüentes e intensas. Sara se inquietava com isso e insistia sempre que a deixasse chamar o médico. Por nada desse mundo eu consentia; mas a violência da dor foi tanta que tive que me resignar a isso.

Prevenida por sua filha, a senhora P... chamou o doutor T... Nunca mais me esqueci daquela visita; seus menores detalhes estão ainda presentes em meu espírito. Eram quase seis horas da tarde. O quarto onde nos encontramos, eu e o doutor, estava mergulhado numa penumbra da qual eu não me queixava.

As respostas que eu dava às suas perguntas eram para ele enigmáticas, ao invés de esclarecedoras. Mas ele continuava a perguntar. Sabemos que diante da doença, um médico goza de certos privilégios que ninguém pensa em contestar. Mas eu o ouvia suspirar, como se não estivesse satisfeito com seu exame. A senhora P... estava lá, esperando uma resposta.

Eu esperava também, mas com uma disposição bem diferente.

De pé ao lado da minha cama, o doutor me considerava com muita atenção. Exclamações quase inaudíveis escapavam de sua boca... "Meu Deus, será que isso é possível!?"

Compreendi por seus gestos que ele queria prolongar o exame a fim de esclarecer suas dúvidas!

Meu cobertor foi novamente levantado. Minhas roupas desordenadamente postas, deixavam ver a parte supe-

rior do meu corpo! A mão do médico o percorria indecisa, trêmula, até o abdômen, onde estava sediado o meu mal. De tanto tocar acabou por descobrir o lugar exato, pois dei um grito agudo, empurrando com força sua mão.

Ele se sentou então perto de mim, insistindo docemente que eu retomasse a coragem; coragem que, sem dúvida alguma, ele também precisava. A alteração do seu rosto revelava uma inquietação anormal. "Por favor, peço-lhe que me deixe em paz. O senhor está me incomodando excessivamente." — "Senhorita", disse ele, "me dê apenas um minuto, e tudo estará terminado". Imediatamente escorregou a mão por sob o lençol e parou no lugar sensível. Apertou-o diversas vezes, como se estivesse tentando encontrar a solução de um problema difícil. Não ficou lá!! E encontrou a explicação que procurava! Mas era fácil de se ver que ela ultrapassava todas as suas previsões!

O pobre homem ficou terrivelmente atordoado! Frases entrecortadas escapavam de sua boca, como se ele tivesse medo de as pronunciar. Eu queria que ele estivesse bem longe de mim!!

A senhora P... não compreendeu absolutamente nada. Com pena de mim arrastou-o para fora dali, a fim de abreviar aquela cena cansativa.

"Adeus senhorita", me disse ele com um meio-sorriso, "*tornaremos a nos ver!!*"

Levantei-me imediatamente e fui para junto de Sara. Seu olhar me perguntava. Contei em linhas gerais o que tinha se passado.

Durante o jantar, notei que a senhora P... estava mais séria do que de costume. Ela não sabia dissimular seus sentimentos; sua preocupação e seu embaraço eram visíveis. Quando terminou a refeição fui me aquecer um pouco na cozinha: "Senhorita Camille", me disse ela, "mandei comprar os remédios prescritos pelo doutor. Mas ele não tornará a voltar aqui, pois eu me opus categoricamente".

O que significava semelhante injunção de sua parte? Será que sabia de alguma coisa e tinha medo de saber

ainda mais? Eis o que eu me perguntava interiormente, sem responder a nenhuma de suas palavras. Na hora de dormir, Sara contou-me que o doutor havia conversado longamente com sua mãe. Mas isso era tudo. E foi o suficiente para me inspirar medos, dos quais minha amiga compartilhava!! Soube mais tarde que aquele homem, sem se explicar claramente à senhora P..., fez uma série de perguntas muito delicadas a meu respeito, as quais ela mal respondeu, não podendo acreditar no pensamento que as motivava. A suspeita não tinha lugar em sua alma; ele tinha sido violento e ela o repudiou energicamente. Uma obstinação cega não permitiu que ele tomasse a iniciativa que lhe impunham o título e a fé de um homem honesto; ao contrário, contentou-se em sugerir que ela me afastasse de sua casa o mais rápido possível, acreditando se livrar assim de toda a responsabilidade.

Repito que ele tinha o dever de se comportar de uma outra forma. Numa circunstância como aquela, a indecisão não era permitida; era uma falta grave, não só em termos morais como também em termos legais. Apavorado com o segredo que o havia surpreendido, preferiu enterrá-lo para sempre!

Menos instruída do que ele, a senhora P... teve uma atitude, embora não totalmente isenta de censura, bem mais desculpável. Valia a pena examinar o caso. Certamente uma outra não teria tido a mesma fraqueza. Antes de desejar mal ao doutor, deveria ter lhe agradecido e procurado uma solução para o caso. Ela não o fez por diversas razões, e todas eram más.

Primeiro, ela temia um escândalo que pudesse insultar a honra de sua casa e comprometer seus interesses. Segundo, ela tinha em mim uma confiança sem limites. Accidentalmente as insinuações do doutor, seria ao mesmo tempo duvidar de sua filha, e isso o seu orgulho não permitia. Ela levava sua ingenuidade a tal ponto que acabava acreditando que eu ignorava por completo minha própria situação. Era o absurdo levado às últimas consequências!! Já mais consegui compreender que uma mulher com a sua

idade e experiência pudesse manter semelhante ilusão! E o amor que Sara demonstrava por mim não teria nunca lhe aberto os olhos? Não. Ela tinha medo de nos alertar a esse respeito caso demonstrasse a mais leve suspeita. Pobre mulher!

Esse incidente, por mais grave que tenha sido, não mudou em nada nossa vida diária. A senhora P... recuperou sua serenidade, e nós a nossa alegria. Durante os passeios que fazia com Sara, freqüentemente encontrava o doutor T... Passava por nós e me cumprimentava com um sorriso! O que pensava nos vendo rir, sempre juntas?! Estranha situação!... Seu silêncio, sua atitude, me pareciam revoltantes!

Diversas vezes tive vontade de lhe pedir uma explicação, mostrando-lhe a falsidade de uma situação da qual eu precisava sair a qualquer preço. Sara repudiava toda e qualquer atitude do gênero. Para ela não se tratava de uma questão de reparação, mas de vergonha e maledicência que a perseguiriam por toda a vida! Ah, mas e eu! Eu a compreendia!

Se o mundo já difamava uma ligação inocente, antes mesmo de saber se de fato existia, como seria condescendente com uma verdadeira intriga amorosa? Sem dúvida, ele seria implacável! Ele expiara cruelmente a felicidade silenciosa daqueles dois anos! Felicidade que havíamos com-prado por um preço muito alto!

O ano letivo não tinha ainda terminado. Um dia, na presença de Sara, a senhora P... me fez recomendações maternais relativas à minha saúde. Eu não estava exatamente doente, mas estava muito cansada e enfraquecida. Minhas noites eram agitadas.

Um suor contínuo e abundante aumentava ainda mais o meu mal-estar. Todo dia antes de dormir, a senhora P... me preparava uma bebida que se mantinha aquecida a noite inteira na chama de uma lamparina. "Não vá esquecer de tomá-la, senhorita Camille", me dizia ela. — "Fique tranqüila, mãe, eu durmo com ela e me encarrego disso." Imediatamente a senhora P... a repreendia: "Você

está expressamente proibida de dormir com a senhorita Camille! Tenho minhas razões para fazê-lo. E se minha autoridade não é suficiente, recorrerei a uma outra. Pense bem no que estou lhe dizendo." Não respondemos.

Que estranha contradição! Essa mulher se envergonhava interiormente da intimidade de nossas relações e tolerava minha presença numa instituição daquele tipo. Via um perigo no fato de sua filha dormir uma noite comigo, mas não achava perigoso dividirmos o mesmo quarto, a mesma vida, naquela troca habitual de cuidados íntimos, de carinho, de beijos...!

Tudo isso, sem dúvida, devia lhe parecer inocente. Procuo ainda hoje a solução desse enigma. E não consigo encontrá-la.

A partir desse dia, começou uma nova fase da nossa existência em que poderia nascer um perigo que não mais temíamos sozinhas. Uma vigilância ativa, embora dissimulada, acompanhava todos os nossos passos. A senhora P... apesar de sua aparente tranqüilidade, tinha perdido aquela despreocupação que nem os avisos do doutor T... haviam abalado. Novamente proibiu Sara de dormir comigo. Era uma exigência tardia que se tornara mais perigosa do que útil.

De fato, como admitir que essa proibição, por mais solene que fosse, pudesse ser respeitada por nós? Não seria pedir a natureza um sacrifício heróico do qual seria incapaz?!

Para contornar as suspeitas, decidimos dormir cada qual em sua cama. No meio da noite, entretanto, a primeira que acordasse passaria para a cama da outra, e lá permaneceria até o dia seguinte. Desse modo, a menos que houvesse algum imprevisto, ninguém poderia nos surpreender juntas, pois os dormitórios ficavam inteiramente separados do corpo principal de alojamentos, e a senhora P... portanto jamais iria lá no meio da noite.

Durante o verão, recebi a visita do inspetor daquela área administrativa. Ele era exatamente como eu queria que fosse, isto é, amável e benevolente. Geralmente vinha

escoltado pelo abade, mas dessa vez veio só. Decididamente eu não me dava bem com o nosso estimado pastor: isso me valia ao menos o fato de ser dispensada da sua presença, o que para mim não fazia a menor diferença.

Esperava-se na família um novo bebê. A segunda irmã de Sara ia ser mãe pela primeira vez. Inútil dizer que esse momento era esperado por todos com muita impaciência! A jovem senhora vinha todos os dias à casa de sua mãe. Todos os preparativos já estavam feitos.

Diante de mim, que era a *amiga íntima* de Sara, ninguém se sentia à vontade; naturalmente eu conhecia todos aqueles pequenos detalhes secretos trocados por pessoas do mesmo sexo!!

Uma noite, fazia pouco tempo que eu e Sara estávamos dormindo quando bateram na porta que ficava junto da escada e que abria para as duas salas de aula. Era a servente que vinha nos anunciar o nascimento de uma menina. A jovem senhora havia sido surpreendida pelas dores do parto exatamente na hora em que ia dormir. Chamou seu marido e ambos correram para a casa da senhora P... Duas ou três horas depois, ela deu à luz uma criança.

Descemos imediatamente, sem nos vestirmos, levadas mais pela curiosidade do que pelo interesse. A senhora P... estava radiante de alegria. Aproximei-me do leito onde repousava a jovem mãe. Ela estendeu os braços para nós duas com uma expressão de inefável alegria!

O sofrimento tinha embelezado ainda mais os seus traços, dando-lhe aquele charme especial que revela todas as alegrias da maternidade. Sua mão apontava para o berço ao lado. Sara tinha descoberto a pequena criatura e lhe enchia de beijos.

Ao contemplar aquela cena, mal contive a emoção!!!... De pé entre os dois leitos, eu olhava ora para Sara, ora para a criança. Não conseguia despregar os olhos daquela cena!!!...

A senhora P... percebeu que eu estava emocionada. Ela me olhava atentamente, não sabendo a que atribuir meu devaneio. Se a venda que lhe cobria os olhos fosse

menos espessa, se sua cegueira fosse menor, sem dúvida a verdade se esclareceria tomando o lugar de sua impassível confiança!!! Será que preferia a dúvida a ter que abordar esse terrível mistério? Possivelmente sim.

Todos os dias eu passava muitas horas naquele quarto. O estado da senhora G... era bastante satisfatório.

Assim que pôde se levantar, vinha sempre nos procurar durante o recreio e amamentava a filha sob nossos olhos!!!

Sara idolatrava sua pequena sobrinha. Invejava a irmã! Quem sabe!!!

Em meio a felicidade que me embriagava, eu estava terrivelmente torturada. Que fazer, meu Deus, o que resolver?

Minha pobre cabeça estava um caos e minhas idéias por demais confusas para que eu pudesse discerni-las. Contar à minha mãe? Isso a mataria! Não! Não podia ser eu a primeira a lhe contar!

Prolongar indefinidamente a situação?

Seria me expor inevitavelmente a maiores infelidades! Seria ultrajar a moral, naquilo que ela tem de mais inviolável e sagrado!

E mais tarde não me seria cobrado um silêncio culpado? Não me fariam pesar as tristes conseqüências que outros poderiam ter previsto?...

Aproximavam-se as férias. Novamente ia me separar de minha bem-amada Sara. Nossas despedidas foram tristes, sobretudo as minhas, pois eu não estava certa de que iria revê-la. Parti sem lhe contar meus planos.

Cheguei a B... com a morte na alma.

Iam exigir de mim explicações que eu não estava disposta a dar. O senhor de Saint-M... estava constringido e embaraçado. Tinha lido todas as minhas cartas.

E em vão, procurava nelas um sentido. Minha tristeza lhe fazia mal. Sem a compreender, previa uma catástrofe. Esse medo foi aumentado ainda pelo penoso silêncio em que obstinadamente me fechei.

Minha mãe e ele esperavam uma confissão que não vinha. E assim um mês se passou. Aproximava-se a hora da partida.

Minhas forças tinham chegado ao fim. Via aproximarme-se com terror o momento fatal!... Minha mãe teve mais coragem. Restavam-me poucos dias para ficar com ela!

Entrou um dia no meu quarto, sentou-se perto de mim e disse: "Camille, você sabe que não pode ir embora assim. Suas palavras, seu comportamento são inconcebíveis e exigem uma explicação que eu lhe suplico que conceda." Não conseguiu dizer mais nada. Sua voz tremia. Sem responder, abaixei a cabeça durante dois ou três minutos.

De repente, um feixe de luz me atravessou o espírito, "Está bem", disse-lhe eu, "você quer saber, pois então saberá de tudo. Mas hoje não! Espere até amanhã. É tudo o que lhe peço". Ela se retirou.

Na noite que se seguiu, não consegui dormir um só segundo. As quatro horas da manhã eu estava de pé. Num piscar de olhos me vesti. Ninguém tinha se levantado ainda. Passei por todas as portas sem fazer barulho, e saí. Nas questões mais simples da vida sempre me faltaram coragem e iniciativa.

Diante do perigo, entretanto, sinto-me forte. A infelicidade me enche de coragem. E foi assim que me senti naquele instante, em que estava em jogo toda a minha vida... A guerra que provavelmente ia ter que enfrentar, me dava um impulso sobrenatural.

As cinco horas, eu estava ajoelhada na capela episcopal. A essa hora, diariamente, o monsenhor de B... rezava a missa. No final da missa ele se encontrava no confessional. A reputação do eminente prelado era universal. Homens de sabedoria, por excelência, o bispo de Sain-tes gozava de uma supremacia incontestável no episcopado francês. Seus diocesanos o cultuavam. Compreendi que somente lá encontraria conselhos e proteção.

Terminada a missa acenei ao empregado da igreja e pedi-lhe que avisasse a Sua Eminência que eu ia me confessar. Ele voltou logo, dizendo que eu entrasse na sacris-

tia. Aproximei-me sem medo, mas com uma força que se assemelhava ao desespero.

Recebi a bênção episcopal e me ajoelhei no genufletório reservado aos penitentes. Minha confissão foi integral. O prelado me escutou com um assombro religioso. Não foi em vão que confiei em sua indulgência. Sua grande alma não ficara insensível às minhas palavras, gritos de suprema aflição; seu olhar de água mediu o abismo em que mergulhavam meus passos... A honestidade de minhas confissões falava a meu favor.

Revivi lá tudo o que a religião cristã pode oferecer em termos de encorajamento e consolo... Os poucos momentos que passei perto daquele homem tão grandioso foram talvez os mais belos da minha vida. "Minha pobre criança", disse ele, "você já terminou de falar, e não sei ainda o que lhe dizer. Autorize-me a usar de seus segredos, pois embora já saiba tudo a seu respeito, não posso julgar semelhante questão. Hoje mesmo falarei com meu médico e me entenderei com ele sobre a conduta a tomar. Volte portanto, amanhã de manhã, e esteja em paz".

No dia seguinte a mesma hora voltei ao bispado. O monsenhor me esperava. "Estive com o doutor H...", disse ele, "vá hoje com sua mãe ao seu consultório". Eu tinha prevenido minha mãe na véspera. A ansiedade em que ficou é indescritível. Na hora marcada, estávamos no consultório. Ele não era exatamente o que em geral chamamos de médico, mas era um homem da ciência em toda a acepção da palavra.

Compreendeu toda a gravidade da missão que lhe havia sido confiada. Sentia-se orgulhoso, porque seguramente era a primeira vez que via algo do gênero, e devo dizer que estava a altura do caso.

Contudo, eu não esperava que sua investigação fosse tão detalhada.

E me desagradava ter que contar a ele meus mais caros segredos. Respondi, portanto, em termos moderados a algumas perguntas que me pareceram mais uma violação.

Então ele me disse: "Aqui você não deve ver em mim apenas o médico, mas também o confessor. Se tenho necessidade de ver, tenho também de saber. O momento é grave, muito mais do que você imagina, talvez. Terei que prestar declarações precisas a seu respeito, primeiramente ao monsenhor, e em seguida à lei que sem dúvida me chamará como testemunha". Não vou entrar aqui nos detalhes minuciosos daquele exame. Direi apenas que depois dele a ciência inclinou-se convencida.

Restava-lhe agora reparar um erro que escapava a todas as regras comuns. Para isso seria preciso levar a julgamento a retificação de meu estado civil.

"Francamente", me disse o bom doutor, "sua madrinha foi muito feliz na escolha do nome Camille. Me dê a mão *senhorita*; em breve a chamaremos de outra forma, eu espero. Ao lhe deixar, vou me encontrar com o bispo. Não sei o que o monsenhor vai decidir, mas duvido que ele permita que você retorne a L... Esse lado da sua vida está perdido pois que sua situação não seria tolerável. O que realmente me causa espanto, é que o meu confrade de L..., sabendo o que você é, tenha se comprometido ao ponto de deixá-la ficar lá por tanto tempo Quanto à senhora P..., sua ingenuidade não se explica". Em seguida dirigiu algumas palavras de encorajamento a minha pobre mãe, cuja perplexidade chegara ao auge. "A senhora perdeu sua filha, é verdade", disse ele, "mas ganhou um filho que não esperava".

Nossa entrada nos aposentos do senhor de Saint-M... foi dramática. O nobre senhor andava de um lado para o outro para dissimular sua impaciência febril. Quando nos viu, parou de andar; minha mãe o levou até a poltrona e sentou-se a seus pés. Eu fiquei mais distante, pois não queria começar a narrar o que tinha acabado de acontecer. De vez em quando o senhor de Saint-M... levantava os olhos e olhava para mim emitindo exclamações à medida em que minha mãe lhe dava os detalhes do assunto. Assombrado no início, ele via a situação com um pouco mais de calma agora, e ponderava ao mesmo tempo que no futuro eu poderia ter uma posição ainda mais vanta-

josa. Com boas proteções, isso seria possível. "Não tem importância", dizia ele, "precisei chegar aos oitenta anos para assistir a semelhante desfecho, e foi você Camille quem me fez vê-lo! Que você possa ser feliz mais tarde, minha pobre criança"! Eu estava confusa demais para poder responder; minha imaginação em delírio não se detinha em nada que fosse sério ou sensato.

De vez em quando eu me perguntava se não estava sendo o juguete de um sonho impossível.

Esse resultado inevitável que eu já tinha previsto, e até desejado, me amedrontava agora como um crime revoltante. Definitivamente eu o tinha provocado, e tive que fazê-lo, sem dúvida; mas quem sabe? Talvez eu estivesse agindo contrariamente ao meu dever. Será que essa brusca mudança que ia me colocar em evidência de um modo tão inesperado não ofenderia o pudor?

Será que o mundo tão duro e tão cego em seus julgamentos consideraria esse movimento como um movimento de lealdade, ou será que o deturparia transformando-o num crime?

Ah, mas infelizmente eu não pensei nessa possibilidade antes. Agora era tarde. Fui levada pelo impulso de um dever a ser cumprido. Eu não podia imaginar!

No dia seguinte voltei ao bispado. O monsenhor me esperava. "Estive com o doutor", disse ele, "e já soube de tudo. Após uma longa reflexão, eis o que decidi: você voltará a L... por alguns dias ainda, a fim de minimizar os rumores que possam surgir com a sua partida. Com isso dou a você um voto de confiança. Não abuse dele. Faça-se substituir o mais rápido possível e volte aqui para falar comigo. Depois encontraremos um meio de lhe dar um novo lugar na sociedade".

Dois dias depois eu estava em L... Prevenida da minha chegada, Sara me esperava. Depois dos primeiros abraços, percebeu a gravidade de minha fisionomia. E como me perguntasse, sentei à beira da cama e olhei para ela condoida. "Minha bem-amada", disse-lhe eu, "é chegada a hora de nos separarmos", e contei a ela em linhas gerais o que tinha acabado de se passar em B... Vejo ainda seu

rosto doce e querido envolto numa tristeza sombria. Não disse nada, mas seu olhar parecia me reprovar pelo fato de ter tomado essa decisão sem ela. "Se você quisesse", dizia o seu olhar, "podíamos ter sido felizes ainda por muito tempo. Mas eu já não lhe satisfazia mais; você tem sede de uma existência livre e independente que eu não posso lhe oferecer".

Ela tinha razão. Tinha um pouco de tudo isso no desejo que se apoderou de mim. Não vivia mais. A vergonha que eu sentia daquela situação era o bastante para me fazer romper com aquele passado que me fazia corar. O desejo pelo desconhecido me tornara egoísta e me impedia de lamentar os laços tão queridos que eu, por minha própria vontade, iria romper.

Mais tarde eu me arrependeria amargamente daquilo que então eu considerava um imperioso dever. O mundo logo me ensinaria que eu tinha cometido um ato de fraqueza e estupidez, e me puniria cruelmente por isso.

Os poucos dias que passei em L... foram verdadeiramente penosos. Minha pobre Sara nem sempre conseguia esconder as lágrimas que a oprimiam. Evitava cuidadosamente a presença de sua mãe, quem, segundo se dizia, também não podia habituar-se a idéia de minha partida definitiva.

Dei a ela uma explicação a esse respeito, sem entrar em detalhes nas considerações que me fizeram agir daquele modo, mas para que ela sentisse a gravidade da situação, fui forçada a invocar a autoridade do monsenhor de B... cuja vontade expressa não me deixava mais a liberdade de escolha.

Diante desses motivos vagos, que deveriam ser para aquela mãe cega uma advertência terrível, ela mantinha uma incredulidade que, verdadeira ou não, extrapolava toda e qualquer possibilidade de compreensão. Eu, entretanto, a explico a mim mesma. Enquanto eu estava sob o seu teto, ela não podia deixar clara a razão de minha conduta sem tomar diante de mim uma posição hostil que sem dúvida provocaria suspeitas na família e na sociedade.

Era isso que ela queria evitar a todo preço. No fundo ela aprovava minha atitude, quanto a isso não tenho dúvidas, e sua aparente segurança escondia horribes angústias, das quais sua filha era o objeto. Mas se até então ela fechara os olhos para a evidência, e para as declarações de seu próprio médico, agora isso não lhe era mais permitido. A verdade estava ali clara e nítida diante de seus olhos, e qual não devia ser a dor que sentia imaginando as consequências de sua confiança culpada! Entretanto, nada nos seus gestos ou nas suas palavras revelava o estado de sua alma. Ou era de fato uma mulher muito forte, ou era inigualavelmente tola e ignorante. Na presença das filhas, representava uma simplicidade comvente, sem afeições, e seu comportamento impecável não dava margens a nenhuma crítica. Não sei se sua afeição por mim era fingida. Em todo caso, os espíritos mais prevenidos também são pegos de surpresa. Todos nós enganamos e somos enganados, mesmo na maior sinceridade do mundo.

Nunca uma situação tão estranha e difícil teria reunido três pessoas numa comunhão de idéias onde tudo era falsidade indigna, comédia inacreditável de sentimentos aceitos com o maior sangue-frio.

Para a senhora P..., eu era e deveria ser sempre a companheira preferida de sua filha.

Para ela e para as outras, Sara sentia falta da amiga, da irmã, daquela cuja ausência podia ser lamentada claramente, sem que ninguém visse nisso algum mal. Quem conhecesse nossos mistérios e nos visse as três reunidas conversando todos aqueles dias em que estava ainda na casa de L..., julgaria estar assistindo a uma representação do *Figaro* ou do *Gymnase*, e com certeza nunca houvesse um ator fanático que colocasse tanta verdade num papel tão inverossímil.

A cada dia uma nova cena era introduzida, e eu ficava pasmado, exasperado.

Uma tarde, as alunas estavam no recreio, e fui com Sara ao seu quarto... Minha partida era sempre o tema da conversa e o motivo de novas lágrimas. Minha amiga, de pé na janela, e com uma mão em volta do meu pescoço

chorava silenciosamente, quando de súbito entraram sua mãe e sua irmã.

Ambas sentaram-se naturalmente, como que para compartilhar da nossa tristeza. A senhora P... nos olhava tranqüilamente. "Está vendo, *senhorita* Camille", dizia ela, "como sua falta vai ser sentida, e ainda assim insiste em tomar essa resolução"? Eu não sei explicar o efeito que essas palavras produziram em mim. Fiquei perplexo. Era o cúmulo da audácia ingenuóide. Era tentar a Deus.

Eu eu deveria responder com uma confissão brutal e difamar aquela flor pura cujo perfume me embriagava ainda? Certamente que não. Por nada desse mundo eu exporia Sara à vergonha, diante da mãe e da irmã. O segredo do nosso amor deveria morrer entre mim e Deus.

Respondi, portanto, que uma força alheia à minha vontade me obrigava a partir imediatamente. A irmã de Sara calou-se, e eu compreendi instintivamente que o meu segredo não era mais um segredo para ela.

Ela prestava atenção em Sara; tomava conta de todos os seus movimentos. E a pobre criança, na sua dor não percia. Continuava a me abraçar. Cada uma de suas lágrimas era acompanhada de um suspiro expressivo. A hora da aula veio colocar um fim ao meu suplicio.

Poucos dias depois, a senhora P... deu uma saída, e quando voltou me avisou que tinha encontrado, graças ao inspetor da área, uma pessoa para me substituir. Com muita aflição, me preparei, portanto, para partir a qualquer momento. A moça anunciada chegou finalmente; eu a reconheci como sendo uma antiga aluna da escola normal de D... Nossa aproximação foi bastante fria. Sua presença era para mim uma tortura perpétua, e o sinal de uma separação inevitável.

Testemunha da intimidade que havia entre mim e Sara e dos lamentos de sua mãe, procurava em vão as causas da minha partida precipitada. Ficou logo convencida de que, a exemplo de minha tia, sua colega de estudos, eu ia me dedicar à religião. Sua suposição me fez rir. Mas achei melhor não contrariá-la.

Eu tinha que permanecer ainda em T... mais uns dois ou três dias para colocá-la a par do nosso método de ensino, não que eu julgasse necessário, mas porque a senhora P... me havia pedido.

Sara lhe falava pouco. Desprezou-a desde o início. Ela podia tomar o meu lugar, mas nunca me substituir.

Na mesma noite em que ela chegou manifestei a intenção de lhe passar meu leito no dormitório, que a partir de agora deveria ser o seu, e de ocupar o pequeno quarto de Sara. Minha amiga tentou me fazer desistir da idéia, mas a senhora P... a aprovou. Dormíamos separadas a partir de então, mas todas as manhãs Sara vinha me dar seu cotidiano bom-dia e fazer a toaleta ao meu lado. E assim foi, até o dia da minha partida, que estava fixada para o final daquela semana.

O pároco foi avisado por uma carta do monsenhor de B... hoje arcebispo de... Fui então, por pura educação, falar com ele. Me arrependi amargamente. Aquele homem absurdo não foi capaz de dizer uma só palavra de encorajamento para a situação inacreditável em que eu me encontrava. Nada comovia seu inflexível rigor. Não me perdoaria jamais. E o que fiz eu a ele? Nada. Evidentemente não voltei para lhe dizer adeus, embora a senhora P... me pedisse.

Não vi ninguém em L..., e embora todos soubessem da minha partida, ela se fez senão sem rumores, ao menos sem os comentários obrigatórios que servem de alimento à conversa das comadres da província.

Meu último dia chegara. Eu ia finalmente deixar o doce refúgio que testemunhara minhas alegrias. Ia ver o mundo sob um novo aspecto, esse mundo que eu estava longe de conhecer.

Minha inexperiência me preparava tristes desencantos. Naquela época, entretanto, os dias me pareciam radiosos e límpidos! Pobre insensato que fui; eu tinha a felicidade, a verdadeira felicidade nas mãos, e fui deliberadamente sacrificá-la a um tolo medo!!! Oh! Mas eu já o expiei!! De que adiantam agora os remorsos e os lamentos? Submeti-me ao destino, cumpri com coragem, eu creio, os deveres

penosos da minha situação. Muitos rirão. A esses eu perdoo e desejo que não conheçam jamais as dores inomináveis que sofri!!!

Meus preparativos para a viagem estavam terminados. Dei meu último adeus às alunas. Pobres e queridas crianças, foi grande a emoção com que beijei seus rostinhos jovens! Eu as contemplava com amor, quase que me censurando pelos dias que passei com elas em grande e estreita intimidade.

Eram sete horas da manhã Sara me acompanharia até a estrada onde passava a diligência. Meu coração estava em pedaços quando me aproximei da senhora P... para me despedir. Ela por sua vez, sofria violentamente. A dolorosa contração de seus traços o mostrava. Havia muita coisa por trás de seu silêncio. Primeiro, a falta que sentiria, porque, apesar de tudo, me amava sinceramente. Mas ao lado dessa afeição espontânea tinha também um ressentimento. E isso ela via claro agora. Será que me perdoaria, depois do papel misterioso que representei em sua casa, ao lado de sua filha, cuja pureza lhe era tão cara? Não acredito, entretanto, que ela suspeitasse da *intimidade* de nossa relação. Com a violência de suas reações, ela teria nos fulminado. Minha boa-fé garantia a castidade de sua filha.

Que ingenuidade rara e lamentável para uma mãe!... Ignorava tanto as coisas da vida que não podia admitir que eu pudesse reaparecer no mundo com um nome e um estado apropriado ao meu sexo. "Quer dizer, querida Camille", me disse ela, "que um dia terei que tratá-la de *senhor!* Não, isso não vai acontecer, vai?" — "Vai acontecer em breve, senhora. Pergunte ao monsenhor de B..." disse-lhe eu. "Mas, e o que dirão as pessoas? O escândalo que resultará disso, arruinará minha casa! E então?"

Era essa a sua maior preocupação; era esse o seu grande pesadelo. Ela via o internato perdido, sua reputação gravemente ameaçada. Diante dessa perspectiva esquecia-se da filha, e do que poderia ter sido o passado, preocupando-se apenas com o que seria o futuro.

"Bem, adeus querida *filha!*" E dizendo isso, não conseguiu dizer mais nada. Sara calada prendia uma lágrima.

Eu lhe fiz um sinal, e nós partimos, dessa vez por um caminho que não passava pela cidade. Apertei seu braço bem apertado em meu peito. De vez em quando ela apertava minha mão. E nossos olhares num encontro eloqüente completavam as frases que desvaneciam em nossos lábios.

Quem poderia, nos vendo assim abraçadas, descobrir o misterioso drama daquelas duas jovens existências aparentemente tão calmas e tão doces?

O verdadeiro por mais exorbitante que seja não ultrapassa às vezes todas as concepções do ideal? As metamorfoses de Ovídio não estariam próximas disso?

Apertei pela última vez em meus braços aquela que eu chamava de irmã e amava com o ardor de meus vinte anos. Meus lábios tocaram os seus. Tudo estava dito. Parti, levando em minha alma toda a felicidade que tive durante aqueles anos com o primeiro e único amor da minha vida. A diligência se afastava roubando-me a visão de minha bem-amada. Tudo estava terminado.

Acho que já disse tudo a respeito dessa fase da minha existência em que pertencia ao sexo feminino. Estes foram os dias felizes de uma vida consagrada ao abandono, e ao frio isolamento. Oh, meu Deus, que destino o meu! Mas o desejei assim, e eu me calo. De volta a B..., tratei de preparar minha reaparição no mundo como pessoa do sexo masculino.

O doutor H... já tinha preparado um volumoso relatório, em estilo médico, destinado a fundamentar diante dos tribunais uma petição de retificação, que deveria ser ordenada pela corte de S..., cidade onde nasci. Com esse relatório e mais algumas apresentações especiais para o presidente da corte e para o procurador imperial, parti para S... Minha mãe me acompanhou. Nossa primeira visita foi para o velho padre que conhecia há muito minha família. Não tentarei aqui dar uma idéia do espanto ingênuo que lhe provocou a leitura da carta que o monsenhor de B... lhe havia endereçado a propósito do assunto. Isso é facilmente imaginável. Aqueles fatos eram por demais raros para confundir a curiosidade. O presidente de L... de V... nos acolheu com simpatia. Depois de tomar conhe-

cimento do assunto, disse: "Você vai em meu nome procurar o senhor D... meu procurador da justiça, e entregar a ele todos esses documentos. O resto pode ser feito sem você. Se mais tarde sua presença for necessária nós lhe chamaremos." Partimos no dia seguinte, sem nada dizer a nossa família. Eu queria manter tudo em segredo, até que a questão fosse por completo resolvida. Só uma pessoa soube: meu avô por parte de mãe. Ficou apavorado, pois previa, com razão, um final perigoso para a nossa tranquilidade. Tranquilizei-o o mais que pude, assegurando-lhe que tudo se passaria legal e adequadamente.

Ninguém além dele soube, portanto, do motivo da nossa viagem; não obstante, devo assinalar algumas observações no mínimo estranhas que foram feitas acerca de minha pessoa. Uma amiga íntima de minha mãe, ficou especialmente chocada com o meu modo de andar, com meu físico e com minhas maneiras que eram por demais bruscas.

Nos outros lugares foi a mesma coisa. Estávamos no hospital onde passei três anos de minha vida, isto é, onde fiquei até os dez anos, entre as crianças órfãs da minha idade. Revi com infinito prazer o capelão. A boa superiora me chamava ainda de *minha querida filha*. Foi ela quem nos levou até a porta de saída. E enquanto conversávamos, uma menina da casa, de quem fui a companheira favorita, nos observava da janela. A espectralhona comentou que eu carregava o guarda-chuva no braço esquerdo e que estava escondendo a mão direita porque estava sem luvas. Isso lhe parecia muito pouco elegante para uma *professora*. O resto dos meus movimentos estavam em harmonia com minha fisionomia, cujos traços eram duros e muito acentuados.

Já faziam mais ou menos quinze dias que eu tinha voltado para B... quando recebi uma carta do procurador da justiça que se encarregou da minha petição. Essa carta dizia que o tribunal tinha nomeado em sua primeira audiência o doutor G... para proceder a um novo exame antes de dar sua sentença definitiva, e que minha presença era portanto necessária no consultório do médico.

Tive que me resignar.

Inútil dizer que o segundo exame teve o mesmo resultado que o primeiro, e que após a apresentação do relatório, o tribunal civil de S... ordenou que a retificação fosse feita nos registros de estado civil no sentido em que eu pertenceria agora ao sexo masculino e teria meu nome feminino substituído por um novo nome masculino.

Eu estava em B... quando soube o resultado do processo. Enviaram-me a minuta do julgamento que mais tarde passou a fazer parte dos *Anais de Medicina Legal*.

Ao consultar essa obra, descobri que um íato semelhante havia se passado em 1813, num departamento do Sul, dentro das mesmas circunstâncias, ou pelo menos com o mesmo resultado.

Tudo estava feito. A partir de agora, o estado civil me obrigaria a fazer parte daquela metade da raça humana a que chamamos de sexo forte. Eu, criado até os vinte e um anos de idade entre as moças tímidas das casas religiosas, iria como Aquiles deixar longe, bem longe de mim, um passado delicioso, para entrar na arena, armada apenas de minha fraqueza e de minha profunda inexperiência dos homens e das coisas!

Já não era mais preciso dissimular. Já se comentava o assunto embora muito discretamente. Aquele raro acontecimento excitava a crítica e a calúnia de toda a população da pequena cidade de S... Como sempre, inventava-se mais do que realmente era. Houve quem acusasse minha mãe de ter escondido meu verdadeiro sexo para me livrar da conscrição. Outros me pretendiam um dom Juan que espalhava por toda a parte a vergonha e a desonra, aproveitando-se de sua situação para manter secretamente intrigas amorosas com as mulheres consagradas ao Senhor. Eu sabia de tudo isso, mas não ficava absolutamente perturbado.

Em B... foi diferente. Fui visto um belo dia na missa em trajes masculinos ao lado da senhora de R..., filha do senhor de Saint-M... Apenas duas ou três pessoas me reconheceram. Foi o bastante. A cidade inteira ecoava o burburinho.

Todas as manhãs os jornais recontavam o fato. Um deles chegou a me comparar a Aquiles fiando aos pés de Onfale; mas entre os elogios, misturavam-se insinuações pérfidas sobre mim e sobre outros. Depois da imprensa departamental, vieram os artigos mais ou menos picantes, de alguns redatores de quem não esqueço o nome, que alguns jornais de Paris rapidamente reproduziram. A alta sociedade comentava. Eu era tema de todas as conversas nos estabelecimentos de banhos de mar. Certa vez, na praia, o prefeito, acompanhado por algumas pessoas ilustres, manifestou bem alto o seu espanto. Felizmente, o nome do monsenhor de B... me protegia. Todos sabiam da participação do eminente prelado no caso, e eram, portanto, obrigados a abaixar a cabeça. No dia seguinte mesmo, fui lhe fazer uma visita em meus novos trajes, o que lhe permitiu demonstrar mais livremente toda a sua afetuosa benevolência. Sua Eminência me apertou calorosamente a mão, me chamando de amigo! Nunca mais me esqueci dessa cena.

E não esquecerei jamais tudo o que devo àquele homem evangélico, e verdadeiramente digno de suas altas funções, não só pela elevação de seu raro espírito, mas também pela imensa generosidade da sua alma. Nesse mesmo dia encontrei também o doutor H... "Se você confia em mim", disse ele, "vamos comigo à prefeitura. O prefeito quer lhe ver, e tenho certeza que está disposto a lhe ajudar. Sobre tudo agora ele pode ser muito útil para você".

E eis-me então com o doutor no gabinete do prefeito, a quem minha presença parecia agradar. Me recebeu como um pai, e amigavelmente me perguntou sobre o meu passado e sobre os meus projetos para o futuro. Minha situação era difícil, mas ele estava interessado. Não sei por que razão a idéia de trabalhar na estrada de ferro me veio à cabeça. Falei a ele de minhas intenções, e ele não as desaprovou, prometendo fazer um pedido à companhia de... Depois com um sorriso alegre me disse: Você sabe o tumulto que causou e as numerosas faltas de que lhe acusam. Não ligue, entretanto, para isso. Ande com a cabeça erguida; você tem o direito. Isso será um pouco difi-

cil para você, talvez, mas quem não compreenderia? Outra coisa, e é um bom conselho o que vou lhe dar, resigne-se a sair desse lugar por algum tempo. Eu mesmo me encaregarei disso. Ninguém mais do que eu apreciou a justiça daquele conselho. Eu queria e precisava me afastar momentaneamente.

Como eu temia, rumores odiosos se espalhavam pelo público a respeito da intimidade de minhas relações com a senhorita Sara P... Segundo alguns, ela tinha sido de fato desonrada. Confesso que de tudo, foi isso o que mais me magoou. Era insupportável ver aquela pobre criança tornar-se vítima da fatalidade que me destruiu. O mundo, esse juiz impiedoso, não tinha o direito de difamar impunemente o puro amor de duas almas honestas, atiradas juntas à beira de um abismo secreto, cuja queda inevitável foi a ligação misteriosa. Estúpida cegueira das multidões, que condena quando deveria absolver!

Eu a conhecia o bastante para saber que sofria corajosamente em silêncio, sem me maldizer por isso. Ela era talvez a única que me compreendia! Só ela me amava! Por muito tempo sua lembrança adorada me sustentou, e me deu forças para viver!! Hoje quando tudo parece ter me abandonado para dar lugar a essa dolorosa solidão, como se a minha infelicidade fosse fatal a tudo o que me toca, sinto uma doce alegria ao pensar que alguém nesse mundo se uniu a minha miserável existência e conserva ainda alguma piedade. Mas, e se isso não passar de uma ilusão? Talvez agora, no momento em que escrevo essas linhas, ela tenha expulso de seu coração aquele de quem foi a única felicidade. Meu Deus, o que me resta então? Nada? A fria solidão, o sombrio isolamento... Oh! Viver só, sempre só, no meio da multidão que me cerca, sem que nenhuma palavra de amor venha me alegrar a alma, sem que uma só mão amiga venha se estender para mim! Que castigo terrível, e inominável! Será que há alguém que possa me compreender? Levar consigo os inefáveis tesouros do amor e ser condenado a escondê-los como uma vergonha, um crime? Ter fogo na alma e dizer a si mesmo: jamais uma virgem te concederá os direitos sagrados de um esposo.

Desse supremo consolo humano não poderás provar. Ah, a morte! A morte será para mim a hora da libertação! Tal um judeu errante, eu a espero como o fim do mais medonho dos suplícios!! Mas Deus, me resta ainda a ti! Não quiseste que eu pertencesse a ninguém aqui na terra, por nenhum desses laços terrestres que engrandecem o homem perpetuando a tua Obra Divina! Triste deserdado, posso ainda levantar meus olhos para ti, pois ao menos tu não me repudiarás!

Cinco ou seis semanas depois de minha visita ao prefeito, recebi um convite para ir a Paris me apresentar ao chefe de exploração da estrada de ferro de... Essa carta me encheu de alegria. A perspectiva de uma viagem a Paris somava-se a esperança de abandonar um lugar a que eu tomara horror, e escapar enfim à ridícula inquisição da qual eu me via objeto. O prefeito também compartilhou de minha satisfação e cuidou para que não fosse adiada a minha partida. Minha pobre mãe ficou radiante, embora a idéia de separação se misturasse tristemente àquela compensação que já lhe parecia a aurora de um futuro brilhante.

Sempre bom e providente, o senhor de Saint-M... imediatamente recomendou-me a um de seus sobrinhos-netos que há muito tempo morava em Paris. Ele não me era totalmente desconhecido. Conhecia a mim e a minha mãe, e sabia da amizade sincera que a família lhe dedicara. Recebeu-me, portanto, como a um irmão. Graças a ele, não tive que passar pelas dificuldades provincianas de quem chega sozinho e pela primeira vez na tumultuada Paris.

Na manhã seguinte de minha chegada, ele me acompanhou até a administração de... onde encontrei o chefe de exploração, o senhor..., cujo nome é por demais conhecido para ser designado aqui. Durante a curta entrevista que tivemos, pedi-lhe que me designasse para trabalhar em Paris, o que ele me prometeu. Suas últimas palavras foram "Volte para B... e aguarde sua nomeação."

Dois dias depois, deixei Paris, mal tendo sido entrevistado por ele, mas esperando revê-lo com muita frequência no futuro. O tempo que passei em B... não foi pertur-

bado por nenhum incidente sério. Saía todos os dias, e sempre só. Os rumores em torno de minha aventura começavam a se dissipar. Avaliava-se melhor a situação agora que tudo ficara mais claro. Devo dizer, além disso, que todos aqueles que me conheciam bem, mostraram-se mais simpáticos ainda após o escândalo provocado pelos últimos acontecimentos. "Pobre criança", dizia a mãe de uma amiga minha, "eu a amo mais ainda agora, pois posso admirá-la duplamente. Deve ter sofrido tanto!"

Fico pensando na consternação de minhas excelentes professoras da escola normal. Ninguém tinha idéia do que estavam sentindo. A esse respeito o venerável capelão da escola me escreveu uma carta paternal e amiga. "Posso agora, meu querido filho, falar do verdadeiro amor que tinha por minha *antiga filha*. Mas o que você não saberia compreender é o espanto ingênuo de nossas boas religiosas, de quem você foi a aluna favorita. Quando dei a notícia de sua transformação à irmã Maria dos Anjos, ela imediatamente cobriu o rosto com as mãos, pensando na estreita intimidade que as unia. "Meu Deus", gritou a casta criatura, "e eu que a abracei com tanto prazer a última vez em que esteve aqui convidada por mim! E ela ao me deixar, beijou-me as mãos sem nenhum escrúpulo!" Mas esses bons corações não me acusavam por isso, e no fundo conservavam a sua afeição por mim, embora de uma maneira diferente. Quanto à madre Maria dos Anjos, eu sabia que não me colocaria defeitos, pois apoiava-se em bases puras e santas.

Seria dizer que todas as suposições feitas a respeito de minhas relações anteriores com aqueles anjos terrestres são falsas, inteiramente falsas. Sem dúvida elas eram até certo ponto permissivas, e não posso negar que tenha me exposto terrivelmente; mas só eu conhecia o perigo. Se sofria, se lutava, ao menos não levantava suspeitas. Devo obviamente à solidez dos princípios de minha juventude, que eram extremamente puros, o fato de não ter do que me envergonhar diante daqueles rostos cândidos, cuja serenidade não foi perturbada por mim.

Digo isso não para me justificar, mas porque me acusaria de um crime, de uma insigne covardia, se tivesse magoado esses seres, cuja alma é o que há de mais digno sob os olhos de Deus.

Continuava a me corresponder com Sara. Ela respondia regularmente às minhas cartas, mas às escondidas da mãe. A essa eu não ousava mais escrever. Sei, entretanto, que procedi mal, mas só o compreendi mais tarde. Meu silêncio medroso, a seus olhos devia parecer ou uma fria indiferença em relação a ela e a filha, ou uma exploração tardia de uma conduta culpada.

Mais uma vez, a inexperiência me arruinou. Tenho certeza disso, pois se tivesse conduzido de outra forma a situação, talvez hoje pudesse estar casado com Sara.

Mas Deus não o quis, sem dúvida, e fiz mal em ambicionar esse título que nunca será meu! A senhora P... tinha por mim uma afeição sincera e maternal. Minha partida a magou duplamente ameaçando seus mais caros interesses: a reputação da filha, gravemente comprometida, e o renome de sua casa. Creio que ambos foram atingidos; cochichava-se baixinho à sua volta. O presente explicava o passado, já tão equivocado. Os inspetores da academia não puderam se impedir de atacá-la. Conheciam todas as peripécias daquele drama onde o papel que representei se esclarecera inteiramente. Relembra-lhe seria, portanto, fazê-la passar por todas as torturas da vergonha e do pavor, e colocar em dúvida a honra de seu caráter orgulhoso. Diante de tais circunstâncias, a pobre mulher devia maldizer o dia em que me empregou em seu internato. Seu coração de mãe devia estar esmagado pelos terríveis pensamentos que surgiam em seu espírito; pelas reprovações, talvez, que fazia a sua consciência, por tanto tempo cega porque era leal e não suspeitava da filha. No entanto, meu Deus, ela era mulher e como tal podia conhecer os limites da força humana!

Já fazia um mês que eu tinha chegado de Paris, quando recebi um chamado do chefe de exploração da estrada de ferro de... Parti; mas antes fui ver pela última vez o monsenhor. Me era penoso deixá-lo por tanto tempo.

É muito raro encontrar um homem como aquele, cujas qualidades da alma somam-se às riquezas de um grande espírito. Ele me encontrou numa situação excepcional e ficou comovido. Depois tornou-se meu amigo, se é que posso chamá-lo assim. E agora que partia, o bom prelado me apertava efusivamente contra o seu coração. Fiquei muito emocionado. Consegui apenas abaixar a cabeça em silêncio, balbuciando ao me retirar algumas poucas palavras de agradecimento.

Ao separar-se de mim, minha pobre mãe encheu os olhos d'água, e confesso que, apesar de todos os meus esforços, também chorei. Dentro de vinte e quatro horas, um espaço de duzentas léguas nos separaria. Era a primeira vez que isso acontecia, e portanto algumas lágrimas de saudade me eram perfeitamente permitidas. Ao menos tínhamos a esperança de nos rever. O mesmo não se dava, entretanto, com o meu nobre e venerado benfeitor, o senhor de Saint-M... A beira da morte, ele não tinha mais esperanças de me rever. "Meu pobre Camille", dizia ele suspirando, "não voltaremos a nos ver"! Sua mão apear-tava a minha. Eu a sentia tremer.

Não conheço nada mais dilacerante do que um velho em agonia. Oh, me senti desfalecer diante daquela dor que testemunhava a mais viva e profunda afeição. De fato, eu sentia nele um coração de pai, e como ficava orgulhoso disso!

Venerável homem, repousa em paz no teu túmulo! A morte foi para ti o termo de uma existência benigna e generosa, e a tua grandiosa alma será recompensada! Possas tu escutar minha frágil voz! E ela te dirá que aqui na terra há um coração repleto de tua memória.

Ele não existe mais agora! E nada no mundo poderá substituí-lo!!! Não pude assistir a seus últimos momentos. Ele os sentiu aproximar-se. Veio uma crise, uma crise terrível, durante a qual, entretanto, conseguiu ainda pronunciar o nome de todos os que amava e despedir-se de minha mãe. Uniu suas mãos às da filha, e olhando-as morreu pronunciando o meu nome!

Dois anos se passaram desde a sua morte. Mas ele ainda está presente em meu coração. O culto que lhe dediquei foi a última e única alegria da minha vida! Depois, em meio aos desgostos e pesadelos que me impregnaram, percebi o vazio medonho causado por sua ausência.

E agora só!... só... para sempre! Abandonado, abandonado do meio de meus irmãos! Eh! Mas o que estou dizendo? Será que tenho o direito de chamá-los de irmãos? Não, não tenho. Sou só! De minha chegada a Paris data uma nova fase de minha dupla e estranha existência. Criado durante vinte anos entre moças, fui primeiramente camarreira. Aos dezesseis anos entrei na qualidade de alumna-professora para a escola normal de... Aos dezoito tirei meu diploma de professora; alguns meses depois dirigia um internato renomado na área administrativa de...; saí de lá aos vinte e um anos, durante o mês de abril. No final desse mesmo ano eu estava em Paris na estrada de ferro...¹

Vai maldito, cumpre o teu destino! O mundo que invocas não foi feito para ti. Não foste feito para ele também. Nesse vasto universo onde todas as dores têm lugar, tu procurarás em vão um canto para abrigar a tua. Mas a esse canto tua dor macularia. Ela inverte todas as leis da natureza e da humanidade. As casas de família fecharam as portas para ti. Tua própria vida é um escândalo da qual se envergonharia a jovem virgem, a tímida adulescente.

Não há entre as mulheres desprezíveis que me sorriram e beijaram, uma que não tenha recuado de vergonha em meus braços, como se tocasse um verme. Sim, é verdade. Mas não amaldiçoarei ninguém. Passei por todas elas sem focá-las. Homem! Não enlameei meus lábios com perjúrios, nem meu corpo com hediondas cópulas. Não vi meu nome ser arrastado na lama por uma esposa infiel.

¹ A essa altura, a reprodução continua do manuscrito é interrompida. As páginas que se seguem são apenas extratos de textos que se encontravam nas mãos de A. Tardieu. (M. F.)

Todos esses flagelos imundos que vocês, homens, expõem ao dia claro, me foram poupados.

De vosso docé cálice senti apenas o perfume. Nele, saciastes todas as vergonhas, todas as desonras, sem ficar ainda satisfeitos. Guardai pois vossa piedade.

Ela vos pertence, mais do que a mim. Minha natureza angelical, paira por sobre todas as vossas inomináveis miserias, pois me dissestes que não há lugar para mim em vossa estreita esfera. A vós a terra, a mim o espaço sem limites. Acorrentados pelos laços dos vossos sentidos grosseiros, vossos espíritos não podem mergulhar no límpido mar do infinito, onde minha alma em desvario por sobre vossas praias áridas, sacia a sua sede.

Arrancada por antecipação de seu corpo virgem, entreviu com beatitude a luminosa claridade de um mundo imortal, resplandecente, onde sua permanência futura é desejada. Oh, quem poderia julgar os impulsos de pura embriaguez de uma alma que nada tem de terrestre e humano?! E com que olhos contempla esse horizonte fechado, onde se agitam tantas paixões, tantas cóleras odiosas, tanta materialidade? E é em mim que lançais vosso insultante desprezo, como a um deserdado, um sem-nome!

E teríeis acaso o direito? Como poderíeis homens degradados, mil vezes aviltados, e para sempre inúteis, joguetes desprezíveis e desprezados de criaturas corrompidas de quem vos vangloriais de uma conquista. Poderíeis acaso reprovar o sarcasmo e o ultraje? Ah! Ah! Permaneí orgulhosos de vossos direitos.

O lodo que vos cobre é testemunha do nobre uso que fizestes de vossos sentimentos. Sou eu quem deveria me queixar, pobres espíritos pecadores, que consumiram em miseráveis prazeres todas as fontes vivas de seus corações, que apagaram da inteligência a chama pura, destinada a guiar sua razão nos caminhos da vida. Sim, lastimo por vós por que não sofrestes. Para sofrer é preciso ter um coração nobre, grande, e uma alma generosa. Mas a hora da expiação virá, se é que já não veio. E então ficareis apavorados com o vazio medonho do vosso ser.

Infelizes! Não encontrareis nada para preenchê-lo. Chegareis à solidão da eternidade lamentando o quê? A vida. Diante da imortalidade, lamentareis a poeira, o nada!

Mas eu, eu que esmigalhastes com os pés, eu vos do-minarei com toda a superioridade de minha natureza imaterial, virginal, com todos os meus infindáveis sofrimentos!

Digo infindáveis sofrimentos, porque também sonhei com aquelas noites delirantes, com aquelas paixões ardentes que só me foram reveladas pela intuição.

Estremecia quando à noite, via passar sob o fogo dos lústres aquelas mulheres bonitas, mais por seus enfeites do que por seus atrativos, há muito inexistentes. Sentado na platéia de um teatro, percorria com o olhar melancólico todos aqueles rostos, imaginando secretamente todas as alegrias contidas naquelas palavras que se ocultavam atrás dos leques, aqueles sorrisos que prometiam a felicidade em apertos de mão. Ah não acrediteis que eu tenha experimentado sem inveja o choque de todas aquelas correntes elétricas que vinham de todas as direções. Não. Eu era jovem e ambicionava um lugar naquele banquete do amor. Mas eu não pertenceria a ninguém... a não ser a Deus. Antes de chegar ao desamor absoluto de uma alma derrotada por sua própria luta, oh! Acreditai, sofri cruelmente!

Em meio a meus males, nutria uma ilusão louca, culpada, é verdade. Mas quem ousará me recriminar? Uma jovem me amou, como se ama pela primeira vez. Ao menos acreditava me amar assim.

Em sua cândida ignorância, desconhecia o que estava além das alegrias incompletas que lhe revelei. Mais tarde seu esquecimento me aniquilou. Mas mostrou também a verdade da situação que eu tinha esquecido.

Foi então que, a última e única felicidade que tive me sendo arrancada, compreendi a extensão de meus deveres e os dolorosos sacrifícios que me impunham.

Generosamente, instantaneamente, rompi com todas as lembranças do meu passado. Ainda jovem, me enterrei

viva nessa eterna solidão que encontro em todos os lugares, por entre as multidões, como no mais ignorado dos retiros.

Minha razão perdida me foi restituída. Com ela reencontrei a paz, o esquecimento, a felicidade.
Ah não, a felicidade não! A felicidade nunca brilhou para mim.

Muito tempo se passou desde então. A consumação foi completa. Só o pensamento mantém aquela sombra querida de um amor acabado. Reporto-me às vezes àqueles dias de ternura santa, de ilusões castas, onde eu rapaz, naquela doce e íntima confraternização, satisfazia minha vida que nem um sopro embaciava.

Essas lembranças nada têm de amargas. Ao contrário, consolam as decepções. São o oásis perfumado onde se refugia minha alma ferida. Hoje, encaro com calma a sombra perspectiva de meu implacável destino.

Profundamente desgostosa de tudo e de todos, suporto, sem nenhuma emoção, as injustiças dos homens, e seus ódios hipócritas, pois não poderão jamais me atingir na fortaleza segura em que me escondo.

Há entre mim e eles um abismo, uma barreira intransponível... Eu os desafio, a todos.

30 de maio de 186... — Senhor! Senhor! O cálice de minhas dores ainda não está vazio! Então tua mão adorável só deve se estender sobre mim para ferir e afligir esse coração tão profundamente ulcerado? Existe isolamento maior, abandono mais lancinante?

Oh, piedade, meu Deus piedade, pois sucumbo a essa lenta e assustadora agonia, porque minhas forças me abandonam, porque a gota d'água transformou-se em mar, inundando todas as potências do meu ser.

Sob os meus passos colocaste um abismo cada vez mais profundo, no qual não posso mergulhar o olhar sem sentir uma horrível vertigem. Tenho às vezes a impressão de que esse solo minado vai se desfazer sob os meus pés e me tragar para sempre!

Essa luta incessante da natureza contra a razão me consome cada vez mais e me arrasta a largos passos para o túmulo.

Não são mais os anos que me restam, são meses, são dias talvez.

Sinto-o de um modo claro e terrível. E como esse pensamento é doce e consolador para minha alma! Lá está a morte, o esquecimento. Lá, sem nenhuma dúvida, o infeliz exilado do mundo encontrará finalmente uma pátria, irmãs e amigos. Lá haverá um lugar para o proscrito.

Quando chegar esse dia, alguns médicos farão tumulto em torno de meus despojos; eles virão buscar em mim nova luz, analisar todos os misteriosos sofrimentos que se concentraram num único ser. Oh príncipes da ciência, sábios químicos, cujos nomes ecoam no mundo, analisem então, se for possível, todas as dores que queimaram e devoraram esse coração até suas últimas fibras; todas as lágrimas ardentes que o inundaram, desseccaram em suas selvagens opressões!

Descubram quantas pulsações lhe imprimiram os desejos sangrentos, as injúrias, os escárnios infames, os sarcasmos amargos, e encontrarão o segredo impiedosamente guardado em seu túmulo!...

E então, ao menos uma vez se pensará no infeliz que durante a vida foi indignamente repudiado por aqueles que se envergonhavam de apertar-lhe as mãos, que lhe recusaram mesmo o pão, e até o direito de viver.

Pois cheguei a esse ponto. A realidade me sufoca, me persegue. O que vai ser de mim? Eu ignoro. Onde encontrar para amanhã o pedaço de pão que nos é dado pelo trabalho?

Terei que pedir esmola, roubar? Cansado, nessa Paris que eu amo porque aqui sou esquecido, precisarei espionar à noite a passagem de um homem feliz que me fará um insulto, me apontando a um agente de segurança? A que porta devo bater ainda?

Recebido por algumas personalidades de quem era conhecido, implorei, supliquei que me ajudassem. Isso certamente seria fácil para eles. Sua influência em Paris po-

deria numa só palavra me arranjar um meio de ganhar a vida honestamente.

Oh, devo dizer, por toda parte recebi calorosas promessas, com as quais fui estupidamente acordei. Compreendi signe loucura da qual rapidamente acordei. Compreendi enfim que, desse dia em diante, só poderia contar comigo mesmo. Meus poucos recursos estavam terminados, e breve eu conheceria as angústias da miséria e as torturas da fome. Pois já fazia um mês que eu pedia e esperava o resultado sempre negativo de minhas tentativas.

Uma última esperança me restava; e eu a adotei, crendo dessa vez ter encontrado a salvação.

Saí decidido a me inscrever como criado daqueles numerosos refúgios que pululam em Paris, numa agência de empregos para trabalhos domésticos. "Já trabalhou antes?" Foi a primeira pergunta que me fizeram.

E como minha resposta fosse negativa, me disseram: "Dificilmente encontrará um emprego; mas enfim volte de novo, nós veremos."

Voltava lá todos os dias, e todos os dias ouvia a mesma aterradora resposta.

Sei que as pessoas que me cercam me consideram muito estranho.

Todos esses rostos jovens que respiram a alegria de suas idades parecem ler em meu rosto alguma verdade assustadora cujo segredo lhes escapa.

A fria constância de meu olhar parece congelar-lhes, e quase os força a um respeito.

Como definir essa impressão estranha que inspira minha presença? Eu não saberia. Mas para mim ela é visível, incontestável.

Esses jovens alegres da *rive gauche*, futuros mestres da ciência que preparam seus êxitos entre um beijo e uma meia-taça, com quem estou em contato diário, apenas no restaurante, não sabem explicar a melancólica selvageria de meus hábitos, que não são explicáveis de fato aos vinte e oito anos. Embora eu sorrisse às vozes, para as minhas gentis companheiras de mesa, nenhuma delas saberia dizer com que rosto gracioso e jovem divido meu apartamen-

to. E essa é uma informação que podem dar com certeza, deste ou daquele estudante do bairro; pois se conhecem uns aos outros, se é que não se amam sempre. Elas estão perfeitamente a par das trocas sucessivas de seus pares e das trocas que se operam entre seus cavalheiros da véspera e seus cavalheiros de amanhã.

Sem dúvida os hábitos locais valeriam um estudo curioso. Sem estar envolvido em nenhuma aventura sem ser ator nessa comédia, assisto frequentemente a estranhas cenas entre essas duplas amorosas. Simples espectador, observo conscienciosamente, e chego sempre à conclusão de que meu papel é o melhor.

Do alto de minha orgulhosa independência posso me instituir juiz. A experiência real que adquiri do coração da mulher me coloca acima de certas críticas célebres, cujas apreciações mais de uma vez me impressionaram por sua falsidade.

Dumas filho, entre outros, tentou em vão rasgar esse véu, mas só o conseguiu fazê-lo pela metade, pois aos olhos dos profanos ele é impenetrável.

Você não irá mais longe, lhe foi respondido.

E de fato, ele foi impedido de continuar seu prodigioso impulso. Por quê? Faltava-lhe a palavra mágica para penetrar no santuário. Ele se perdeu num labirinto sem fim, de onde saiu fraco e vencido, além de não ter sido iniciado na ciência que pretendia conhecer, e que nenhum homem jamais conhecerá.

Devemos lamentar que seja assim? Oh, não, não!

De minha parte, estou moralmente convencido de que há nisso não só uma impossibilidade, mas uma necessidade indispensável, um limite que seria perigoso ao homem ultrapassar. Suas faculdades se opõem a isso; sua felicidade depende disso.

Por uma exceção, da qual não me glorifico, me foi dado a conhecer, sendo homem, íntima e profundamente todas as aptidões e todos os segredos do caráter feminino. Vi seus corações desnudados. Podia contar todas as suas pulsações. Conheço o segredo de sua força, e a medida de sua fraqueza; por isso seria um péssimo marido; sinto

que todas as minhas alegrias seriam envenenadas no casamento e que eu abusaria cruelmente da enorme vantagem que teria, vantagem que acabaria se voltando contra mim.

Depois de muitas tentativas, a agência de empregos decidiu-me dar uma carta de apresentação a uma dama que procurava um criado.

A condessa de J... morava numa pequena mansão do subúrbio de Saint-Honoré.

Encontrei-a sozinha, escrevendo num enorme salão. Pegou minha carta, sentou perto da lareira e começou a me fazer uma série de perguntas que eu já esperava que fizesse. Como sempre, não servi, tal era o insuperável obstáculo.

Poderia ter-lhe dito: Já fui camareira. Mas responder semelhante barbaridade...

No entanto, não era essa a questão, pois ela perdoava a ausência desse aspecto essencial.

"Aqui", me disse a dama, "com um pouco de boa vontade você poderia aprender em pouco tempo o serviço. Mas você me parece muito fraco e delicado para esse tipo de trabalho. Não posso, portanto, lhe aceitar em minha casa".

Fui mandado embora.

Infelizmente, ela tinha dito a verdade.

Sou fraco e minha aparência é doentia. Com esse aspecto só se encontra lugar no hospital. E será lá sem dúvida minha última etapa.

Eu ia de vez em quando visitar uma elegante senhora cujo marido dirige um brilhante café de Palais-Royal.

Minhas relações com ela eram bastante amigáveis. Conhecia um pouco a minha família, e os principais acontecimentos da minha vida haviam excitado ao mais alto grau sua curiosidade feminina. Com a habilidade de seu sexo, encontrava sempre um meio de levar a conversa para esse terreno, esperando alguma confidência misteriosa de minha parte, mas, mesmo tendo por ela consideração, nunca fui muito pródigo a esse respeito.

As emoções da minha vida não são do tipo que se pode contar aos sete ventos. Há situações que poucas pessoas

podem apreciar, e que certamente algumas mais grosseiras de nossa época usariam para dar uma interpretação tola dos fatos, interpretação que quase sempre é perigosa para mim, como eu mesmo tive a oportunidade de constatar.

Posso citar um exemplo: eu estava na estrada de ferro de... Um subchefe do escritório conversava comigo sobre a originalidade do meu passado. Ele acreditava de boa-fé que eu, tendo sido *desejada* por um jovem rapaz, me havia rendido a seus desejos, e com isso descoberto o meu verdadeiro sexo. Vé-se, portanto, até onde pode se estender a capacidade de me julgar, e que sérias consequências ela pode ter para mim, e para a minha tranqüilidade.

Admitido a título de experiência no escritório de uma administradora financeira, onde passei alguns meses numa tranqüilidade absoluta, esperava minha admissão definitiva, quando mudanças súbitas na sociedade da firma impuseram uma redução de seu pessoal. Fui então despedido com a possibilidade de ser reintegrado a meu posto mais tarde, o que entretanto não podia ser garantido.

E eis-me outra vez à procura de um ganha-pão. Meus recursos me permitiam esperar ainda um mês. E nessas condições eu podia me considerar rico, pois precisava de muito pouco para sobreviver. O que eu como num dia, mal daria para o almoço de um homem da minha idade. Quanto a inquietudes, posso afirmar que não tinha nenhuma.

Considero cada dia que me é dado como sendo o último da minha vida. E isso eu o faço naturalmente, sem nenhum pavor.

Para compreender tal indiferença aos vinte e nove anos, é preciso ter sido, como eu, condenado ao mais amargo dos suplícios, ao isolamento perpétuo. A idéia da morte, geralmente tão repugnante, é de inefável doçura para a minha alma dolorida.

A visão de um túmulo me reconcilia com a vida. Lá encontro não sei que ternura, para aquele cujos ossos estão sob os meus pés. E todos os homens que me foram estra-

nhos tornam-se meus irmãos. Converso com suas almas libertas das correntes terrestres; cativo, espero ansiosamente o instante em que poderei me unir a elas.

Fico a tal ponto emocionado, que sinto meu coração dilatar-se de alegria e de esperança. Chorarei, mas doces lágrimas.

Senti muitas vezes o que estou descrevendo aqui. Meu passeio favorito em Paris é ir ao Père-Lachaise, o cemitério de Montmartre. O culto da morte nasceu comigo.

Meus recursos, infelizmente, ameaçavam terminar. Minhas finanças se esgotavam de modo a sugerir tristes reflexões.

Mesmo com a perspectiva de uma nova chamada, aquela situação não podia mais continuar, pois tinha chegado ao ponto de me perguntar o que comeria no dia seguinte.

Possam os que me lêem jamais conhecer o que há de horrível nas minhas palavras.

Uma situação como essa, quando se prolonga, pode levar o infeliz que oprime aos mais assustadores extremos. Cheguei a compreender e desculpar o suicídio nessa época.

Creio que isso dispensa comentários.

Quantas vezes sentado triste num banco das Tuileries, me deixei levar por esses pensamentos terríveis, de onde só se retorna apavorado, abatido, e moralmente destruído.

Oh! Como invejei o sono dos mortos, o sono daquele último refúgio da natureza humana. Por que Senhor prolongaste até agora uma existência inútil a todos e tão penosa para mim? Eis um mistério que não cabe aos homens desvendar.

Pesado para os outros e para mim mesmo, sem nenhum amor, sem nenhuma dessas perspectivas que ao menos às vezes vêm iluminar com um raio doce e puro a face daquele que sofre... Mas não, nada. Sempre o abandono, a solidão, e o desprezo ultrajante.

Poucos dias atrás, totalmente arruinado, fui obrigado a recorrer a minha pobre e boa mãe.

Compreende-se o quanto isso é penoso para um filho que conhece as privações que essa ajuda vai ocasionar.

Assim, não só me senti impotente por não poder proporcionar nenhuma felicidade aos últimos dias daquela a quem devo tanto, como ainda precisei diminuir os seus já insuficientes recursos.

Posso afirmar que ter chegado a esse extremo foi a condenação mais dura da minha vida.

Vou falar agora da resolução fatal que provocou o desalento profundo desses últimos dias. Certa manhã, em frente as Tuileries, reencontrei um homem que eu pensei estar ainda na Bretagne, lugar onde o conheci há alguns anos atrás. Esse homem era representante de uma importante companhia marítima.

Deixei-o passar sem dirigir-lhe a palavra, pois vi que não me havia reconhecido. Mais tarde, refletindo sobre a estranheza desse reencontro, acreditei ver nele uma garantia de felicidade para o futuro.

A boa lembrança que tinha de suas relações assegurava-me de que teria boa vontade para com as circunstâncias atuais.

Dois dias depois, fui visitá-lo na administração central da companhia, e não escondi dele nenhuma das dificuldades de minha situação. Ele se interessou por mim. Sua acolhida foi mais afetuosa do que eu esperava.

Pedi-lhe simplesmente que me embarcasse a bordo de um navio como garçom. Minha proposta o espantou.

Pretendia me dar coisa melhor.

Por outro lado, assinalava as impossibilidades materiais de meu projeto.

Primeiramente, a companhia só queria admitir para esse posto pessoas que já tivessem o hábito da navegação. "Além disso", disse ele, "não posso acreditar que você, com o gênero de vida que levava, seja adequado a esse tipo de trabalho. Mas se ainda assim você quiser, estou disposto a lhe ajudar. Talvez me seja possível atenuar sua situação a bordo, recomendando-lhe a um de meus amigos, que é oficial do *Europe*".

Aceitei sem hesitar. "Bem", me disse ele, "falarei com o diretor. Mas seria bom que você pudesse me trazer uma recomendação, de um emissário, por exemplo".

Voltei no dia seguinte com uma carta que obtive, sem dificuldades, de um emissário do meu departamento, senhor de V....

No ponto em que estavam as coisas, eu não podia recusar. Sabia risso. Tinha me envolvido rapidamente para não ter que voltar atrás.

Todas essas manobras foram feitas sem que eu tivesse consultado ninguém, nem minha mãe, nem meus amigos. Queria avisá-los apenas na hora da minha partida, pois se soubessem com que cargo eu ia embarcar, certamente me teriam feito mudar de idéia. E eles nunca souberam.

Assim que o *Europe* ancorasse no Havre, eu teria imediatamente uma resposta.

Nesse meio-tempo, fui chamado ao escritório da companhia de... para reassumir meu posto. A carta que me trouxe o aviso, ao invés de alegrar-me, deixou-me consternado. Eu estava diante de um estranho embarço. O que fazer? Era bem simples, pois só havia um caminho a tomar. Consultar meu excelente protetor e lhe contar com toda franqueza tudo o que eu havia feito e seguir seu conselho. Não fiz isso.

Comigo, infelizmente, os primeiros impulsos nunca dão certo. A precipitação nunca me conduziu a nada. E nessa situação eu tinha a chance de prová-lo. Decidi então me manter em silêncio e deixar que as coisas acontecessem.

Como faltava ainda um mês para minha partida para os Estados Unidos, nada me impedia de retomar provisoriamente o posto que me havia sido oferecido. E de fato, foi o que fiz.

O motivo por que fui chamado parecia, entretanto, propor um trabalho menos temporário. E isso foi deixado claro, logo de início. Rejeitei, a contragosto, essa perspectiva para me ligar ao imprudente projeto cuja realização eu esperava.

Um mês se passara.

A medida em que se aproximava o dia da resolução,

secretamente me angustiava. Eu estava tão feliz no meu presente. Para que me atirar num futuro que era no mínimo incerto? Unicamente porque eu acreditava estar envolvido com ele. Bela razão quando se trata de interesses sérios.

A esse medo, juntou-se a nostalgia de ter que abandonar as pessoas que até então estavam sendo tão boas para mim. Essa idéia me era terrivelmente penosa. Bastava uma só palavra, e eu poderia ainda pôr fim àquelas cruéis aflições, renunciando ao que eu acreditava ser meu dever não recusar. Havia nessa maldita obstinação uma questão de amor-próprio, seguramente mal colocada. Eu não queria fraquejar diante de uma determinação tão energeticamente tomada, eu sei, mas sob a influência de um grande desânimo. A sorte estava lançada. E eu me submeti a ela.

O oficial do *Europe* respondeu a seu amigo que me aceriaria a bordo apenas como garçom, pois os regulamentos não permitiam que eu fosse empregado, ainda que temporariamente, como escrivão de bordo. Sua carta era fria e significativa, o que novamente me trouxe a indecisão: o próprio senhor M... não me forçou a aceitar. Estava triste por me ver partir nessas condições, e me encheu de esperanças dizendo que minha posição poderia melhorar com o tempo, e que ele me ajudaria de todas as formas possíveis.

Fortifiquei-me inteiramente contra o que chamei de fraqueza, e com o coração em pedaços, como que por um pressentimento, pronunciei trêmulo minha última palavra de adesão. Era uma quinta-feira, e minha partida ficou marcada para a segunda-feira.

Escrevi imediatamente a minha mãe e sem dizer-lhe a função que ia exercer, anunciei-lhe a viagem. Ela ficou inconsolável.

Se a idéia da viagem já lhe era penosa, para que agravar sua tristeza confessando-lhe minha nova função?

Compreende-se que frente a meus protetores eu mantivesse o mesmo segredo.

Era tarde demais para me aconselhar ou reprovar. Deixaram-me então partir, acreditando que eu havia sido so-

licitado para uma posição vantajosa e atraente. Deixei que acreditassem nisso, porque até certo ponto desculpava a minha conduta.

Não sei que estranha cegueira me fez sustentar até o fim esse papel absurdo. Talvez aquela sede do desconhecido, tão natural nos homens.

.....
Em fevereiro de 1868 foi encontrado num quarto do bairro de Odéon o cadáver de Abel Barbin que havia se suicidado com um fogareiro a carvão. Ele deixou o manuscrito do texto reproduzido acima. (M.F.)

CONTENTO-ME em reunir aqui, alguns dos principais documentos que concernem a Adélaïde Herculine Barbin. A questão dos estranhos destinos, que são semelhantes ao seu, e que formularam, sobretudo a partir do século XVI, uma série de problemas para a medicina e o direito, será tratada num volume da história da sexualidade consagrado aos hermafroditas. Não se encontrará aqui, como foi o caso de Pierre Rivière, uma documentação exaustiva.

1. Falta, primeiramente e sobretudo, uma parte das lembranças de Alexina. Tardieu parece ter recebido o manuscrito completo das mãos do médico, doutor Régnier, que atestou o óbito e fez a autópsia. Entretanto, guardou consigo o manuscrito, publicando apenas a parte que lhe parecia importante. Negligenciou as memórias dos últimos anos de Alexina — tudo aquilo que, segundo ele, não passava de lamentos, recriminações e incoerências. Apesar das buscas, não foi possível reencontrar o manuscrito que A. Tardieu tinha em suas mãos. O texto que aqui reproduzimos é, portanto, o mesmo que foi publicado por Tardieu na segunda parte de sua obra *La Question de l'Identité*.*

2. Nos arquivos do departamento da Charente-Maritime, existem alguns documentos (a maior parte proveniente da Inspeção da Academia) onde o nome de Adélaïde

* *Question médico-légale de l'identité dans ses rapports avec les vices de conformation des organes sexuels* (Paris, 1874). A primeira parte do volume surgiu nos *Annales d'hygiène publique*, em 1972.

Barbin é mencionado. Me pareceu suficiente publicar os mais significativos.

3. *A literatura médica do fim do século XIX e começo do século XX refere-se, com frequência, a Alexina. Deixei de lado o que eram simples citações retiradas do texto publicado por Tardieu. Reproduzi apenas os relatos originais.*

4. *Sabemos quão abundante foi, nos últimos anos do século, a literatura "médico-libertina". As observações clínicas serviam, às vezes, de inspiração. A história de Alexina decifra-se facilmente em uma parte do estranho romance intitulado L'Hermaphrodite, publicado em 1899 sob a assinatura de Dubarry.*

NOMES, DATAS E LUGARES

Adélaïde Herculine Barbin nasceu aos 8 de novembro de 1838, em Saint-Jean-d'Angély. Era comumente chamada de Alexina. O nome Camille parece ter sido uma convenção inventada, ou por Tardieu quando publicou as memórias de Alexina, ou, o que é mais provável, por ela mesma, o que nos faz supor que ela considerava a possibilidade de ter eventuais leitores.

Algumas siglas podem ser mais ou menos facilmente decifradas.

1838-1853

Infância em L..., isto é, em Saint-Jean-d'Angély (não se sabe se por inadvertência, ou se por um erro de leitura do manuscrito, Saint-Jean-d'Angély é designada pela letra S... nas páginas 99, 101 e 102).

De 1845 a 1853 ela mora primeiramente no hospital, e depois no convento das Ursulinas de Chavagnes.

1853-1856

Mora em B..., que é La Rochelle.

1856-1858

Permanece na escola normal de Oléron, que pertencida às *filles de la Sagesse*. Ficava situada em D..., que é Château. A diretora a quem Alexina chama de irmã Maria dos Anjos, chamava-se Marie Augustine.

O final do passeio a T..., contado nas páginas 42-48 foi em Saint-Trojan.

1858-1860

Professora em L... A identificação do centro administrativo da região "no limite do departamento" não foi possível.

1860

Volta a La Rochelle.

O bispo a quem Alexina visitou era J-F. Landriot. Consagrado bispo de La Rochelle em 20 de julho de 1856, tornou-se em seguida arcebispo de Reims.

O prefeito era J-B. Boffinton, quem tomou posse em 24 de dezembro de 1856.

O médico de La Rochelle que fez o primeiro relatório foi o doutor Chesnet. Seu relatório, publicado em 1860 nos *Annales d'Hygiène Publique*, está reproduzido aqui nas páginas 113-116.

O presidente do tribunal de Saint-Jean-d'Angély, que decidiu em 22 de julho de 1860 a mudança do estado civil, chamava-se Sr. de Bonnégens.

112

RELATÓRIOS

Em seu *Question médico-légale de l'identité dans les rapports avec les vices de conformation des organes sexuels*, A. Tardieu apresenta da seguinte forma as memórias de Alexina B.:

O fato extraordinário que passarei em seguida a relatar, representa sem dúvida o exemplo mais cruel, e a mais dolorosa das conseqüências fatais, que pode ocasionar um erro cometido desde o nascimento, na constituição do estado civil. Veremos a vítima de tal erro, após vinte anos acostumada aos hábitos de um sexo que não é o seu, lutando com uma paixão que ignora-se a si mesma, sendo avisada, enfim, pela explosão de seus sentidos, ser devolvida ao seu verdadeiro sexo e ao mesmo tempo ao sentimento real de sua enfermidade física, levar a vida com desgosto e dar-lhe fim com o suicídio.

Este pobre infeliz criado em conventos e internatos femininos até a idade de vinte e dois anos, aceito nos exames e possuidor de um diploma de professora, teve após dramáticas e comoventes circunstâncias seu estado civil modificado por um julgamento do tribunal de La Rochelle,¹

¹ Trata-se de um erro. A decisão de mudança do estado civil foi, na verdade, tomada pelo tribunal civil de Saint-Jean-d'Angély. Cf. *infra* pp. 136-137 (M. F.)

113

e não pôde suportar a existência miserável que seu novo sexo incompleto lhe impôs. Certamente, nesse caso, as aparências do sexo feminino foram levadas às últimas consequências, mas apesar disso, a ciência e a justiça foram obrigadas a reconhecer o erro e a devolver esse jovem rapaz a seu sexo verdadeiro.

As lutas e perturbações das quais foi vítima esse desafortunado, ele mesmo as descreve nas páginas que nenhuma ficção romanesca sobrepassa em interesse. Dificilmente encontraríamos história mais dolorosa, contada em tom mais sincero, e ainda que a narração em si não contivesse uma verdade impressionante, teríamos nos documentos autênticos e oficiais que aqui reúno, a prova de que ela é da mais perfeita exatidão.

Não hesito em publicá-la quase que inteiramente, para que não se perca o duplo e precioso ensinamento que encerra, por um lado do ponto de vista da influência que exerce sobre as faculdades afetivas e disposições morais a deformação dos órgãos sexuais, e por outro do ponto de vista da gravidade das consequências individuais e sociais que pode ter uma constatação errônea do sexo de um recém-nascido.

CHESNET

*Questão de identidade;
vício de conformação dos órgãos genitais externos;
hipospadias; erro sobre o sexo**

“Eu, abaixo assinado, doutor em medicina, domiciliado em La Rochelle, departamento da Charente-Inférieure, exponho a quem de direito for o que se segue:

“Uma criança, nascida do casal B... em Saint-Jean-d'Angély, aos 8 de novembro de 1838, foi registrada como pertencendo ao sexo feminino, e embora nos registros conste o nome de Adélaïde-Herculine, seus pais têm por hábito chamá-la de Alexina, nome que ela continua a usar até hoje. Colocada em escolas femininas, e mais tarde na escola normal do departamento da Charente-Inférieure, Alexina obteve há dois anos um diploma de professora, e exerce tais funções num internato.

“Tendo se queixado de fortes dores na virilha esquerda, decidiu-se submetê-la ao exame de um médico que ao ver seus órgãos genitais não pôde conter a expressão de surpresa. Esse mesmo médico colocou a diretora do internato a par de suas observações, e esta procurou tranquilizar Alexina dizendo-lhe que o que ela sentia devia-se à sua organização e que nada havia a temer.

* *Annales d'Hygiène Publique et de Médecine Légale*, 1860, t. XIV, p. 206 seg.

“Alexina entretanto preocupada com uma espécie de mistério de que entrevia ser o objeto, e com algumas palavras escapadas da boca do médico durante a visita, começou a prestar mais atenção a si própria do que costumava. Relacionando-se diariamente com meninas de quinze a dezesseis anos, experimentava emoções que não podia evitar. Mais de uma vez à noite, seus sonhos acompanhados de sensações inexplicáveis, ela se sentia molhada e pela manhã encontrava manchas pardacentas e duras no lençol. Surpresa e ao mesmo tempo alarmada, Alexina confiou o novo estado de sua alma a um eclesiástico que, não menos espantado, aconselhou-a a aproveitar uma viagem que deveria fazer a R... onde mora sua mãe, para consultar o monsenhor. Ela procurou de fato o bispo e, em consequência desta visita, foi encarregado de examinar com cuidado Alexina, e de dar minha opinião sobre o seu verdadeiro sexo. Desse exame, resultaram os seguintes fatos:

“Alexina, que está com vinte e dois anos de idade, é morena e tem 1,59m de altura. Os traços do rosto não são de modo algum bem caracterizados, e oscilam entre os do homem e da mulher. A voz é na maior parte do tempo feminina, mas algumas vezes durante a conversa ou quando tosse misturam-se a ela sons graves e masculinos. Um ligeiro buço recobre o lábio superior; alguns pêlos de barba podem ser observados no rosto, sobretudo do lado esquerdo. O peito é masculino; é reto, e não há vestígios de seios. As menstruações nunca surgiram, para o desespero de sua mãe e de um médico por ela consultado, que viu toda a sua habilidade tornar-se impotente na tentativa de obter a perda periódica de sangue. Os membros superiores nada têm das formas arredondadas que caracterizam as mulheres bem-feitas; eles são bem escuros e ligeiramente peludos. A bacia e as ancas são masculinas.

“A região pré-pubiana é coberta por um pêlo negro bem abundante. A afastar-se as pernas, percebe-se uma fenda longitudinal estendendo-se da protuberância pré-pubiana às cercanias do ânus. Na parte superior, encontra-se um corpo peniforme, com 4 ou 5 centímetros de compr-

mento, de seu ponto de inserção à extremidade livre, a qual tem a forma de uma glândula recoberta por um prepúcio levemente achatado na parte inferior e imperfurado. Esse pequeno membro, diferente por suas dimensões, tanto do clitoris quanto do pênis no estado normal, pode, no dizer de Alexina, inchar, endurecer e alongar-se. Entretanto, a ereção propriamente dita, deve ser bastante limitada, pois este pênis imperfeito encontra-se retido na parte inferior por uma espécie de freio que deixa livre apenas a glândula.

“Os grandes lábios aparentes que se observa de cada lado da fenda são muito salientes, sobretudo à direita, e recobertos de pêlos; são, na realidade, as duas metades de um escroto que permaneceu dividido. Sente-se nelas, ao apalpá-las, um corpo ovóide suspenso no cordão dos vasos espermáticos; o corpo, um pouco menos desenvolvido do que no homem adulto, não nos parece poder ser outra coisa além do testículo. A direita, ele é totalmente descido; à esquerda ele é mais alto; mas é móvel e desce mais ou menos quando o pressionamos. Esses dois corpos globulosos são muito sensíveis à pressão quando ela é um pouco forte. Segundo aparenta, foi a passagem tardia do testículo através do anel inguinal que provocou as fortes dores de que reclamava Alexina, e tornou necessária a visita de um médico que, ao saber que Alexina nunca havia tido regras, exclamou: “Acredito. E ela não as terá nunca!”

“Um centímetro abaixo do pênis encontra-se a abertura de uma uretra totalmente feminina. Introduzi nela uma sonda e deixei correr uma pequena quantidade de urina. Retirada a sonda, induzi Alexina a urinar em minha presença, o que ela fez com um jato vigoroso, dirigido horizontalmente à saída do canal. É bem possível que o esperma deva igualmente ser lançado a distância.

“Abaixo da uretra e a 2 centímetros aproximadamente mais baixo que o ânus, encontra-se o orifício de um canal muito estreito, onde eu poderia ter talvez penetrado a extremidade de meu dedo mindinho, se Alexina não o houvesse desviado parecendo sentir dor. Introduzi então minha sonda feminina, e constatei que esse canal tinha

5 centímetros de comprimento e terminava num beco-sem-saída. Meu dedo indicador, introduzido no ânus, sentiu o bico da sonda através das paredes que podemos chamar reto-vaginais.

“Esse canal é, portanto, uma espécie de esboço de vagina, no fundo do qual não se encontra nenhum vestígio do colo uterino. Meu dedo penetrando bem mais alto no reto, não conseguiu através das paredes do intestino encontrar o útero. As nádegas e as coxas, em sua parte posterior, são cobertas por abundantes pêlos escuros, como nos homens mais cabeludos. Dos fatos acima, o que concluiremos nós? Alexina seria uma mulher? Ela tem uma vulva, grandes lábios, e uma uretra feminina que independem de uma espécie de pênis imperfurado, não seria isso um clitoris monstruosamente desenvolvido? Existe uma vagina, bem curta na verdade, e muito estreita, mas enfim, o que poderia ser além de uma vagina? Ela tem atributos totalmente femininos, é verdade, mas nunca menstruou; externamente, seu corpo é masculino, e minhas explorações não me levaram a encontrar o útero. Seus gostos, suas inclinações a levam em direção às mulheres. A noite, as sensações voluptuosas são seguidas de um escoamento espermático; seu lençol é manchado e essas manchas têm um aspecto duro. E para finalizar, podemos encontrar os corpos ovóides e o cordão dos vasos espermáticos num escroto dividido. Eis os verdadeiros testemunhos do sexo; podemos portanto concluir e dizer: Alexina é um homem, hermafrodita sem dúvida, mas com evidente predominância do sexo masculino. Sua história é, no que tem de mais essencial, a reprodução quase exata de um fato contado por Marc no *Dictionnaire des Sciences Médicales* no verbete *Hermaphrodite*, e que foi igualmente citado por Orphée no primeiro volume de seu *Médecine Légale*. Marguerite-Marie de quem falam estes autores, solicitou e obteve do tribunal de Dreux a retificação de seu sexo nos registros de estado civil.

E. GOUJON

*Estudo de um caso de hermafroditismo imperfeito
no homem**

Indicações Preliminares

No corrente mês de fevereiro de 1868 um rapaz, empregado numa administração da estrada de ferro, se entregou voluntariamente à morte por asfixia carbônica num quarto mais do que modesto, situado no quinto andar de um prédio da Rua École-de-Médecine. O dr Régnier, médico do estado e o comissário de polícia do bairro, prevenidos do fato, foram à casa desse infeliz e encontraram sobre uma mesa uma carta deixada por ele. Nessa carta dizia ele ter se entregado à morte para escapar dos sofrimentos que constantemente o obsedavam. Esses senhores, diante do aspecto exterior do cadáver e das informações que obtiveram da *concierge* da casa que o via todos os dias sem suspeitar de nada que pudesse explicar os sofrimentos aos quais ele fazia alusão, tiveram a idéia de examinar seus órgãos genitais, supondo que ele podia ser vítima de uma afecção sífilítica que, como sabemos, costuma mergulhar os indivíduos afetados em profunda apatia e grande abati-

* *Journal de l'anatomie et de la physiologie de l'homme*, 1869, p. 609-639.

mento moral, o que muito frequentemente, leva ao suicídio determinados sujeitos já naturalmente melancólicos.

O dr. Régnier, nesse exame, viu imediatamente uma grande anomalia dos órgãos genitais externos e reconheceu um caso de hermafroditismo masculino dos mais caracterizados. De fato, dificilmente, como termos a oportunidade de verificar mais adiante, poderíamos encontrar uma mistura tão radical dos dois sexos no que diz respeito a tudo o que caracteriza os órgãos genitais externos. Fui informado desse fato pelo doutor Duplomb, que, como eu, lamentou que tal observação fosse perdida pela ciência. Pedimos então ao dr. Régnier que usasse de toda a sua influência junto ao comissário de polícia, a fim de que nos fosse permitido fazer a autópsia e retirar as diferentes partes atingidas pela anomalia. Essa autorização me foi concedida na condição de que um médico com posição oficial me acompanhasse; contatei então o dr. Houel, professor agregado da Faculdade, a quem devo agradecer, tanto quanto ao doutor Régnier, pela generosidade com que me deixaram inteiramente o estudo desse caso tão notável.

A observação que vou aqui relatar, é uma das mais completas que a ciência já possuiu no gênero, uma vez que o indivíduo que é seu objeto pôde ser acompanhado, por assim dizer, desde o nascimento até a morte, e o exame de seu cadáver, bem como a autópsia, puderam ser feitos com todos os cuidados necessários. Essa observação é sobretudo completa pelo fato excepcional de o sujeito em questão ter nos deixado longas memórias, através das quais nos inicia em todos os detalhes de sua vida e nos coloca a par de todas as sensações nele produzidas nos diferentes períodos de seu desenvolvimento físico e intelectual. Essas memórias¹ têm ainda mais valor por pertencerem a um indivíduo dotado de certa instrução (ele tinha um diploma de professora e tirou o primeiro lugar no concurso da escola normal para obtenção desse diploma) que além disso

¹ O professor Tardieu tornando-se possuidor destas memórias, com sua gentileza habitual, comunicou-as a mim.

se esforça em observar as diferentes sensações que experimenta.

A situação desse indivíduo não é única. Encontramos observações análogas em Geoffroy Saint-Hilaire². O hermafrodita que nos ocupa foi registrado como pertencendo ao sexo feminino; passou a infância e a adolescência entre meninas. As modificações físicas que se produziram mais tarde o forçaram a pedir uma retificação de seu estado civil e esta devolveu-lhe definitivamente a seu sexo, que era masculino, ainda que por um exame superficial dos órgãos sexuais externos se estivesse mais disposto a enquadrá-lo entre as mulheres. Eis uma passagem de suas memórias onde ele enumera rapidamente suas diferentes posições: "De minha chegada a Paris data uma nova fase de minha dupla e estranha existência.

"Criado durante vinte anos entre moças, fui primeiramente camareira. Aos dezesseis anos entrei na qualidade de aluna-professora para a escola normal de... Aos dezesseis tirei meu diploma de professora; alguns meses depois dirigia um internato renomado na área administrativa de...; saí de lá aos vinte e um anos, durante o mês de abril. No final desse mesmo ano eu estava em Paris na estrada de ferro..."

A autópsia permitiu retificar o primeiro julgamento feito a respeito do sexo que perdurou durante a maior parte de sua vida, bem como confirmar a exatidão do diagnóstico que por último devolveu-lhe a seu verdadeiro lugar na sociedade.

Como podemos observar pelo que foi enunciado acima, o presente caso levanta diversas questões fisiológicas e médico-legais. A conformação dos órgãos genitais externos desse indivíduo lhe permitia, embora manifestamente fosse um homem, representar indistintamente o papel de homem ou de mulher; mas ele era estéril em ambos os

² Ver I. Geoffroy Saint-Hilaire, *Histoire des anomalies de l'organisation*. Paris, 1836, in 8º, t. II, p. 30 e seguintes, e atlas, plancha IV.

casos. Ele podia representar o papel de homem graças a um pênis imperfurado suscetível de ereção, que atingia no ato o volume do pênis de certos indivíduos de conformação normal.

Como veremos adiante, através de sua descrição, esse órgão era mais um clitoris volumoso do que um pênis; e, de fato, em algumas mulheres o clitoris pode atingir o volume do dedo indicador. A ereção podia ser acompanhada de ejaculação e de sensações voluptuosas, como ele mesmo nos mostra em suas memórias. Essa ejaculação não se dava de modo algum através do pênis, que, como já dissemos acima, era imperfurado. Uma vagina que terminava numa espécie de beco-sem-saída, e na qual podia-se penetrar facilmente o dedo indicador, lhe permitia representar igualmente o papel da mulher no ato do coito. A essa vagina, cuja localização é a mesma que a da mulher normal, estavam anexadas as glândulas vulvovaginais abrindo-se a cada lado da vulva e a abertura de dois outros pequenos condutos que serviam para a emissão ou ejaculação do esperma.

Já havia feito a descrição anatômica do sujeito em questão, quando soube através do professor Tardieu que esse infeliz já havia sido objeto de um relatório médico-legal de um médico distinto de La Rochelle, na ocasião em que o tribunal pronunciou o julgamento que viria modificar seu estado civil devolvendo-lhe o verdadeiro sexo. Transcrevo aqui integralmente este relatório, pois que sendo muito exato e bem-feito, pouca coisa teria eu a acrescentar, a menos que durante o intervalo de tempo que separa os dois exames tenham surgido algumas modificações inesperadas. Eis o relatório.*

O relatório que acabamos de ler foi feito há oito anos atrás. Hoje, no momento em que procedo o exame do cadáver, o indivíduo que foi então seu objeto está com trinta

* Goujon cita aqui o relatório de Chesnet, reproduzido na pág. 113. (N. F.)

anos de idade. Eis o estado que apresenta esse infeliz que encontramos num miserável reduto, como existem ainda muitos em Paris, e que os progressos incessantes da higiene farão talvez desaparecer. Uma cama feia, uma mesa pequena e uma cadeira, compõem toda a mobília do local, onde mal cabem quatro pessoas. Um pequeno fogão, do qual restam apenas cinzas, encontra-se num canto ao lado de um farrapo contendo carvão. Sobre a cama, está deitado o cadáver, parcialmente vestido; seu rosto está cianosado e de sua boca escorre um sangue escuro e espumoso. O corpo é exatamente como o descreve Chesnet; os cabelos são negros, finos e abundantes; a barba é igualmente escura, mas não tão abundante nas partes laterais do rosto; ela é bem mais espessa no queixo e no lábio superior. O pescoço é delgado e longo, e a laringe não o faz muito saliente. A voz, de acordo com as informações obtidas de pessoas que o conheciam não era muito timbrada. O peito tem dimensões comuns, e a conformação é a de um homem de seu tamanho. Nele não encontramos pêlos, a não ser no contorno dos mamilos que são escuros e pouco salientes; quanto aos seios, não são mais desenvolvidos do que o podem ser num homem que tenha a mesma aparência física.

Os membros inferiores e superiores são cobertos de pêlos escuros muito finos e as saliências musculares são mais visíveis do que costumam ser nas mulheres. Os joelhos não são de modo algum inclinados um em direção ao outro; os pés e as mãos são pequenos; a bacia não é mais desenvolvida do que costuma ser no homem.

ESTADO DOS ÓRGÃOS GENITAIS EXTERNOS

Sobre o pênis que é proeminente, espalham-se abundantemente pêlos escuros, longos e crespos. Esses pêlos cobrem igualmente o períneo, as partes que simulam os grandes lábios, e cercam completamente o ânus; disposição

que em geral não existe na mulher. Situado onde normalmente se situa, vemos um pênis regularmente inserido, com 5 centímetros de comprimento e 2 centímetros e 1/2 de diâmetro no estado de flacidez. Esse órgão termina numa glândela imperfurada, achatada lateralmente e completamente descoberta do prepúcio que forma uma coroa em sua base. Esse pênis que não ultrapassa em volume o clitoris de certas mulheres, é ligeiramente encurvado para baixo, e está retido nesta posição pela parte inferior do prepúcio que vai se confundir e se perder nas dobras da pele que formam os grandes e pequenos lábios.

Um pouco abaixo do pênis e na mesma posição em que costuma estar na mulher encontra-se uma uretra análoga a desta última. Abaixo da uretra vemos o orifício da vagina, e no momento em que o examinamos, faz-se um leve escoamento de sangue pela vulva; o doutor Régnier, que igualmente o constatou, crê que seja ocasionado pela introdução do dedo que se dá repetidas vezes nesse momento.

Sem dúvida, essa é a única explicação que convém ao fenômeno, pois o sujeito em questão, como já vimos acima, nunca teve perda sanguínea periódica pela vulva, e o exame dos órgãos internos mostra claramente por quê. Introduce-se facilmente o dedo indicador em toda a extensão da vagina; mas nada que lembre a conformação de um colo uterino é sentido pela ponta do dedo; temos ao contrário, a sensação de um beco-sem-saída.

A extensão dessa vagina é de 6 centímetros e 1/2; sobre as paredes laterais, e em toda a sua extensão, sentimos ao tocar, dois cordões duros, situados abaixo da mucosa, e que são, como veremos mais tarde, os canais seminíferos que vêm se abrir no orifício vulvar, um de cada lado. A mucosa vaginal é lisa e muito congesta, e encontra-se recoberta em toda a sua extensão por aquele mesmo epitélio pavimentoso que cobre a vagina da mulher. Constatou-se a existência de pequenos folículos na espessura dessa mucosa. Perto do orifício vulvar encontram-se algu-

mas dobras circulares da mucosa, mas elas não lembram por sua disposição a existência de um hímen. No espaço existente entre as dobras do prepúcio, que retém a glândela voltada para baixo, e o orifício vulvar, encontra-se um grande número de pequenos orifícios de canais excretórios de glândulas situadas na parte inferior. Comprimindo-se levemente a pele dessa região, vemos sair por esses buraquinhos uma matéria gelatinosa e incolor que não é outra senão o muco concreto.

O ânus está situado a 3 centímetros e 1/2 da vulva e não apresenta nada de anormal. De cada lado do órgão erétil (pênis ou clitoris) e formando uma verdadeira canaletta onde se situa este último, existem duas dobras volumosas da pele que são os dois lobos de um escroto que ficou dividido. O lobo direito, bem mais volumoso que o esquerdo, contém manifestamente um testículo de volume normal, e percebe-se facilmente através da pele o cordão até o anel. O testículo esquerdo não estava completamente descido; grande parte estava ainda dentro do anel.

EXAME DOS ÓRGÃOS INTERNOS

A abertura do cadáver, vemos que somente o epidídimo do testículo esquerdo atingiu o anel; ele é menor do que o direito; os canais deferentes aproximam-se por detrás e em baixo da bexiga. Eles têm relações normais com as vesículas seminais de onde partem os dois canais seminíferos ou aferentes que são palpáveis e caminham paralelamente na mucosa vaginal até o orifício vulvar. As vesículas seminais, sendo a da direita um pouco mais volumosa do que a da esquerda, estão distendidas pelo esperma cuja consistência e cor são normais. O exame microscópico desse líquido não mostra espermatozoides, seja nas vesículas ou nos testículos. Vê-se todavia, no testículo que atingiu o anel e a vesícula correspondente, corpos arredondados

volumosos que lembram as células-mãe dos espermatozóides também conhecidas por óvulos machos de Robin. Desemrolam-se com facilidade ambos os tubos testiculares, e o microscópio nada assinala de anormal para o da direita; mas para o da esquerda que estava em parte no abdômen, os tubos são gordurosos e o parênquima do testículo tem uma coloração amarelada que inexistia no outro.

Com uma pequena cânula colocada dentro de cada vesícula seminal aplico uma injeção de leite, a fim de assegurar-me da direção dos canais seminíferos; esse leite sai por jatos através do orifício vulvar, e de cada um dos lados, como já disse acima. A bexiga, normalmente situada, é volumosa; inflada por uma injeção de água remonta à parte inferior do púbis. Nada lembra, pela forma, a presença de útero ou de ovários. Encontramos somente, bem abaixo do beco-sem-saída formado pela vagina, um plano fibroso e espesso, sobre o qual estão ligadas as vesículas seminais. Esse plano se estende bem alto por trás da bexiga e tem de cada lado a vagina fixada, lembrando até certo ponto a forma dos ligamentos largos; mas a dissecação mais atenta não permite estabelecer qualquer semelhança com um útero ou ovários. Foi, de resto, impossível descobrir qualquer orifício no fundo da vagina; ela dava de fato num beco-sem-saída.

O peritônio tinha suas relações normais com a bexiga e passava bem abaixo do beco-sem-saída vaginal, cujo fundo ele estava longe de tocar.

Constata-se facilmente na dissecação, a presença de duas glândulas vulvovaginais com o sítio e o volume que costumam ter normalmente, e seu pequeno conduto excretor vem se abrir um pouco abaixo dos canais seminíferos do esperma; comprimindo-se essas glândulas, fazemos sair uma grande quantidade de líquido viscoso.

Sobre a uretra e nas vizinhanças do colo da bexiga, encontrava-se igualmente uma pequena glândula que era seguramente uma próstata pouco desenvolvida.

Embora pareça extraordinário que um equívoco sobre o sexo de um indivíduo possa se prolongar por tanto tempo, a ciência possui um bom número de exemplos onde alguns são bastante análogos a este que agora nos ocupa. É verdade que a maior parte desses casos não foi objeto de um exame médico detalhado, e que muito freqüentemente, era uma circunstância casual que vinha dar a demonstração fisiológica do verdadeiro sexo. Lembremo-nos do caso "citado por Geoffroy Saint-Hilaire, a propósito de um monge que, apesar dos seus votos de castidade, revelou, ao dar à luz, que seu sexo não era o mesmo que o de seus companheiros de claustro". (L. Le Fort, *Vices de conformation des organes genitaur.*)

Schweikhard relata igualmente a história de um indivíduo registrado como menina e considerado como tal até o momento em que pediu para desposar uma moça que havia engravidado. Nesse indivíduo, a glande era imperfurada e a uretra se abria abaixo dela; a urina saía na direção horizontal do pênis. O autor não faz nenhuma referência a respeito do lugar de emissão do esperma.

Louis Casper, em trabalho analisado por Martini, conta que "devido a queixa de uma mulher grávida que acusava uma parteira de ter-lhe violentado e praticado com ela o ato do coito, a parteira foi examinada. Constatou-se no exame que o clitóris, embora mais desenvolvido do que o normal, não tinha dimensões suficientes para exercer o coito; que a vagina era extremamente estreita e que nela só se podia introduzir a ponta do dedo mindinho; e que existia, num dos lados, um pequeno tumor que fazia supor a existência de um testículo".

Seria fácil multiplicar os exemplos desse tipo, e seria mesmo útil à ciência que todos os documentos relativos a essa questão fossem reunidos num único trabalho que se tornasse um precioso guia para os médicos que tivessem que dar a sua opinião e pronunciar um julgamento sobre

as vítimas desse gênero de anomalia. Poderíamos concluir, diante das observações apresentadas que, se por um lado é algumas vezes difícil e mesmo impossível reconhecer no nascimento o verdadeiro sexo de um indivíduo, por outro lado, o mesmo não se dá numa idade mais avançada, e sobretudo quando se aproxima a puberdade. Revelam-se de fato, nesse momento, nas pessoas que são vítimas desse erro, as inclinações e os hábitos de seu verdadeiro sexo, cuja observação, aliás, ajudaria consideravelmente a marcar seu lugar na sociedade, caso o estado dos órgãos genitais e de suas diferentes funções não sejam suficientes para esclarecer-lhes o sexo.

Desse conjunto de observações poderíamos também concluir claramente, caso fosse ainda necessário demonstrar, que o hermafroditismo não existe no homem ou nos animais superiores.

A cirurgia é, em geral, suficientemente poderosa para remediar determinados vícios de conformação designados sob o nome de hermafroditismo, e notáveis sucessos cirúrgicos encontram-se relatados na tese de Leon Le Fort, em especial o caso de Louise D..., paciente do Dr. Huguier, cirurgia que lhe fez uma vagina artificial com absoluto sucesso. Lembremo-nos da observação feita por Béclard em 1815 sobre Marie-Madeleine Lefort que morreu em 1864 no Hôtel-Dieu. Apesar da exatidão do relatório de Béclard que concluiu que ela era mulher, durante quarenta anos não foi assim considerada pela maior parte dos médicos e cirurgões dos hospitais, que puderam observá-la nos diferentes hospitais onde ela se apresentava como pertencendo ao sexo masculino. A autopsia feita por Dacorogna, interno do hospital onde morreu Marie-Madeleine Lefort, não só demonstrou que Béclard tinha razão e que ela possuía todos os atributos próprios do sexo que ele lhe havia designado, e que não diferia das outras mulheres a não ser por um clitóris mais volumoso do que o normal e uma imperfuração da vagina que estava fechada por uma membrana pouco espessa, e que a simples incisão dessa membrana

seria suficiente para devolver o sujeito a seu sexo. Béclard havia inclusive proposto essa operação na ocasião em que fez o exame.

Durante muito tempo, recorreu-se a motivos diversos para explicar esse gênero de anomalia. Sobretudo a anomalia comparada era frequentemente citada. Depois dos belos trabalhos de Coste e outros embriogeneticistas, entretanto, é sobretudo na anatomia do desenvolvimento ou embriogenia que se vai buscar a luz necessária para resolver questões semelhantes. É de fato, o estudo da embriogenia que nos mostrar que os diferentes tempos de interrupção que sofrem os embriões é que originam as diversas deformações ou monstruosidades que chegam com frequência à nossa observação e que constituem em sua maior parte a anatomia patológica e toda a ciência das monstruosidades ou teratologia. Vou recorrer, portanto, à embriogenia para explicar o estado dos órgãos genitais externos do sujeito em questão. Segundo Coste, os órgãos genitais externos só começam a surgir a partir do quadragésimo ou quadragésimo quinto dia de gestação, ao passo que os órgãos internos correspondentes já começaram seu desenvolvimento desde os primeiros dias. Vê-se então nesse período fetal, na base do broto caudal, dentro da fenda que aos poucos se escava e que deverá se comunicar mais tarde com a bexiga, a vagina e o reto, surgir no topo dessa pequena fenda ou sulco, dois pequenos corpos arredondados que deverão dar nascimento, no homem, aos corpos cavernosos do pênis, e na mulher, ao clitóris e pequenos lábios.

Essas duas pequenas protuberâncias se unem pela borda superior e formam entre as bordas inferiores que ficam livres, uma pequena canaleta que deverá persistir na mulher, mas que se transformará num canal completo no homem, constituindo a uretra. A ausência de união das bordas livres dessa fenda ou canaleta no homem estabelece o vício de conformação que designamos sob o nome de hipospádia, o que é o caso do sujeito que estudamos.

Abaixo das pequenas protuberâncias a que acabo de me referir, desenvolvem-se logo duas outras que deverão formar a bolsa escrotal no homem ou os grandes lábios na mulher. É, portanto, a não reunião dos dois lobos do escroto que constitui o que designei sob o nome de grandes lábios no sujeito em questão.

A analogia que podemos estabelecer entre as diferentes glândulas existentes na vagina da mulher e as existentes na uretra do homem, nos autoriza perfeitamente a afirmar que as glândulas vulvovaginais de nosso sujeito não eram outras senão as glândulas de Cowper, ou glândulas bulbouretrais; as que existiam na vagina que terminava em beco-sem-saída eram as glândulas da uretra do homem; esse beco-sem-saída vaginal não era outra coisa senão o canal da uretra que deveria estar existindo em seu estado normal.

O professor Courty, que muito se ocupou das análogias orgânicas existentes nos diferentes aparelhos, justifica de um modo bastante claro e verossímil as que estabelecem entre a porção membranosa da uretra do homem e a vagina da mulher: "A vagina, na realidade, se desenvolve dentro do blastema intermediário ao reto e a bexiga, imediatamente abaixo da aponevrose perineal média, através da formação, dentro de um septo vesicorretal, de um canal que vai ao encontro da fenda vulvar por um lado, e do colo uterino por outro. É exatamente no mesmo ponto e de maneira idêntica que se forma a porção membranosa da uretra do homem em frente da crista uretral (apoio dos dois ductos espermáticos) atrás da fenda ou canaleta pe-niana que não tarda a se converter em canal através de uma soldadura inferior estendida até o bulbo inclusive.

"Dessa analogia, confirmada além disso por outros tipos de prova que não desejo reproduzir aqui, decorre uma consequência que somente à primeira vista parece paradoxal, a saber, que no homem não há um canal da uretra propriamente dito, ao passo que na mulher ele de fato existe. No homem, o canal por onde corre a urina da bexiga

externamente não é outro senão o análogo do canal colporvular da mulher, só que desenvolvido de outra maneira e acomodado para outros usos. No homem as vias urinárias propriamente ditas terminam no colo da bexiga. O canal que lá se segue, por sua origem e finalidade pertence ao aparelho genital. Pode-se dizer que ele é acima de tudo o propulsor da semente. Ele *consente* apenas a excreção da urina, que o percorre de uma extremidade a outra passando sucessivamente pelas porções prostáticas (colo uterino) membranosas (vagina), e bulbo-esponjosas (vestíbulo); uma nova prova das diferenças de estrutura ou de destinação que a natureza sabe imprimir nos órgãos fundamentalmente idênticos¹."

A situação dos canais seminíferos do sujeito em questão corrobora a teoria de Courty; vemos, com efeito, que no desenvolvimento normal desse uretra transformada em vagina, o orifício externo desses pequenos canais corresponderiam à situação do verumontano.

Dentre as questões médico-legais que uma observação como a de Alexina pode levantar, há aquela em que um perito é chamado a pronunciar-se sobre a capacidade de casamento e reprodução. Seguramente já experimentamos o embaraço de termos que nos pronunciar sobre tal questão; mas não creio que depois de um exame sério dos órgãos genitais estejamos suficientemente autorizados a opinar pela negativa de um ou de outro caso.

Se a procriação é o fim natural do casamento, Alexina era portadora dos órgãos característicos de seu sexo e portanto suas funções se exerciam. A disposição dos canais seminíferos não permitia que a semente fosse levada diretamente ao fundo da vagina; mas hoje sabemos que a fecundação pode se produzir ainda que o líquido seminal impregne apenas a entrada da vagina. A ciência possui numerosas observações de pessoas com hipospadias em que o orifício uretral externo era mais ou menos próximo da

¹ A Courty, *Maladie de l'utérus et de ses annexes*. Paris, 1867, in 8º, p. 37.

bolsa escrotal, que se tornaram pais de diversas crianças. Nesses casos, a autenticidade da paternidade era demonstrada pela transmissão hereditária dos vícios de conformação, que as vítimas dessa doença passavam para seus filhos. O líquido seminal tomado da vesícula que correspondia ao testículo descido no sujeito em questão, não continha espermatozóides; com mais razão ainda, o esperma retirado da vesícula do testículo que permaneceu dentro do anel era igualmente desprovido de espermatozóide¹, e essa parece ser a regra para os testículos que não realizam sua migração completa; mas esse estado de coisas podia perfeitamente ser apenas temporário para o testículo completamente descido de Alexina, e seria possível que se constatasse num outro momento a presença de espermatozóides em seu líquido seminal. Sabemos muito bem que entre os homens totalmente sadios, há algumas vezes uma ausência temporária de espermatozóides que se dá por uma influência qualquer, e que podem reaparecer em seguida. Esse poderia ser o caso do sujeito que estudamos. Contrariamente ao caso de Follin, as numerosas e interessantes observações de monoquidua relatadas por E. Godard demonstram de uma maneira constante a presença de espermatozóides no líquido seminal de indivíduos que tinham apenas um testículo na bolsa escrotal.

1 Follin relatou igualmente a observação de indivíduos que não tinham senão um testículo no escroto e nos quais não se encontrou nenhum espermatozóide nem de um lado e nem do outro. (Veja também as pesquisas de Godard, *Sur la monorchidie et la cryptorchidie*, I vol. in 8º, 1860, e *Comptés rendus et mémoires de la Société de biologie*, 1859, com estampas.

IMPrensa

L'Écho Rochelais, 18 de julho de 1860.

Como não se fala em outra coisa nessa cidade, a não ser numa estranha metamorfose, extraordinária na fisiologia médica, diremos algumas palavras a esse respeito, após informações recebidas de boas fontes:

Uma jovem de vinte e um anos de idade, professora considerada tanto pelos elevados sentimentos de coração quanto por sua sólida instrução, viveu inocente e modestamente até hoje na ignorância de si mesma, isto é, acreditando ser o que parecia na opinião de todos, apesar de ter, para as pessoas experientes, particularidades orgânicas que primeiro causaram o espanto, depois a dúvida, e finalmente a luz; mas a educação cristã da jovem moça era a inocente venda que tapava a verdade.

Enfim, recentemente, uma circunstância casual veio lançar uma certa dúvida em seu espírito; fez-se um apelo à ciência e um erro no sexo foi reconhecido... A moça era simplesmente um rapaz.

Indépendant de la Charente-Inférieure, 21 de julho de 1860.

Não se fala em outra coisa em La Rochelle a não ser na estranha metamorfose de uma professora de vinte e um anos de idade. Essa jovem, estimada tanto por seus talentos quanto por sua simplicidade, apareceu de repente, a se-

mana passada, vestida de homem na igreja de Saint-Jean, entre sua mãe e uma dama das mais estimáveis da cidade. Algumas pessoas na missa, surpresas com tal inversão num lugar como aquele, e em tal companhia, começaram a ficar inquietas e retiraram-se da igreja para espalhar a notícia. Logo todo o bairro ficou agitado; formaram-se grupos; todos procuravam em vão a chave do enigma entregando-se às conjecturas mais bizarras; as histórias mais estapafúrdias circularam em toda a cidade, mas a fina-flor dos fofoqueiros desabrochou inteiramente, sobretudo no bairro de Saint-Jean, onde sabemos que o solo lhe é dos mais favoráveis. Para evitar a possibilidade de nos confundirmos em meio aos boatos mais diversos que chegaram aos nossos ouvidos, nos abstivemos de entreter nossos leitores com os fatos antes de conhecê-los bem. Eis o que resulta das informações obtidas de boas fontes:

Trata-se de uma dessas aparências enganadoras do sexo em que determinadas particularidades anatômicas podem sozinhas dar a explicação. Os livros de medicina contêm diversos exemplos do caso. O erro se prolonga ainda mais na medida em que uma pia e modesta educação lhe mantém na mais honrosa ignorância. Um dia, casualmente, determinadas circunstâncias fazem nascer a dúvida em seu espírito; faz-se um apelo à medicina, o erro é reconhecido, e através de um julgamento o tribunal retifica o nascimento nos registros do estado civil.

Eis toda a história. Nada mais diremos a respeito de nossa jovem professora, mas de nosso jovem compatriota: história bem simples que só pode conquistar a estima e o interesse de todos aqueles que o conhecem.

DOCUMENTOS

Departamento da Charente-Inférieure
Cidade de La Rochelle

Nós, prefeito da cidade de La Rochelle, cavaleiro da Legião de Honra, sob o testemunho dos senhores Loyzet, Bouffard, e Basset, todos três membros do Conselho Municipal.

Certificamos que a senhorita Herculine Adélaïde Barbin, nascida em Saint-Jean d'Angély, departamento da Charente-Inférieure, aos 7 de novembro de 1838 é íntegra em seus costumes e digna, por sua moral, de se dedicar ao ensino primário.

Libramos de acordo com o artigo 4 da lei de 28 de junho de 1833, sobre a instrução primária, o presente certificado para que sirva a quem de direito for.

La Rochelle, 9 de julho de 1856
O Prefeito

Eu, abaixo assinado pároco de Saint-Jean de la Rochelle, certifico que a senhorita Alexina Barbin, minha paroquiana, sempre se comportou, sob todos os aspectos, da maneira mais edificante.

Padre Guilbaud
La Rochelle, 7 de julho de 1856

Senhor Inspetor,

O senhor nos fez acreditar que teríamos a honra de sua visita o mês passado. Eu me havia proposto a apresentar-lhe a senhorita Alexina Barbin, para que fosse incluída entre as alunas bolsistas, pois sua aplicação, inteligência e boa vontade me fazem esperar e me dão a certeza de que em um ano ela será capaz de obter seu diploma. Considere senhor Inspetor, a triste situação de sua mãe e peça ao senhor Prefeito que conceda a essa jovem o lugar deixado vago pela senhorita Rivaud que está em nossa casa na qualidade de professora auxiliar.

Nossas alunas trabalham com ardor, especialmente na ortografia usual. Estou empregando todos os meios que o senhor teve a bondade de me indicar, e as faço decorar as palavras do dicionário. Seja bom conosco, senhor Inspetor, e venha logo nos dar seus úteis conselhos. Teremos prazer em segui-los à risca a fim de obter de nossas alunas um melhor resultado.

Aceite o profundo respeito daquela que tem a honra de ser sua muito humilde,

Irmã Marie Augustine

f. d. l. s.

20 de novembro de 1856

☆

Prezada Superiora,

Todos os dias prometo a mim mesmo o prazer de ir entreter-me com a senhora, mas a cada dia sou obrigado a adiar minha ida devido ao trabalho que me absorve todos os minutos.

Fico feliz em saber que as alunas usufruem de suas excelentes lições, e não duvido que nos próximos exames elas compensem o fracasso que nos causou tanta inquietação.

136

Conheço a situação digna de interesse da senhorita Barbin, e muito me alegra saber que ela fez progressos; não duvido que o Prefeito lhe conceda uma bolsa o quanto antes.

Aceite, etc.

☆

Senhor Inspetor,

Soube, através de minha boa mestra, da disposição benevolente com que o senhor deseja se encarregar de minha admissão o quanto antes entre as alunas bolsistas. Rogo-lhe, por esse motivo, que peça ao senhor Prefeito que minha nomeação seja feita para o dia 1º de janeiro. Minha mestra não corrigiu essa carta, a fim de que o senhor pudesse avaliar por si próprio meus conhecimentos.

Tenha, senhor Inspetor, a certeza de meu profundo respeito e gratidão.

Sua muito humilde serva,

Alexina Barbin

Le Chateau, 18 de dezembro de 1856

☆

Senhor Inspetor,

A senhorita Couillaud escreveu-nos dizendo que retornou a Saintes como professora-auxiliar do mesmo internato em que esteve antes dos exames. Temos agora, desde as férias, apenas onze alunas bolsistas. São elas: senhorita Clariisse Bonnin, Offélia Masseur, Céline Peslier, Rosa Bouchaud, Elisa Pellerin, Elisa Jaquaud, Françoise Menant, Clémentine Murat, Adèle Besson, Marie-Thérèse Turaud e Amélie Lemarié. Espero, senhor Inspetor, que o senhor possa completar o número de bolsistas admitindo a senhorita

137

Barbin, cuja capacidade o senhor já teve a oportunidade de conhecer.

Lamentamos, senhor Inspetor, que suas numerosas ocupações nos privem por tanto tempo da honra de uma visita.

Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito, sua muito humilde serva,

Irmã Marie Augustine
f. d. l. s.



N.º 145 Nascimento de Adélaïde Herculine Barbin

No ano de mil oitocentos e trinta e oito, mês de novembro, às três horas da tarde, tendo em nossa presença Jean Baptiste Joseph Marie Choppy, Prefeito e oficial do estado civil do povo de Saint-Jean d'Angély, território de Saint--Jean d'Angély, departamento da Charente Inférieure, compareceu Jean Barbin, com vinte e dois anos de idade, domiciliado em Saint-Jean d'Angély, profissão de vendedor de tamancos, quem nos apresentou uma criança do sexo feminino, nascida à meia-noite do dia anterior na casa dos pais, na Rua de Jélu, do casamento legítimo do declarante com Adélaïde Destouches, com vinte e dois anos de idade, sem profissão, domiciliada nesta cidade, a quem eie deu o nome de Adélaïde Herculine, as ditas declarações e apresentações feitas na presença de Jacques Destouches, avô materno da criança, com cinqüenta anos de idade, domiciliado em Saint-Jean d'Angély, profissão de vendedor de tamancos, e de Jean Baptiste Lebrun, com vinte e cinco anos de idade, domiciliado em Saint-Jean d'Angély, profissão de marceneiro, e os declarantes e testemunhas assinaram conosco o presente ato após ter sido feita a sua leitura, com exceção da primeira testemunha que disse não saber assinar.

A margem do documento traz a seguinte retificação:

Por julgamento do tribunal civil de Saint-Jean d'Angély datado de 21 de junho de 1860, ordenou-se que o ato acima fosse retificado no seguinte sentido:

- 1) que a criança aqui mencionada seja designada como pertencendo ao sexo masculino.
- 2) e que o nome de Abel seja substituído ao de Adélaïde Herculine.

Saint-Jean d'Angély, 22 de junho de 1860

pais vinham todos os domingos de suas propriedades em carruagens atreladas por dois ou quatro cavalos e deixavam para suas filhas uma quantia destinada a frutas e doces. Por outro lado, o voto de obediência era estritamente exigido — as meninas tinham todas entre quatorze e dezoito anos de idade — bem como o voto de castidade. Voltaremos mais tarde a esse ponto que não é de modo algum indiferente à presente história.

Para começar, passemos brevemente em revista os personagens do drama — que o leitor, após a leitura, chamará de tragicômico. Havia em primeiro lugar o abade de Rochouart, comumente chamado de Abade, ou simplesmente de *Monsieur*, uma vez que era o único homem no estabelecimento, além do jardineiro e do empregado que fazia os trabalhos pesados. Era um eclesiasta requintado, altamente culto e pertencia à antiga nobreza; tinha aproximadamente cinquenta anos, prezava suas comodidades e ocupava mais propriamente uma sinecura que um cargo de trabalho. A ele cabiam as obrigações para com a capela do convento, ainda que ajudado por um sacristão. Tinha ainda autoridade sobre a pequena igreja do vilarejo de Breaugard, vizinha, praticamente, às edificações do convento. Assim, *Monsieur* ocupava uma posição sobretudo honorífica; tinha fortuna e podia dedicar-se sem reservas à paixão pelos livros. Não era exatamente a sede de conhecimentos que o impelia; apreciador como era, abria hoje tal livro, amanhã um outro, para aí escolher alguns pensamentos e fazer deles a base de seus gracejos do dia. Seu domínio específico era a teologia; naturalmente os clássicos não estavam ausentes de suas estantes, como também não faltavam, entre eles, algumas obras eróticas. Não que *Monsieur* fosse sensual — tinha o aspecto por demais bonachão e o corpo muito pesado. Tampouco escrevia, contentava as teses de São Tomás de Aquino ou propunha qualquer modernização para os exercícios espirituais das escolas conventuais. De natureza calma e sublimemente contida-se com o que cada dia lhe pudesse trazer; em suma, era um desses eclesiastas que se encontram nos romances

UM ESCÂNDALO NO CONVENTO

Oscar Panizza

EM 1830, o convento secularizado de Douay, na Normandia, retomou de certa forma sua primeira função, tendo o governo autorizado a instalação de um estabelecimento de ensino para meninas em suas vastas e esplêndidas salas, sob a alta direção espiritual de um abade que assistia a um número considerável de alunos; na verdade, dominicanos, a quem o convento pertencera outrora. Na época, desejava-se fazer algumas concessões a tão sofrida nobreza francesa; se lhe permitia obter no campo o que lhe era impossível obter nas cidades grandes (as quais ela evitava) sobretudo em Paris, a saber: consideração, esplendor representativo, e principalmente uma certa influência sobre as instituições regionais e sobre a população. Essa influência era, naturalmente, recoberta por um recrutamento do pensamento católico. E era com a concordância absoluta das damas patronesses do instituto que as meninas, desde o primeiro ano de seus estudos, faziam uma espécie de voto. Tal voto era considerado, antes de tudo, uma prova de distinção, e dava um gosto prévio da verdadeira vida monacal àquelas que, pertencendo a um nível muito baixo das finanças da nobreza, preferissem um dia talvez usar definitivamente o véu. Eis por que se faziam os votos. Dos três votos correntes, não se podia naturalmente exigir o voto de pobreza por parte das meninas cujos

de Cherbuliez, um bom e bravo caminhante pelos vinhedos do senhor, que não se queixa da qualidade das uvas mas tampouco contribui para o melhoramento das cepas, deixando brotar e crescer tudo que assim deseje. Tinha a fronte baixa, o cabelo curto e espesso, pequenos olhos pacíficos, faces bem cheias, uma boca extremamente delicada; era atarracado de estatura e falava de modo breve e preciso, sem qualquer ênfase. Nada tinha de pregador; não trabalhava senão em silêncio e para si próprio. Sua aparência era sempre impecável.

Vinha em seguida a Superiora, chamada via de regra simplesmente de *Madame*, a diretora do instituto. Pertencia a uma velha família normanda, os *Vrémy*; portava o hábito das Dominicanas. Era extremamente ativa, de idade entre quarenta e cinquenta anos, muito refinada e digna. Sempre que as mães condessas vinham em visita para acertar alguma questão, faziam-lhe a reverência, o que ela exigia expressamente, pois, à parte seus títulos de nobreza, acumulava ainda a posição de abadesa. Sobre a roupa da ordem, de cor creme, usava sempre uma grande cruz de ouro, presenteadas pelo Papa. Hierarquicamente estava sob os ordens do abade, mas de fato sua posição era bem superior a dele; era ela quem dirigia todos os negócios do instituto, mesmo os mais complicados, poupando assim seu superior espiritual, a quem agradava o descanso, de uma grande parte do trabalho. Além disso, suas relações com ele eram excelentes, e até mesmo íntimas. *Madame* passava horas no quarto do abade e, quando a sós, tagarelavam familiarmente, em voz baixa. Mas nesses encontros não se insinuava o menor traço de sensualidade, a menor inclinação, que fosse, de origem sensual. As razões eram as mesmas, de ambas as partes: *Monsieur* possuía uma natureza calma, meditativa; *Madame*, de aguda inteligência, tinha o coração frio e, em sua idade, estava inteiramente dominada pela razão. Amava apaixonadamente a leitura de obras mundanas; à parte as da biblioteca do abade, na qual só ela tinha o direito de remexer, recebia

todo mês uma grande encomenda, vinda de Paris. As criadas que à noite preparavam-lhe o quarto para dormir encontravam-no sempre tomado por uma leve fumaça azulada. Era de se notar que, ainda que não desse aulas particulares e não comparecesse senão à reza matinal e aos officios da igreja, *Madame* recebia e mantinha longamente em seu quarto numerosas internas principalmente as mais jovens. De resto, a Superiora não se mostrava muito; fazia seus comunicados orais através das oito irmãs da Ordem e tornava conhecidas suas deliberações através das serventes. Seu espírito invisível comandava tudo o que se passava em torno de Douay e bem além de Beauregard.

A senhorita Henriette de Bujac era a sobrinha da senhora de *Vrémy*, Superiora do convento. Era uma jovem de cerca de dezessete anos, bonita e muito geniosa; chamavam-na mais comumente apenas Henriette; tinha os cabelos escuros, em pequenos cachos — num penteado *à la Titus*, como se dizia então —, olhos negros cheios de fogo, um corpo esbelto, talvez um pouco magro, a imaginação fértil. A bem dizer, ela escapava aos regulamentos do convento. Não havia sido aceita ali senão por consideração à sua situação familiar — uma velha tia sujeita a convulsões não podia mantê-la em sua companhia — e pelo seu parentesco com a senhora de *Vrémy*. Chamavam-na “o diabo branco”, por causa dos numerosos vestidos brancos, ou de cor creme, que trouxera consigo (ela pertencia às mais ricas famílias) e também por seus gestos, seu modo de falar sublinhado por expressiva mímica. Era ela, naturalmente, a mocinha voluntariosa de *Madame*, a traquina insuportável do quarto do senhor abade. Mas aí terminavam as alianças que a favoreciam na eterna luta dos ciúmes e preferências que fazem a vida dos conventos de mulheres. Pois estava cercada das oito irmãs da Ordem, que nada tinham a aprender com ela sobre a maldade feminina de quem a própria Henriette nada queria ouvir acerca da disciplina ou dos ensinamentos habituais. Esse ódio se concentrava principalmente na Primeira Irmã (quase sem-

pre chamada simplesmente de Primeira), quarta personagem de nossa comédia, mulher inteligente, de bom senso, e que pertencia também à nobreza. Era a professora mais importante e a segunda dama do convento, depois da Superiora — e presumia-se mesmo que sucedera, um dia, à abadessa. Henriette era igualmente detestada por quase todas as suas companheiras mais jovens, em primeiro lugar por sua idade, suas roupas, suas maneiras desenvoltas e, finalmente, pelas inúmeras liberdades que tomava na casa.

Quais eram exatamente as relações entre Henriette e a senhorita Alexina Besnard, verdadeira heroína de nossa narrativa? O que segue no-lo dirá, logo que tenhamos esboçado seu retrato. Esta jovem, da mesma idade que Henriette e uma das mais notáveis internas da casa, era a aluna mais estudiosa e melhor dotada, a honra do estabelecimento, no entender de muitas famílias, o modelo dos progressos que se podia fazer em Douay. Alexina era filha de gente pobre; desde sua infância mostrara-se determinada e precoce, tendo recebido prêmios na escola da aldeia, sendo surpreendentemente dotada em matemática e línguas estrangeiras. Aprendia tudo com extrema facilidade, como se brincasse, e com a mesma facilidade instruía as meninas mais novas. Era, com relação a isso, considerada um verdadeiro fenómeno. O cura da aldeia conhecia seus dons extraordinários e foi com recomendação calorosa de sua parte que os pobres pais, acompanhados da jovenzinha, bateram um dia à porta do convento. Lá, depois de um breve exame, reconheceu-se seus méritos. Alexina foi aceita gratuitamente e, ao final de um ano, todos estavam de acordo sobre a importância de desenvolver seus talentos incomuns e torná-la uma educadora. Apenas uma coisa Alexina não aprendia bem e repelia, mesmo, com desgosto: os trabalhos manuais — o que, na verdade, não tinha importância, já que para uma só matemática se encontram dez bordadeiras. Mas qual a aparência de Alexina? Ela tinha um aspecto estranho, bizarro. Grande e esbelta, caminhava com largos passos rápidos e suas roupas se movimentavam sempre des-

graciosamente; seu rosto era magro e teria parecido quase desagradável se sua expressão dominadora, penetrante e que parecia tudo ver não fosse, apesar de tudo, fascinante, e se um belo nariz aquilino não traísse a região inusitada, na qual se moviam seus pensamentos. A vestimenta que ela trajava no convento não deixava adivinhar nada de suas formas, mas era pouco provável que tivesse um corpo de Afrodite, ainda mais que nada fazia para se enfeitar, não usando rendas, golas, penteados e desejando ardentemente, dizia ela, receber um dia o uniforme do convento. Sua voz, aguda e clara, feita para comandar jovens alunos, fazia-se notar no coro quando, às vezes, mudava bruscamente e passava a contralto. De um modo geral, Alexina reunia em si uma infinidade de inclinações e capacidades. Sabia monopolizar à vontade a atenção de seus circundantes — verdadeiras andorinhas frente a um espelho — e deles retirar tudo que pudesse servir a seus desejos.

Foi por esta moça pobre, estranha, seca, pouco tolerante e que para fazer frente às outras pensionistas não podia pôr na balança senão seus notáveis dons intelectuais, que Henriette, a jovem aristocrata rica e refinada, se tornou de amizade desde os primeiros dias de sua entrada no convento. Ao final de um ano haviam se tornado inseparáveis e a iniciativa dessas relações íntimas e bastante estranhas, provinha, sem dúvida, da jovem de Bujac. Ora, Henriette era uma moça boa, inclinada à compaixão e não teria sido impossível que a pobreza e situação peculiar de Alexina no convento tivessem sido as principais razões para que esta se aproximasse da família da amiga. Mas era justamente da riqueza, dos gastos, das roupas de Henriette que Alexina não podia ou queria usufruir; este não teria sido um vínculo suficientemente sólido para manter ligadas intimamente as duas jovens. Por sua vez, os conhecimentos e capacidades intelectuais de Alexina não tinham no caso nenhum peso, já que de maneira alguma impressionavam à despreocupada, alegre, jovial — à preguiçosa Henriette, cujos progressos não se mostravam mais no fim

do que no começo. Em contrapartida, a simpatia — esse vínculo já tão misterioso na vida habitual e cujos ardis são difficilmente explicáveis —, a simpatia, ela a comprehendia. Mas como esse vínculo é frágil e ténue quando se trata dos sentimentos extravagantes dos jovens, e como se rompe facilmente!

Se incluirmos ainda certo número de criadas, alunas, noviças com seus escapulários, teremos passado a vista pelo pessoal do estabelecimento. E agora, podemos iniciar nossa história aos 20 de junho de 1831, dia que os muros do convento de Douay não esqueceram, noite no decurso da qual as cem ou cento e vinte internas se encontravam no leito, sem exceção, o coração batendo, a mente cheia de pensamentos. Mais uma noite e na manhã seguinte se iria revelar um dos fenômenos naturais mais notáveis, mas também uma das mais terríveis catástrofes.

O abade estava em seu quarto; havia tomado seu café matinal e repousado a xícara sobre a mesa. Ele não fumava — apenas lia; à guisa de cigarro matinal, lia os *Theologiae moralis libri sex* de Ligouri. Nenhum outro domínio lhe era mais familiar que o da teologia moral. As dissertações sobre o assunto, de Busembaum, Ribadeneira, Sanchez se encontravam perto dele em belas edições de pergaminho, comprimidas umas contra as outras. Era o próprio abade muito moral em sua vida particular? Não se saberia responder a essa questão, que ademais não tem nenhuma relação com a nossa ocorrência. *Monsieur* lia as obras sobre moral tão naturalmente quanto alguém que vai à caça, sem ser perguntado se gosta ou não de matar animais. Examinava de bom grado os conceitos morais, brincava com as virtudes cardinaes, tirava de seus tratados, à guisa de negros tubos de ensaio, alguns vícios que inculcava, na imaginação, no coração de pessoas desconhecidas. Deixava-os então agir, para ver o que dali resultaria.

Não saberíamos dizer que capítulo de Ligouri *Monsieur* lia, ainda que nos esforçássemos em decifrar o texto por sobre seu ombro, pois os caracteres de impressão do século

XVII, sobretudo nas edições lionesas, são muito reduzidos e mal modelados. Mas a passagem devia ser de seu agrado, pois ele piscava os olhos e passeava o indicador em torno do nariz, o qual, aliás, não estava muito longe do livro. Dissemos antes que o abade não tinha natureza sensual, mas não se deve tirar disso falsas conclusões. Ele tinha um ar sublimado e sempre que alguma coisa lhe caía sob os olhos, fazia uma pausa. Talvez lesse justamente *De Veracundia*? Nesse caso, não lhe interessaria o pudor em si, mas as ténues diferenças que ele apresenta com relação à “*castitas*”? Não seria o pudor meio envergonhado, tal como se manifesta, por exemplo, entre as criadas, o objeto de seu interesse. Procuraria ele antes desvendar o modo pelo qual podia se exprimir esta virtude no céu, entre os anjos.

Já que não podemos saber que capítulo *Monsieur* estudava, observemos ao menos o que havia em seu quarto. Era uma peça clara e agradável, em que o sol da manhã atravessava a janela, perto da qual se collocava a grande escrivaninha do distincto eclesiasta; pesados reposteiros verdes ornamentavam uma extremidade; sobre o assoalho, uma pele de tigre reluzente acolhia em suas dobras os pequenos sapatos de fivela do abade; mais atrás, um grande biombo de seda dividia a peça em duas; perto de uma terceira janela, quatro ou cinco prateleiras estendiam-se ao longo da parede, abarrotadas de volumes, cujas numerosas lombadas amareladas, de pergaminho ou couro, faziam julgar que guardassem, certamente, denso material teológico. Acrescentemos um pequeno genuflexório e duas portas lado a lado, uma conduzindo aos aposentos de *Madame*, outra levando ao corredor. Havia ainda algumas flores num vaso, uma chaminé entre duas janelas, ornada de estátuas. Deixamos para o final o detalhe mais curioso: um odor peculiar, extravagante, como o que emana dos aposentos de certas pessoas e que se nota desde a entrada; um odor feito da mistura de uvas secas, tinta de imprensa, pó insecticida e do suor *sui generis* do prelado. Como um vapor espesso e inextinguível, esse cheiro pairava no quarto

Enquanto o abade mergulhava nos problemas morais levantados por Ligouri, as jovens pensionistas do terceiro andar vestiam seus calções, deslizavam os pés calçados de chinelos até às penteadeiras ao lado de cada cama; faziam jorrar água fresca sobre suas nuças delicadas, esfregavam um pouco as faces e a testa, lançavam para trás os cabelos que lhes caíam por sobre os ombros, debruçavam-se e voltavam a endireitar-se como "is". Eram exatamente sete horas, hora do levantar. *Monsieur* se levantava cedo, pois tinha que rezar a missa. Em todo o dormitório não se viam senão restos de vela e reflexos brancos, braços, nuças peroladas, calções e camisolas de um branco radioso e, às vezes, pequenos pontos cintilantes nas bocas abertas. Ouviam-se por toda parte rumores farfalhantes e deslizantes; o ruído das mocinhas a se vestir ou despir, do pôr de ligas e de outros roçares variados, enchia a sala. Fora isso, tudo estava calmo, pois esses jovens espíritos estavam ainda presos às malhas do sonho, o que impedia cochichos e tagarelices.

Mas o que se passava nesta mesma hora com a Superiora? Sem dúvida já havia levantado e bebia seu chocolate, envolta num roupão bordado de cruces, corações e cravos-da-paixão. Tratava de dispersar em seu quarto aquela fumaça azulada que as criadas sempre encontravam, achando que provinha do incenso usado por *Madame* em sua reza da manhã. Talvez dirigisse as mãos ao pacote vindo de Paris, que já estava aberto sobre a mesa, e pegasse um pequeno *in-octavo* para começar a ler — ler até que o sol estivesse alto. Pois *Madame* não participava da reza matinal que reunia, antes do café da manhã, os habitantes do convento. Pela manhã não se punha disponível a nenhum dos encargos administrativos e naquele dia teria estado em seu roupão a ler até o final o pequeno *in-octavo*, se uma voz flauteada mas incisiva não se tivesse elevado perto dela para fazer a mais estranha das comunicações.

Nesse mesmo instante sessenta ou oitenta moças, cujas pálpebras estavam ainda pesadas de sono, desciam a escadaria batendo os sapatos ou arrastando os pés, em direção à grande sala do andar térreo onde se fazia a reza da manhã, que antecedia o desjejum impacientemente espe-

rado: pão branco com muita manteiga e café servido com moderação. Já na descida e durante a reza, mas principalmente no decurso da refeição matinal, quando as pequenas bocas ensaiavam suas primeiras tagarelices do dia, percebiam-se murmúrios, cochichos e gesticulações que, àquela hora ensolarada da manhã, não eram habituais. E quando, enfim, após a refeição, grandes e pequenas se entregavam ao trabalho e as salas viam florescer a aritmética, as lições de memorização, os clássicos, as redações, a caligrafia, percebia-se que uma excitação incomum tomava conta de todo o grupo, que um fermento de intensa atividade borbulhava nas cabeças e corações; todos os olhos brilhavam, todas as faces estavam em fogo. E como a Primeira Irmã ao invés de deter, com um só gesto de mão, as "revoltadas do palácio" — como poderia fazer — deixava, sorridente, as coisas tomarem seu curso, não nos surpreendamos por ter acontecido o que tinha que acontecer.

O abade, agora acomodado sobre a pele de tigre, continuava a ler Ligouri, em *Theologiae moralis libri sex*. Já havia, há muito, tomado seu desjejum. Tampouco ele participava da reza da manhã. De repente, atrás da porta que dava para o corredor, ouviu sussurros e uma estranha movimentação; deu-se em seguida uma espécie de estalido, como se uma avalanche de pequenos dentes se entrechocassem, tudo por entre o esfregar de sapatos, um barulho enlouquecido, empurrões, gritos estridentes, risos abafados e "psius". *Monsieur* conhecia esses gritos, quando nos dias quentes de verão, às duas da tarde, trinta ou quarenta pensionistas postavam-se ruidosamente ante sua porta até que ela se abrisse. O bando inteiro caía então de joelhos, as mãos postas, gritando: "Queremos férias de verão!". Mas àquela manhã não fazia calor, não eram tampouco duas, mas nove horas e ninguém podia saber se o dia seria quente ou não. *Monsieur* continuava a ler, o indicador direito pousado sobre a saliência do nariz. Era seu costume prolongar o desjejum moral com Ligouri, ou São Tomás de Aquino, até o meio-dia. Mas desta vez se levantou, pois a porta estava prestes a ser arrombada. Ela finalmente se abriu e toda a *troupe* de meninas irrompeu, em uniformes

cinzentos e laços de tule branco sobre os ombros, os cabelos desarrumados escondidos sob delicadas toucas amarelas. Elas gritavam, cheias de indignação, inclinando-se para frente estendendo as mãos e esfregando-as uma contra a outra. Tudo que *Monsieur* pôde compreender nessa confusão foram os nomes de Henriette e da "Mestra". As meninas haviam decidido entre si chamar Alexina, de mestra, pois se havia recentemente confiado a ela algumas horas de ensino nas turmas iniciais. O apelido, aceito por todas, permaneceu e parecia assim a feliz premonição do cargo que no futuro lhe caberia no convento. Mas tal nome tomaria de súbito um outro valor... Assim, *Monsieur* continuava a distinguir sempre as mesmas palavras: Henriette e Mestra. O abade terminou por exigir silêncio e perguntou a uma das alunas mais velha o que se passava. Ela então fez a acusação: naquela manhã, à hora de levantar, no dormitório das mais velhas, fora encontrada Henriette, a sobrinha de *Madame*, dormindo na mesma cama que Alexina, sua amiga íntima; suas mãos e corpos estavam entrelaçados; a cama de Henriette, colocada numa outra fila, estava vazia. Uma das mais velhas, que por acaso se levantara antes da hora, para satisfazer a uma necessidade premente, as tinha visto, mas não se detivera; encontrara-as na volta na mesma posição. Havia então acordado outras companheiras que, acudindo, constatarem o fato. O barulho e os risos tinham acordado ainda outras alunas, até que, finalmente, a metade do dormitório se reunia em torno das duas adormecidas. Suspenderam-se então as cobertas e coisas horríveis foram vistas! Alexina e Henriette haviam despertado, desembraxando-se aos gritos.

Todas as meninas, enrubescidas, tinham somado seu grão de sal à narrativa. Fez-se então uma pausa. *Monsieur*, que trazia ainda seu Ligouri na mão esquerda, a página marcada com um dedo, enquanto o polegar esquerda acariciava uma lapela da batina, contentou-se em emitir um "E então?", como se quisesse dizer: "Final, o que significa isso?" As garotas se precipitaram então sobre ele, as mãos para o ar, gritando em uníssono: "Mas isso é vergonhoso, é terrível, é sujo, é tudo, enfim, o que o senhor quiser!"

Cabia a elas, sem dúvida, o direito de se exprimir assim, sem diminuir a enorme distância que as separava de seu diretor e padre. *Monsieur* possuía, pode-se dizer, as costas largas demais para que aqueles pequenos muros o pudessem atingir. E se por um lado ele representava, para uma dezena de jovens de severos sentimentos religiosos, algo assim como o Bom Deus, não deixava de ser, por outro, o Bom Pai, sabendo dar provas de boa vontade, apesar da alta posição. Era justo que nas questões femininas tivessem as jovens o direito de exprimir suas opiniões usando os piores termos e uma forte dose de emoção. Mas daquela vez, havia tocado ao abade a presença das maiores, que se mantinham por trás, com expressões embaraçadas. Novamente abriu-se a porta e entrou, então, a Primeira Irmã, com a face transformada — de forma talvez um pouco excessiva. Tomou de joelhos aos pés do abade, cobriu o rosto com as mãos e uma gola do hábito e gritou, soluçando: "Oh, senhor, é vergonhoso!" O abade acalmou a Primeira, de quem gostava muito, com um "Mas afinal, o que houve?" e levantou-a do chão. Henriette e Alexina estavam desaparecidas, respondeu ela, não haviam estado na reza nem no desjejum. Coisa que, juntamente com os mexericos que corriam então pelo convento fazia pensar numa falta grave, de importância especial. Nesse instante, ainda outras meninas se insinuavam pela porta entreaberta, trazendo novidades conseguidas, segundo elas, através das criadas. Pela abertura da porta percebia-se agora a criadagem, figuras iluminadas por uma alegria maldosa, orelhas espichadas para saber se suas estórias haviam sido fielmente reproduzidas: Alexina fora encontrada de camisola, escondida no sótão; ela se recusava a descer se não lhe trouxessem suas roupas. Também Henriette fora encontrada: refugiara-se na despensa, sem ter tempo de se vestir; descoberta pela arrumadeira, subira apressadamente até os aposentos da Superiora. *Madame* ordenara então que trouxessem as roupas da sobrinha. No mais, havia-se constatado que a cama de Henriette não fora desfeita à noite, estando ainda intacta. As outras alunas intervieram: tinham visto freqüentemente, no início da manhã, Henriette vir desfazer sua cama, a

qual certamente estivera antes intocada, já que ninguém desmancha suas cobertas na hora de se levantar!

Nesse instante, a segunda porta se abriu e a Superiora apareceu. Todas as meninas, como que apanhadas em falta, recuaram respeitosamente. Somente a Primeira Irmã não se mexeu, lançando à Superiora um olhar decidido. Por esse olhar e pelo eco que ele causou nos olhos de *Madame*, um entendedor teria podido perceber toda a situação. E se o abade tivesse sido mais perspicaz, teria também visto que o tolo namorico entre Henriette e Alexina não era senão uma ocasião a mais para que as duas mulheres se medissem; mas ainda que pouco regularmente fosse conduzida a batalha. Henriette representaria o ponto vulnerável da tática; a partir de então, levantado o véu que cobria o que havia de suspeito na vida de *Madame*, descobria-se também a fragilidade de sua posição. A abadessa parecia surpresa e indignada: o que faziam ali todas aquelas meninas? Tratava-se do Juízo Final? Que todas voltassem, imediatamente, às aulas. Um gesto de sua mão e todo o bando se dissipou. Com um ar falsamente bondoso, *Madame* exortou a Primeira Irmã a impedir que tais meninas indisciplinadas e briguentas tomassem as rédeas do convento. Ela estava a par do que acontecera e devolvia à Primeira Irmã a responsabilidade pela boa guarda da casa no decorrer do dia. Com um "Está bem!" pronunciado a meia-voz, a irmã deixou o aposento. *Madame* e *Monsieur* ficaram a sós.

Até então o abade nada havia decidido. Era mais de seu gosto comportar-se como espectador mudo e registrar, simplesmente, os fatos. Assim, esperava que *Madame* tomasse a palavra. E uma estória terrível, disse ela, mostrando grande inquietação não pelo caso em si, mas pela agitação que ele haveria de provocar. Será necessário que isso tome tais proporções? Não parece que o diabo tomou conta, de repente, de todos os habitantes do convento? *Monsieur* teve um movimento de defesa e fez três sinais-da-cruz. "Bem — disse *Madame* — o grande erro foi deixar que a coisa fosse tão longe. As irmãs não cumpriram o seu dever!" *Madame* queria a punição da Primeira; o melhor seria enviá-la para um verdadeiro convento. *Monsieur*, por seu

turno, defendia a acusada, por quem tinha grande afeição: ela era indispensável como mestra, e quem a substituiria nas lições de estilística francesa?; isso para não falar de suas qualidades como inspetora. Não, o erro não era da Primeira mas dele próprio e de *Madame*, que nunca com pareceram à reza matinal ou ao desjejum. Se assim fosse, teriam se inteirado mais cedo dos acontecimentos, já que estes tinham se desenrolado às seis ou sete horas da manhã. e já às nove, a multidão de meninas se espalhava por toda parte. *Madame* reafirmava sua posição: as irmãs haviam causado todo o mal, meninas de quatorze ou quinze anos não iriam, por si mesmas, tão longe. Mas *Monsieur* estava interessado principalmente no aspecto moral do caso. "Era comum que meninas dormissem na mesma cama?", "Sem dúvida, as pequenas são como gatinhos brincando." "Mas Henriette já tem quase dezessete anos e a Mestra está pelos dezoito e ensina nas turmas de iniciantes." "Sim, mas a amizade entre as duas mocinhas é muito estreita." "Será que a amizade entre moças se exprime de forma sensual?" "As vezes sim." Mas *Madame* não tinha idéias das dimensões que aquilo podia tomar. Ela tinha, por certo, ouvido algumas coisas, mas em nenhum caso se tratava de fatos graves. Ambas eram simplesmente jovens, cheias de fogo e imaginação. O abade fez um gesto com a mão, como para dizer que a explicação era insuficiente e se voltou para a estante perto da janela. "De qualquer modo", disse *Madame* retirando-se, "essas jovens lobas estão de volta a suas jaulas"; ela ordenaria a Henriette e Alexina que se apresentassem à mesa como se nada houvesse; não seria necessário isolar as duas pecadoras, tudo ainda poderia ser arranjado.

Em que havia ela se enganado? Se ao menos a Primeira não estivesse decidida a malhar o ferro ainda quente! Se *Monsieur* tivesse ao menos renunciado a seu interesse pela moral e a dar ouvidos a todo novo detalhe que lhe trouxesses! Entrementes *Monsieur* havia tomado o Dicionário Eclesiástico e procurava pelo verbete "Sapho"; sem encontrar o que desejava, procurava em "Lesbos" e, como também daí nada resultasse, reportava-se ao artigo "Tri-

badismo". Trouxe o livro consigo para a pele de tigre e neles esteve imerso por mais ou menos meia hora.

No momento, a calma ainda reinava. Mas não, nós não podemos permitir o menor repouso ao leitor: ele deve acompanhar conosco todo o escandaloso desenrolar do incidente, tal como se deu no curso daquela tarde. É preciso que ele atravesse, num vôo rápido, esse antro de feitiçerias a *la Breughel* que é o interior de um convento. De qualquer modo, não temos tempo para entrar em detalhes — mas tampouco o direito de parar para respirar.

Havia um regulamento segundo o qual toda aluna podia, a qualquer momento, dirigir-se ao abade ou à Superiora para submeter-lhes um caso particular ou uma reclamação. Era este um parágrafo adotado em favor dos pais — a fim de que tivessem todas as garantias contra os abusos de autoridade dos órgãos subalternos — mas ao qual não se fazia, quase nunca, referência, dado a disciplina humanitária e quase patriarcal que reinava no convento. Mas parece que a Primeira e as outras irmãs haviam lembrado às alunas a existência desse parágrafo, pois desde as dez horas, quando deixavam suas aulas para comerem sua fatia de pão preto no recreio, reuniam-se as meninas à porta de *Monsieur* — e os mesmos cochichos e risos abafados indicavam ao abade, canções de Safo à mão, que havia novidade. O caso estava especialmente a seu gosto: lhe interessava saber até que ponto a natureza, pecadora em si, podia impelir juvenzinhas inocentes a exercícios sensuais, nos quais havia, sem dúvida, o toque do diabo — ainda que sob forma atenuada — e quais questões de moral teórica e de disciplina prática poder-se-iam aplicar aos acontecimentos. E daí saltava ele em seguida, ousadamente, até a antiguidade, a uma época onde o Príncipe do Inferno não estava ainda subjugado, podendo jogar livremente seu jogo infame e envolver sem apelação as mulheres pagãs nas tramas do pecado, sob a forma do "tribadismo"! Trama da qual hoje ainda no século XIX se podia manifestar, até nos conventos, um débil vestígio, um fio tênue, capaz de testemunhar ainda a força do Mal e etc. etc.

Assim caminhavam os pensamentos de *Monsieur*, que lhe ocupavam por inteiro e que lhe haviam feito há muito esquecer as exortações diplomáticas de *Madame* no sentido de que não deixasse o caso transformar-se numa bola de neve. Nesse estado fez ele entrar duas mocinhas que esperavam, com os lábios muito vermelhos e o pão ainda intacto nas mãos, fechando em seguida a porta atrás delas. "Minhas crianças — disse —, só lhes peço uma coisa, que falem cada uma por sua vez. Não fiquem as duas a me contar, ao mesmo tempo, a mesma estória!" Então, uma verdadeira torrente de lava desabou. Desfilaram todas as estórias mais extraordinárias que as meninas tinham podido reunir durante a última hora de aula, com a ajuda das irmãs preceptoras, ao invés de praticarem a redação, história ou cálculo. Desde muito estavam percebendo coisas bem estranhas entre a Mestra e Henriette; ficavam as duas sempre juntas nos cantos escuros a tagarelar, cochichar; os beijos que se davam eram intermináveis; quando, na aula, estavam separadas, faziam sinais com as mãos e lançavam-se olhadelas. Era incrível ver como corriam uma atrás da outra, e se agarravam como parasitas, sem mais se separarem. De um outro grupo de meninas: "A Mestra é uma pessoa muito esquisita, ela tem coisas que nenhuma outra tem. Ela nunca se banha com as colegas, fica recolhida sob um pretexto qualquer; sempre se negou a satisfazer às necessidades naturais na frente das outras meninas e no entanto é sempre vista rindo com Henriette nos vestiários. Além do mais, durante os últimos seis meses Henriette nunca dorme em sua cama, vai se encontrar com Alexina e se levanta depois bem cedo. Alexina, ou seja, a Mestra, não usa calcinhas como as outras meninas, mas estranhas calças com abertura na frente. Não usa corpete, tem ossos muito grandes; não anda como nenhuma outra moça. Ou seja, a Mestra é uma pessoa muito estranha e por isso sabe coisas que as outras não sabem e é muito mais astuciosa que todas as outras reunidas". De um terceiro grupo ainda, entre as quais uma vizinha de leito de Alexina: pelo que ela tinha escutado, Henriette e a Mestra, fingindo dormir, se davam beijos apaixonados, se abraça-

vam e se tratavam por “minha bem-amada”. Quando de manhã suas cobertas tinham sido retiradas em presença de numerosas alunas, se lhes tinham visto as pernas entrelaçadas e mais da metade de seus corpos nus. E Alexina tinha os membros grosseiros e as pernas peludas como as do diabo.

Estas últimas palavras, que acompanharam um “ohi!” enojado do coro de mocinhas, foram reprovadas por *Monsieur*, pois não estava ele certo de que o diabo tinha pêlo nas pernas, nem, caso tivesse, em que quantidade. E além do mais, não era aquele um assunto para jovencinhas! Uma entre elas, que já fazia parte das mais velhas, disse ter visto Alexina passar a mão sob a saia de Henriette; esta, corando, tinha consentido e, vendo-se as duas descobertas, se tinham ido, rindo. “Ah, é nojento — gritava o coro — é nojento!”. Por fim, outra das grandes garantiu não acreditar que Alexina fosse uma moça: ela era muito astuciosa, sabia tudo, não era doce como as outras, mas dura, brutal; em sua opinião Alexina era um espírito mau que havia tomado a forma de moça e que desapareceria, um dia, deixando todos esses mexericos e muitas outras coisas ainda; depois, disse às meninas que voltassem a suas aulas, pois tudo seria escrupulosamente examinado. Por enquanto, que elas fossem ter com a Primeira e lhe dissessem que viesse vê-lo. “A Primeira, a Primeira!”, gritaram alegrementemente as mocinhas, precipitando-se para fora como loucas.

Enquanto interrogatórios e testemunhos se sucediam no gabinete de *Monsieur*, *Madame*, no segundo andar, parecia ter reencontrado seu equilíbrio. Ao menos, não se rebaixava a pedir informações sobre o que seria feito para manter a ordem. As alunas, entregues a suas inquietações juvenis, que chegavam sempre correndo e naquela mesma manhã lhe tinham vindo trazer, triunfantes, as últimas novidades, pareciam ter passado bruscamente para o lado da Primeira Irmã, com o instinto de ratos que abandonam um navio. Assim, a altiva abadessa, até então toda-poderosa, ficou sozinha com seus romances e cigarros, sem tomar conhecimento do que se passava no andar de baixo. No

apartamento contíguo estavam Henriette e Alexina, silenciosas e recolhidas em si mesmas — consequência, certamente, dos sermões que tinham recebido — mas de resto perfeitamente leves e dispostas. Henriette, sempre admiravelmente bela, com a indolência e despreocupação que uma beleza radiosa permite e consciente de uma impunidade enquanto sobrinha de *Madame*, usava seu vestido creme mais bonito e mantinha serenidade e bom humor. Mas para Alexina era diferente; não somente seu futuro estava ameaçado por um mau passo, como também ela tinha uma certa consciência dos fatos. Ainda que considerasse inocentes e perfeitamente justificáveis suas relações com Henriette, sua educação religiosa lhe fazia julgar severamente tudo o que ali havia de inconveniente para a quase-professora que era; seus escrúpulos morais a tocavam no fundo da alma. Mas, apesar de tudo, seu olhar exprimia um sentimento de triunfo, pois ela tinha ultrapassado vitoriosamente, pela vontade, todos os obstáculos que se opunham a sua inclinação por Henriette; e a amiga continuava, como antes, presa a ela por todas as fibras de seu ser.

Chegou a hora do almoço, único momento em que todas as alunas se reuniam, na ausência das serventes. Como uma procissão ruidosa, o bando de meninas excitadas, febris em sua curiosidade, se espalhou pela vasta sala do velho refectório. Foi então que o impensável se deu: logo que *Madame* fez sua entrada, em companhia de Henriette e Alexina e que as duas tentaram tomar seus lugares habituais, as alunas — sobretudo as menores — tomadas por um pânico repentino se afastaram, gritando de revolta, das duas pecadoras, principalmente de Alexina que, enquanto Mestreira, acompanhava à mesa as mais jovens. As freiras não fizeram sequer menção de intervir e quando com ar ameaçador *Madame* gritou para restabelecer a ordem um “o que significa isso?” fez-se tal agitação e tumulto que as grandes ficaram encurralhadas. *Madame* não resistiu e abandonou as duas à própria sorte. Perspicaz como era, Alexina tinha compreendido, por um único olhar de *Madame*, o rumo que as coisas iriam tomar. Imediatamente tratou de sair, as mãos estendidas para se proteger. A medida em que se aproxi-

mava as alunas recuavam fugindo dela como se fugissem da peste e a deixavam passar. Na turba, ouviu-se então, entre suspiros e exclamações transtornadas, um grito perfeitamente claro: "Lá está! O diabo!" O diabo, o diabo!, repetiam, enfileiradas, fazendo coro. E de fato, considerando aquele rosto ossudo, de traços nobres e bem desenhados, com seus olhos físcantes, encontrava este grito, na imaginação das crianças, uma espécie de justificação. Mal tinha desaparecido Alexina, foi vista Henriette, que num primeiro momento de surpresa tinha se refugiado atrás de *Madame*; olhou hesitante em torno de si, tomou súbito a mesma resolução, abriu caminho e saiu como um furacão. "Lá está sua noiva", gritou uma voz. O grito correu de boca em boca, sobretudo entre as pequenas, como a coisa mais natural: "O diabo e sua noiva! O diabo e sua noiva!" Em seguida, tranquilamente, as alunas se puseram à mesa e as criadas começaram a servi-las.

A massa vencera. *Monsieur* e *Madame* se davam conta agora das dimensões que o caso havia tomado e do mal que, no espaço de poucas horas, havia causado no espírito das jovens sensíveis a rápida cena de alcova do dormitório das grandes. Os gritos agudos, que o chão devolvia em eco, de "a Mestra! a Primeira! Alexina! a noiva!", palavras que os pequenos dentes pareciam triturar em centenas de migalhas e que não cessavam de zumbir como moscas pelo refeitório provavam que já não era mais possível deter o avanço da maré. A dignidade do convento não podia mais ser salva senão pela regularização do caso com franqueza, severidade e disciplina.

Após o almoço, as meninas se dispersaram em grande agitação, ficando *Monsieur* e *Madame* a sós para trocarem ainda algumas palavras. Uma criada em serviço no primeiro andar veio fazer à Superiora uma comunicação em voz baixa. Enquanto isso, esperava à porta do abade a Primeira, que tinha sido chamada já antes da refeição. "Sua presença vem bem a propósito, é necessário que juntos examinemos as coisas bem a fundo." Entraram no gabinete e, as mãos cruzadas nas costas, *Monsieur* se pôs a ir e vir, com ar de muito nervosismo. Não somente se

inquietaava pelo renome e futuro do convento, mas temia também que a seu superior direto, o arcebispo de Rouen, a coisa soasse muito mal. Apesar de tudo, o moralista, o exegeta, o detetive que havia nele não tinham sido ainda reduzidos ao silêncio. O caso era grandioso, medieval! Deus, se Sanchez o tivesse presenciado, o que não extrairia dali! Soavam ainda nos ouvidos do abade aqueles gritos: "O diabo e sua noiva! O diabo e sua noiva!" Era verdadeiramente cruel que suas alunas tivessem encontrado tal expressão! Assim, voltou-se para a Primeira e, em pé diante dela, disse: "É preciso tratar deste caso em duas partes: primeiro, acalmar e reconfortar as hóspedes do convento; em seguida esclarecer o incidente em si, punir as culpadas sem se preocupar com a atitude que elas tomariam e sem levar em conta a Superiora." O abade sublinhou a última parte de sua frase, fazendo assim da Primeira, à qual queria bem incondicionalmente, uma só-lida aliada. No que dizia respeito à primeira parte da tarefa, as alunas deveriam ficar em suas salas e assistir normalmente aos cursos. Quanto à segunda parte, para a explicação do enigma que envolvia o caso, ele desejava saber, da boca da Primeira, até onde podiam ir as carícias, as indecências, e os jogos de mão correntes entre as meninas; se eram coisas declaradas, se faziam parte da confissão, e se aquilo se passava entre as jovens ou as mais velhas, como Alexina. O que pensavam as próprias alunas de todas aquelas coisas? Eram tentações vindas do interior ou do exterior etc. etc.? Este caso, acrescentou *Monsieur* com belo fervor, tem a mais alta significação científica e teológico-moral. No entanto, a Primeira, que mal havia passado dos trinta, se contentou em baixar a face pálida sobre o escapulário e cruzar os braços sobre o peito, sem responder. "Meu Deus — fez o abade, um pouco irritado — se não lhe agrada falar, irei ter com a Superiora." A frase fez efeito: "Me faça perguntas, senhor e eu as responderei como puder."

— As meninas dormem juntas, usualmente?

— Isto não é regular, mas acontece frequentemente.

— Mas com que propósito?

— Muitas das pequenas têm medo de dormir sozinhas.

— E elas chegam a contatos?

— Aqueles que não podem evitar.

— Contatos de natureza sensual?

— Entre as grandes não se exclui essa possibilidade, mas elas raramente dormem juntas.

— Será que quando se deitam as duas acontecem abraços, enlances?

— Eu nunca os constatei. Mas há moças de coração doce, infantil, que mesmo de dia se lançam ao pescoço da amiga, a abraçam e acariciam.

— Mas lhe parece, Primeira Irmã, que estas práticas têm a inspiração do diabo?

— Por nada no mundo.

— A que então atribuí-las?

— Aos sentimentos, ao temperamento.

— Será que eles podem estar maculados pelo pecado original?

— Sem dúvida. Mas decidir sobre o que é humano e o que é diabólico em nossa natureza é mais fácil para o senhor, que tem sabedoria, do que para mim.

— É comum que as meninas passem a mão sob a saia das colegas?

— Passar a mão não, mas olhar, sim.

— Mas de que maneira isso é possível?

— Entre as pequenas, que usam saias curtas, quando sobem as escadas, por exemplo.

— Que interesse têm elas em mente?

— As meninas têm curiosidade de saber se as companheiras negligenciam as roupas de baixo; elas adoram se acusar mutuamente; se, por exemplo, Cecília descobre em Clara roupas de baixo defeituosas, a meia remendada, ela vai contar às amigas que Clara veste anáguas rasgadas e meias furadas. Se Clara percebe essa atitude, vai por sua vez dizer a todo mundo que Cecília olha por sob as saias. É costume das meninas, são apenas tagarelices.

— Isso acontece também entre as grandes como Henriette e Alexina?

— De outras formas e pelo interesse que elas têm por suas aparências.

— Elas chegam a se tocar?

— Sim, quando inevitável.

— Têm elas realmente a intenção de passar a mão pelas diversas partes do corpo?

— As moças se gabam da beleza, da perfeição de seus corpos e as outras querem então se convencer *de visu*; aí está como chegam a se examinar entre si, atentamente.

— Acredita que isto seja resultado de uma inspiração diabólica?

— Eu não saberia dizer. E além do mais, as moças usam nessas ocasiões roupas de baixo de fustão, de algodão, de musseline.

— Musseline, tule, eis justamente o que o diabo adora!

— Então o perigo é muito grande, porque Henriette possui em quantidade roupas finas e caras.

A conversação parou por aí. O abade não tinha avançado em nada. O que ele desejava saber era se as relações de Henriette e Alexina eram de origem sensual ou diabólica, se estavam muito ou pouco dominadas pelo tribalismo ou se não eram senão a expressão excessiva de uma amizade apaixonada, de uma comunhão de almas. Isso a Primeira não lhe tinha podido dizer, já que ela mesma não o sabia, e por serem muito raras as experiências nesse domínio. No primeiro caso, *Monsieur* estava decidido a que a Mestra — apesar de suas excelentes qualificações adicionais — fosse suspensa e Henriette afastada. No segundo caso, uma pequena punição seria suficiente.

Enquanto isso, Henriette e Alexina permaneciam nos aposentos de *Madame*, onde conversas não menos apaixonadas tinham lugar. A hora do lanche, a Superiora desceu aos aposentos do abade, declarando ser absolutamente necessário tomar alguma atitude para salvar a reputação do convento perante a nobreza regional. Podiam-se, é claro, confiscar as cartas, por exemplo, mas durante as visitas dominicais, quando os pais chegavam em suas carruagens para buscar as crianças, o caso não deixaria de transpi-

rar, ao contrário, seria aumentado e deformado. *Monsieur* lançou mão de seus escrúpulos teológico-morais. A Superiora respondeu, um pouco acidamente, que as pessoas não compreendiam mais do que ela as distinções científicas, tratando-se antes de cortar pela raiz os falatórios. Ela pretendia afastar as duas moças do convento por algum tempo, ao que o abade se opunha firmemente. Com isto, disse ele, reconhecer-se-ia a desonra antes de se tê-la comprovado. De todo modo, ele desejava ouvir Alexina. Irritada, *Madame* respondeu que ele poderia e que enquanto esperava, para proteger sua sobrinha de outras injúrias, a confiaria ao cura do vilarejo. E sem esperar resposta, deixou o abade.

Alguns minutos mais tarde, a Mestreira, de olhos úmidos, entrou, por sua vez, no aposento. Atirou-se aos pés de *Monsieur*, chorando e soluçando. “Ah, começou o abade — a senhorita infringiu a nosso convento um grande, um incalculável dano moral — e penso que há um peso ainda maior em sua consciência.” “Meu pai — replicou Alexina num tom insistente e fitando o abade com seus grandes olhos brilhantes —, meu amor por Henriette é puro como a neve do Hebron! Meus sentimentos são como bombos que não conhecem o mal!” Tais palavras não deixaram de impressionar bastante ao abade, cuja alma elevada não era de modo algum insensível às construções poéticas. No entanto, aquela declaração idealista, levando em conta todas lascividades descobertas no meio do dia lhe pareceu tão mal vinda quanto um soco no rosto. Não se pôde impedir de acrescentar: “Mas que dizer dos abraços entre você e Henriette?”. “Ah, meu pai — replicou Alexina em tom do mais puro entusiasmo —, é verdade, eu admirei Henriette, seu corpo, seus olhos, seus cabelos, sua voz, suas maneiras, tudo nela enfim e também suas meias, seus sapatos, em suma, tudo o que ela era, tudo o que ela vestia! E também porque eu mesma não sou nada, não tenho nada e não me pareço em nada com ela! Por sua vez, Henriette admirava, creio, meu espírito, minha energia, meus conhecimentos, enfim, minha alma — o pouco que recebi de Deus. É verdade, nós tínhamos contatos

sempre que possível, ela com minha alma, eu com seu corpo e com um ardor... ah, meu pai! Jamais duas jovens se amaram assim! E, meu pai, o ardor não é permitido na amizade, no amor, como também no arrependimento e na adoração de Deus?”. Agora o abade estava tocado — aquela jovem era mais forte do que ele! “E nunca penetram em sua alma os sentimentos baixos, inconvenientes, o desejo do pecado, minha filha?”, retrucou o abade com certa insistência. “Somente o entusiasmo — gritou Alexina levantando os braços num gesto desvairado — nada senão o entusiasmo, que o próprio Deus plantou em nossas almas!” “Está bem” — disse o abade, levantando a jovem ainda de joelhos — está bem. “Esperemos que tudo se resolva da melhor forma possível. Deus tomará conta de sua alma!” Alexina voltou ao quarto de *Madame*: a partir de então tudo parecia tomar um curso satisfatório.

Entrementes, desde as quatro horas a Primeira trazia um pacote de cartas que se tinham confiscado a Henriette, no momento em que esta, furtivamente, tentava retirá-las de sua mesa de estudos para levá-las consigo. A letra de Alexina tinha sido reconhecida. Poderia seu conteúdo contribuir para esclarecer a relação entre as duas moças? *Monsieur* abriu as cartas e leu, leu durante muito tempo e, no final, já não sabia mais onde estava. Lia aquelas cartas como se tivessem sido de Ligouri ou dos padres da igreja. *Monsieur* era por demais delicado, experimentado, clássico, fino de espírito, para não reconhecer o precioso encantamento que emanava daquelas cartas e que o possuía. Lá estava o bom estilo francês, que se admirava em Alexina e que a tinha, desde cedo, qualificado como professora, senão como escritora. Era então dessas efusões apaixonadas que tal estilo brotava, ou seja, afinal de contas, de uma inclinação puramente temporal! No entanto Alexina se referia sempre a Deus. Encontravam-se, por exemplo, passagens assim: “Você quer fugir de mim. Henriette, tem medo de meus olhos, quando se turvam e do som de minha voz, quando ela se torna seca. Não vê que é muito tarde? Não vê que a tenho entre as mãos como a cera nas mãos de um escultor? Que você deve amar a

moça infeliz chamada Alexina, por ser você tão rica e eu tão pobre? Não acredita em Deus? Não acredita que se tornará terrivelmente infeliz se abandonar a pobrezinha aldeã Alexina, que você ama e adora? Não temos tudo quando estamos juntas? Não estaria, cada uma de nós, completamente desprotegida se estivesse só? Você vê minhas fraquezas, meus braços magros — mas não são seus braços cheios de volúpia? Você acariciava meu corpo magro e encontra um peito murcho — mas você não transborda de vida, seus seios não estão repletos de leite e de sangue? Procurando minhas pernas você não encontra senão tocos de uma fragilidade infantil — mas não são suas coxas tão fortes quanto colunas de mármore e seus joelhos gra-ciosos como ovos de perdiz? Sua alma adormece com facilidade e sua memória nada quer reter, mas não tenho eu força de alma? Eu a conheço e a mim mesma de cor! Você quase não cresceu, fala como uma criança. Mas eu não superei todas as outras e não a atraí para mim? Você não é a pomba, enquanto eu sou o abutre que a protege? E você tem medo de mim, da única que lhe pode salvar! Prefere se atirar nos braços repugnantes de um homem, onde reinem somente a ferocidade, a vulgaridade, a lubricidade?”

Numa outra carta, encontrava-se ainda esta passagem: “Primeiro você foge, depois corre atrás de mim, pensa que sou diferente das outras moças do convento — você deve me odiar por lhe exigir certas coisas, violências que uma boa moça não deveria tolerar — e no entanto, era necessário que as suportasse ainda! Os regulamentos do convento, Henriette, isso a que chamamos de regras de decência não podem servir nem de escada, nem de limite a nossos sentimentos. E aquilo que tivemos, carícias, beijos proibidos, abraços, efusões, aquilo que fizemos em segredo, tudo isso não é nada, na verdade! Não é o que desejávamos realmente. Não passavam de símbolos, já que não nos podíamos exprimir por palavras — assim como o gesto das mãos unidas não é senão o símbolo do que se passa em nossos corações. Se esconde por trás de todas essas coisas algo muito diferente, inexprimível! E, comparado

com isso, o que fazemos juntas e que contraria às regras do convento é totalmente secundário, não é senão uma forma de expressão, uma explosão que se poderia manifestar de outro modo e que se manifesta assim por acaso. Seu amor, Henriette, é tudo para mim. Se você está segura dele, então aconchegue-se a mim, eu a protegerei...”

Finalmente, numa terceira carta, podia-se ler: “Como os homens vêm ao mundo? Nós agora sabemos, porque eu te ensinei! Mas tudo o que acompanha esse ato e o precede não será apenas resultado de obscenidades, de mau cheiro, de vômitos, de respirações confusas, de olhares embrutecidos, de atitudes horríveis? Aqui os atos exteriores são medonhos e o sentimento divino reduzido a sua expressão mais simples. Enquanto que conosco, Henriette, os encontrados são exteriormente delicados, doces, leves, modestos — mas nosso sentimento é profundo, o impulso divino é gigantesco! Ah, eu poderia reter o mundo todo no mais íntimo de minha alma, abraçá-lo, absorvê-lo por inteiro! E você, Henriette, não é senão uma pequena figura à imagem desse mundo, uma figura indizivelmente bela, um peixinho brilhante no grande oceano...”

Já eram cinco horas quando o abade terminou a leitura. Sabia bem que se encontrava em face de um caso extraordinário, de um acontecimento raro. Essa ligação das duas moças datava de muitos meses, tinha amadurecido lentamente, crescido como um ninho de vespas, cêlula por cêlula, até se tornar uma espécie de gigantesca colméia. A Mestra tinha sido o seu arquiteto, criador, iniciador, enquanto que a Henriette cabia um papel passivo. Mas o que *Monsieur* não chegava a compreender era justamente até onde tais relacionamentos físicos tinham ido na vida erótica das duas jovens, cujo lado espiritual se expunha nas cartas entusiasmadas, exaltadas de Alexina. Não se devia supor ali uma intervenção do diabo, uma intervenção sutil, cheia de astúcia? Que Alexina tivesse uma natureza ingênua, ainda que demoníaca, que se vangloriasse da autenticidade de seus sentimentos e que se conservasse ainda inocente e pura, estava fora de qualquer dúvida. Mas o que se devia fazer no momento? Punir,

expulsar, separar aqueles dois seres? *Monsieur* não conseguia tomar uma decisão. Quanto a renunciar a um tanto tão visível como o de Alexina, era algo que não lhe agradava nem sonhar.

Começava a anoitecer. As alunas tinham ainda meia hora de recreio antes das duas horas de estudo que completariam o dia. Reinava entre elas um burburinho de colméia. Se tinham sido recomendadas a não importunarem mais o abade com suas opiniões e observações, trocavam-nas então entre elas mesmas, com as amigas fiéis ou com as freiras. O envio de Henriette ao cura do vilarejo tinha confirmado todas as suas suposições. Sabia-se também que a Mestra, na qual todas viam o verdadeiro *actor rerum*, estava ainda com a Superiora. Por consequência, todos os comentários, todas as hipóteses se concentravam sobre sua pessoa. Mas havia algo ainda pior. O afastamento de Henriette tinha feito com que toda Beau regard participasse agora das discussões e que se tivesse lá a oportunidade de alimentá-las. Como consequência dessa situação, no final do recreio, às cinco e meia aproximadamente, uma das criadas veio bater à porta do abade, instada pela Primeira Irmã, que a acompanhava. O abade fê-las entrar e a criada começou o seguinte relato:

Naquela tarde, havia conduzido Henriette até o cura, a quem entregou uma carta da Superiora. Na volta, foi rodeada por várias pessoas do vilarejo; estas, deram-lhe a entender que sabiam da ocorrência de coisas extraordinárias no convento. Percebendo que já não havia mais segredo a guardar, a criada reconhecera que certas coisas tinham realmente ocorrido. As mulheres então afirmaram que a bela Henriette — assim a chamavam na aldeia — era uma boa moça, como se deve ser, mas que, pelo contrário, a senhorita Alexina, com seus modos altivos, seus ombros largos, sua voz profunda, suas faces encovadas e suas fartas sobranceiras era uma pessoa bastante duvidosa — que o Senhor Deus protegesse o convento! Até que um homem de grande porte, de tez queimada, com uma longa barba e trazendo um machado sobre o ombro, após ter ouvido sem nada dizer, contará o que se segue:

“Há algumas semanas, em uma de minhas andanças — eu sou guarda-florestal — ouvi gemidos no meio de um bosque, longe da estrada principal; aproximando-me, denunciou-me partindo alguns gravetos, mas pude ouvir uma voz de mulher que gemia e uma potente e profunda voz de homem que a acalmava. Depois de ter retirados os últimos galhos, qual não foi minha surpresa ao ver duas moças se levantarem de um salto — já que tinham estado deitadas! A de voz aguda devia estar por baixo, pois não conseguiu levantar-se tão depressa; quanto a outra, sua posição, o estado do lugar, tudo indicava que ela não estivera deitada ao lado da amiga. As duas moças estavam nuas na parte inferior de seus corpos e não tinham podido recolocar suas roupas tão rapidamente, de modo que este detalhe não me escapou. Notei também que a maior, a mais alta, tinha as pernas bastante peludas. Elas partiram, então, e eu não as segui.”

Então, todos os assistentes e ela também, a criada, tinham se comprometido a ficar nas proximidades do convento para o caso do senhor abade desejar ouvi-los; que *Monsieur* agisse agora como bem lhe parecesse.

Depois dessa narrativa, o abade dispensou a criada: queria confabular a sós com a Primeira. A conversação não tinha ainda durado vinte minutos — no decorrer dos quais *Monsieur* tinha mostrado e traduzido para a Primeira diversas passagens de livros em francês e latim — quando uma Segunda Irmã entrou, transtornada, dizendo que centenas de pessoas estavam reunidas na frente do convento, munidas de ancinhos e machados, os punhos erguidos em direção ao edifício, lançando maldições e proclamando que o diabo estava no convento. Imaginando o que fazer naquele estado de coisas, o abade ordenou à Segunda Irmã que contasse tudo a *Madame* e suplicasse por sua vinda. Ajuntou, voltando-se para a Primeira: “O melhor seria ainda fazer entrar o guarda-florestal com seu machado, de modo a acalmar a multidão.” Mas a Primeira topou no caminho, perto do grande portão, com o cura de Beauregard, que ia com toda pressa em direção ao abade. A Irmã fez então meia-volta, enquanto o cura, muito exal-

tado, perguntava imediatamente: "O que se passa? A metade da aldeia está diante de minha porta, me implorando que venha ao convento: um incubo — ou o próprio diabo — violou no bosque a bela Henriette, sobrinha de *Madame*, ou tentou violá-la. Para isso, tomou as feições de uma das professoras do convento, que todos chamam de Mestre. É preciso fazê-la confessar e, se necessário, exorcizá-la. Eis por que vim tão apressadamente." Enquanto o abade punha seu colega informado das peripécias do dia, ouvia-se a turba de alunas subir e descer as escadas gritando: "O diabo e sua noiva! O diabo e sua noiva!" Outras recitavam, sublinhando as palavras, uma canção nova em folha:

"O diabo está triste
E muito amedrontado.
Sua noiva está perdida
E a Superiora apavorada."

Nesse meio tempo apareceu *Madame*, tremendo nervosamente. Contou que as alunas tinham saído bruscamente das salas, como sob um comando-geral, pondo-se a gritar: "O diabo está no convento!" Em seguida, tinham resolvido fazer Alexina sair de seu quarto. A Superiora estava agora convencida de que todo o caso não passava de uma conspiração dirigida contra ela. O diabo tinha tão pouco a ver com aquilo quanto com ela mesma! Os dois eclesiastas assumiram expressões indecisas. Para acalmar toda essa loucura de uma só vez, continuou *Madame*, proponho que o médico da aldeia venha examinar Alexina aqui, em minha presença. Se em seu corpo forem encontradas marcas, sinais de possessão — de que realmente duvido — poderemos então ver se não se recorreria, eventualmente, ao exorcismo. Mas se ficar confirmado — como creio firmemente — que Alexina é uma jovem impecável e intata, não apresentado marcas, sinais, então se deverá pedir contas e punir aos que inventaram esta fábula e a espalharam voluntariamente. Todos se declararam de acordo. Apenas, opinou o cura, dever-se-ia permitir ao guarda que está lá embaixo, excitando as pessoas, que

visse Alexina sem ser visto por ela, de modo a tranquilizar a todos; com efeito, o testemunho não seria válido se ele não reconhecesse a jovem. Também com isso todos concordaram. Quanto ao pessoal do convento, decidiu-se que todas as alunas se reuniram sem barulho no refeitório, sob vigilância das irmãs, até que se pudesse divulgar o resultado das investigações.

Soaram as sete horas. No decurso das duas horas precedentes, dir-se-ia que o diabo estava mesmo solto — a ordem e a disciplina haviam desaparecido do convento. Mas as medidas a serem tomadas tiveram logo um efeito calmante sobre todos. O cura retornou à igreja de Beau-regard para providenciar o cibório e o osculatório, caso viessem a ser necessários, tranquilizando, com algumas palavras, quem encontrava no caminho. Chegado o crepúsculo, se recolheram todos às suas casas. Enviou-se a Primeira até o médico, cuja recepção *Madame* preparava. *Monsieur* também tinha avisado a seu sacristão que providenciasse tudo para o exorcismo. Ele próprio extrairia de seu *Ordinale* as instruções necessárias e se informara em sua *Daemonomania*, de Bodinus, sobre os estigmas corporais resultantes de um pacto com o diabo. As alunas recebiam agora o jantar no refeitório. A noite recém-chegada, em lugar de tranquilizá-las, lhes tinha causado medo e angústia. De comum acordo, tinham pedido que se deixasse o dormitório iluminado durante a noite. Entremettes, o guarda-florestal havia descido e confirmado que a mulher observada há pouco por ele através da porta entreaberta da Superiora e cujos olhos se inchavam de lágrimas era o mesmo incubo que vira antes deitado sobre Henriette.

Eram oito e meia quando o médico se apresentou, um homem jovem ainda, que fizera excelentes estudos em Paris. Ele regressava de uma visita à aldeia próxima, tendo sido informado na volta daquela estória surpreendente. O convento acendera suas luzes e nos corredores e escadarias reinava profundo silêncio. Após recusar o oferecimento do abade, para que consultassem juntos a lista de estigmas dada por Bodinus, foi o médico acompanhado

sem mais demoras pela Primeira até o segundo andar. *Madame* o recebeu com a maior deferência, no salão magnificamente decorado e iluminado que fazia parte de seus aposentos. Na peça contígua, cuja porta se achava entreaberta, não ardia senão uma vela. Era lá que *Alexina*, seminha na beirada da cama esperava o médico. Este, mal trocadas algumas palavras com *Madame*, penetrou no quarto, conservando a porta um pouco aberta, como havia sido instruído. Então, apesar do ruído que *Madame* fazia folheando seu livro, para se distrair e romper o silêncio, podia se escutar um leve murmúrio de expressões polidas, algumas perguntas e respostas rápidas. As duas vezes tinham um timbre profundo, sendo no entanto a do médico mais limpa, mais clara e a de *Alexina* mais surda. A luz deslocou-se de lugar, de modo a não mais se projetar sobre a abertura da porta. Ouvia-se uma ordem e logo um falhar de roupas sendo despidas. Silêncio. Nova ordem — uma recusa, e a ordem repetida num tom mais firme; um suspiro em seguida e de novo roupas a deslizar, um ruído de pés nus tocando o assoalho, uma, duas vezes; ainda um leve falhar e depois algo como o roçar de uma pele sobre outra. Agora, ouvia-se uma voz dizer: “Ah, é isto! É isto, claro!”. Longa pausa, nova ordem; ouviu-se o ranger da cama e alguém a se estender sobre o colchão; as molas gemem. A voz, tranqüila, dá ainda uma ordem, repete-a com mais vigor, exige por fim que seja executada, num tom constringido mas insistente. Gemidos da outra parte.

“O senhor me machuca, assim!”, explodiu *Alexina* de repente. Resposta abafada do médico, respiração forte indicando um trabalho minucioso, difícil. A moça se pôs então a soluçar sem medidas, mas sem gritos de dor; suas lágrimas pareciam inesgotáveis e a elas se abandonava sem forças, sem vontade, desesperadamente. A voz do médico se abrandou, expressou suas desculpas. O ponto culminante do exame devia ter sido superado e a solução encontrada — ainda que, aparentemente, pouco animadora. Passou-se ainda um longo instante antes que se completassem as últimas manipulações. Desde o grito an-

gustiado de *Alexina*, *Madame* tinha parado de folhear o livro e, em pé diante da porta, prestava atenção, a respiração retida. No interior do quarto, os suspiros cessaram, dando lugar a uma espécie de lamento, ritmado pela respiração. Finalmente, após um tempo bem longo — uma hora já se havia passado — ouviu-se o barulho de água derramada numa bacia e imediatamente depois o médico apareceu, com a fisionomia um pouco abalada. *A Superiora* fez menção de perguntar algo. “É um caso bem triste, *Madame* — disse o médico com voz ensurdecida —, preciso fazer um relatório completo que espero poder remeter ao abade amanhã de manhã. Enquanto isso, vos aconselharia enviar, logo que possível — hoje talvez já seja um pouco tarde —, o *jovem Alexina* até o cura da aldeia, trazendo de volta a senhorita *Henriette*.”

Com estas palavras o médico fez suas despedidas, declarou ao sacristão, que esperava embaixo, não ser necessária nenhuma intervenção religiosa e, atravessando o convento, onde reinava um silêncio de morte, voltou para casa.

Eram agora onze horas. Todos dormiam — ou melhor, ninguém dormia! Quem, afinal, teria podido dormir depois de um dia como aquele? Vestidas com longas camisolinas brancas, as irmãs tranqüilizavam, de leito em leito, as pequenas, pois que todas tinham um pavor terrível do diabo. Todas as lâmpadas brilhavam. A Primeira em pessoa ia de um dormitório a outro, a fim de evitar a desordem e o pânico. Ela sabia que tinha vencido.

No andar de baixo, o abade velava, estendido na cama. O sacristão lhe tinha comunicado que nada indicava a necessidade de um exorcismo. Pediu-lhe pois que passasse a mensagem ao cura da cidade, trocou algumas palavras com a Primeira a fim de assegurar-se de que a noite seria pacífica, e foi dormir. Não havia necessidade de recorrer ao exorcismo! Afinal o que pensavam esses jovens médicos? Que poderiam manter a ordem do mundo sem nenhum auxílio do clero? E se não havia *stigmata* algum, então o que estaria errado com *Alexina*? Se o demônio houvesse

usado sua alma, de acordo com os exorcistas medievais, teria que ter deixado marcas físicas em seu corpo. Se, por outro lado, o domônio não estivesse de modo algum envolvido, então Henriette e a Mestra haviam evidentemente cometido um abominável pecado. Como poderiam ter feito coisas tão repugnantes na floresta, mesmo que não houvesse ninguém além delas mesmas que o testemunhasse? Ah sim, lembrava ele agora, muitas vezes nessa primavera Henriette obtera a permissão especial de *Madame* para ir à tarde à floresta, colher lírios com Alexina! Certa vez a vira voltar com ramalhetes de flores e olhos febrilmente brilhantes. Mas e agora, que a Mestra não apresenta *stigmata* em seu corpo? Não sabia o que fazer a esse respeito. Estavam todos aparentemente de volta ao mesmo ponto de partida. No final caberia ao clero dar solução ao caso. Tais eram os pensamentos que percorriam a mente do Abade.

No segundo andar, *Madame* descansava. Tinha sombrios receios a respeito de seu futuro como Superiora. Se às seis da tarde os camponeses estavam diante do portão empunhando suas foices à procura do demônio no corpo de uma professora do convento, era claro que ela teria que arcar com as conseqüências. Desta vez, a Primeira havia jogado certo! A chama que poderia ter sido extinta essa manhã, foi estimulada no momento exato e transformou-se num grande incêndio. Meu Bom Deus, duas moças cujas qualidades físicas e espirituais casualmente complementavam-se, encontradas juntas na cama, trocando carinhos! E agora, o que dizer disso? Na verdade Alexina era uma criatura estranha e as poucas palavras do médico confrimavam que havia algo de muito especial com ela...

No quarto ao lado estava deitada Alexina. Ontem era admirada por todos, prezada por seus grandes dotes intelectuais, chamada de "Mestra" por homenagem de suas colegas. Sabia que as alunas sentiam-se honradas quando lhes dirigia a palavra. Agora era uma criatura infeliz, mortalmente ferida. Seus segredos mais íntimos estavam prestes a serem expostos ao mundo por um médico. Seria

ridicularizada como a encarnação feminina de Satã; perdiria Henriette, a fonte de sua vida. Essa tarde, quando o médico a visitou, se deu conta de que algo de realmente extraordinário acontecia com ela. Quando a examinou dos pés à cabeça, medindo e testando tudo; quando invadiu-lhe mesmo as partes mais íntimas que todos escondem com vergonha, causando-lhe uma dor tão forte que a obrigava a gritar; quando tentou penetrar aquele lugar secreto e sua expressão tornou-se confusa e perplexa, começou a pensar o que poderia ser. Sabia, é claro, que era de algum modo diferente das outras meninas, como Henriette por exemplo, mas nunca havia prestado muita atenção a isso — não são todos diferentes de um modo ou de outro? Algumas meninas têm o nariz adunco, outras o têm arrebitado, e outras ainda o têm reto. Algumas têm a boca feia e grossa; outras os lábios finamente desenhados como uma escultura; algumas têm o peito achatado, outras o busto arredondado; algumas são burras, outras têm a mente refinada. A que se deve todo esse estardalhaço então, e o que tenho eu a ver com isso? Seria essa a razão, por que Henriette se ria todas às vezes que... Se não era isso, então por que aquela dor terrível?

Devia haver sem dúvida alguma coisa lá, pois de onde viria aquela dor terrível? Assim gemia e soluçava a pobrezinha, com os pensamentos à solta.

A noite ainda recobria com seu manto o convento, as pessoas e seus pensamentos. Mas o sol já ansiava, ardente, por irromper e aclarar aquele acontecimento monstruoso, gravando-lhe o desenlace com letras de fogo, em cada cérebro, em cada consciência.

Soaram sete horas. O sol brilhava pelos vidros do gabinete de trabalho de *Monsieur*, o desejo estava servido sobre a escrivaninha; ainda uma vez, *Monsieur* lia o *Theologiae moralis libri sex*, de Ligouri. Nada em seu rosto denunciava inquietude ou distração. O incidente da véspera não tinha deixado marcas de nervosismo; suas feições mantinham a mesma calma elevada e olímpica do dia anterior. Nesse instante, bateu-se na porta. "Entre", gritou *Monsieur*. A zeladora trazia um invólucro de for-

mato grande, que lhe tinham acabado de entregar. *Mon-sieur* o abriu imediatamente, rasgando uma extremidade abaixo do lacre, desdobrou um papel espesso e leu o seguinte:

“Beauregard, 21 de junho de 1831.

De Adolphe Duval, médico agregado da Faculdade de Paris,

ao senhor de Rochechouart, Douay.

Senhor

No que concerne ao resultado do exame corporal feito ontem à noite na senhorita Alexina, de dezoito anos de idade, tenho a honra de vos informar o que segue:

Alexina que, como moça, é de estatura particularmente grande, deve ser incluída, como homem, entre os homens grandes. Seu rosto magro testemunha grande inteligência, seu olhar convergente é sem dúvida de tipo masculino; as arcadas superciliares, muito proeminentes, recobrem olhos vivos e inteligentes; não há traço de barba; seus cabelos são um pouco mais longos do que o normal, mas estão longe de atingir o comprimento dos cabelos de uma mulher. Alexina tem voz de contralto. Todo seu corpo é alongado, musculoso, desprovido de curvas graciosas. Na parte superior, apresentam-se caracteres femininos, pele fina, débil formação da mama, dotada de um mamilo feminino. A parte inferior surpreende desde o início por sua pilosidade abundante, negra e de características masculinas; revela igualmente, em sua disposição geral, um caráter masculino. As coxas, até o joelho, não mostram a convergência comum entre as mulheres. Se as mãos são pequenas, em contrapartida os pés são grandes e fortes. A primeira vista e também após mensuração, mostram os quadris ausência completa de alargamento lateral, indicando uma disposição geral de caráter totalmente masculino. O *mons veneris*, fortemente piloso, recobre à primeira vista o aparelho genital. Este apresenta os *labia majora* ligeiramente abertos e estufados, atrás dos quais aparece os *labia minora* pouco desenvolvidos. O *introitus vaginae* é tão estreito e sua penetração tão dolorosa que termina, sem nenhuma dúvida, numa extremi-

dade fechada, não se prolongando num útero — a menos que exista um útero muito rudimentar, impróprio à ovulação e menstruação. Em compensação, os *labia minora* envolvem em sua parte superior um corpo carnudo, de extremidade perfurada e que verificou-se tratar de um *membraum virile* característico. Ele é capaz de ereção, ainda que tenha seu pleno desenvolvimento impedido por um *ligamentum*, que se estende a partir dos *labia minora*. A perfuração não é senão a saída da uretra, cuja outra extremidade desemboca na *vesícula urinaria*. Não se encontram em nenhuma parte testículos, os quais parecem estar alojados dentro do abdômen. Logo, portanto, Alexina é um ser híbrido, hermafrodita. Acrescentando que durante o exame tenha havido *ejaculatio seminalis* involuntária, provocada por uma excitação psíquica momentânea e que o microscópio tenha revelado claramente a existência de espermatozoides normais, em movimento, pode-se dizer que Alexina é um hermafrodita masculino. É portanto um homem e, mais ainda, um homem capaz de reproduzir.

Cumprindo os deveres de que sou incumbido, já informei às autoridades que providenciassem as modificações necessárias no registro do local de nascimento de Alexina; deixo ao encargo de Vossa Eminência as outras providências a tomar para uma alteração definitiva no estado civil de Alexina.

Com meus votos de consideração,
assinado: Alphonse Duval.

No mesmo dia, Alexina foi encaminhada de volta a seus pais. A senhorita Henriette de Bujac, de volta ao convento, se viu obrigada ao fim de seis meses aproximadamente a deixar o estabelecimento; foi enviada a uma tia que habitava uma região distante, no campo.

Com ela, a senhora de Vrémy deixou definitivamente o convento e a Primeira Irmã foi promovida a Superiora.